



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

A

858,448



CHRESTHOMATHIA,

OU

COLLECCÃO DE TRECHOS E EXCERPTOS

DE

PROSA E VERSO DE DIFFERENTES

ESCRITORES,

PARA USO DAS ESCOLAS DE INSTRUCCÃO PRIMARIA,

PELO BACHAREL

M. V. FIOCK ROMANO,

Lente substituto da cadeira de philosophia do Collegio Paraense.

OBRA ADOPTADA PELA INSTRUCCÃO PUBLICA

DA

PROVINCIA DO PARÁ.

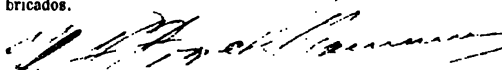
Deposito na Casa da Imprensa

S. LUIZ DO MARANHÃO.

1867.

869.8
R759ch

O autor reserva para si o direito de propriedade,
e serão falsificados os exemplares que não forem ru-
bricados.

A handwritten signature in dark ink, appearing to be 'J. P. de Souza', written in a cursive style with a horizontal line underneath.

PROLOGO.



Instado por alguns amigos para publicar este livro, cedo mais aos reclamos da amizade do que ao desejo de foros de escriptor.

Estelivro é o resultado da reunião de locubrações alheias. Se é possível que tenha algum merecimento, é apenas o de appresentar reunidos em uma collecção—ideas e principios, professados pelas nações cultas, promettedores de successos, corroborados pela acquiescencia de espiritos competentes, em summa authorisados pelos sabios.

Os bellos rasgos do grandes genios, que illustram cada nação com suas litterarias fadigãs, incitam a mocidade a tomal-os por norte, habilitando-a para exercitar a razão sem anniquilar a imaginação, porem collocando-a sob a direcção d'aquella.

A educação da mocidade é sem contestação um dos objectos da mais elevada importancia. E' só quem pode abrir-lhe um caminho largo para seus futuros destinos. Por essa razão a educação moral e litteraria da mocidade merece sempre a maior attenção e sollicitude do governo e dos amigos da humanidade.

Desejando cooperar com uma pequena pedra para a

construcção da grande obra da educação, colleccionei de escriptores de nota, e dos classicos, que fixaram, puliram e escreveram com pureza o nosso idioma, a presente —*Chresthomathia*— em prosa e verso.

Meu principal intento foi reunir os bons modelos que se acham em diversos volumes, onde estão dispersos os salutaes conselhos da experiencia.

Me pareceu sempre conveniente avezar os discipulos de instrucção primaria á leitura de escriptos sobre diversos assumptos e estylos, onde a variedade não lhes cance a attenção, accostumando-os assim á regencia ou analyse de trechos, que appresentam diversas phrases e construcções boas e sans.

Se a escolha que fiz foi adequada á cultura moral e litteraria da mocidade estudiosa do Pará, é o que não me cumpre decidir: nutro porem a convicção firme e bastante robusta de que em nada se afasta das ideas em que se deve assentar a instrucção moral e litteraria da mocidade, sendo que, pelo contrario appresenta melhora no desenvolvimento das condicções, que o progresso requer, que a experiencia aconselha e que a necessidade impõe ao ensino.

Pará, 30 de dezembro de 1867.

HERACLIO VESPASIANNO FIOK ROMANO.

CHRESTHOMATHIA.



PARTE PRIMEIRA.



SÓ O AMOR DE DEUS É O VERDADEIRO AMOR.

Que homem ha, que não derrube, se pode, o que está mais acima, para fazer delle degráo á sua fortuna? Se fores como Abner, tereis um amigo como Joab, que com um abraço vos tire a vida, para succeder no vosso officio: se fores como Mephiboseth, tereis um criado como Ciba, que vos levante um falso testemunho, para herdar a vossa fazenda: se fores como Esaú, tereis um irmão como Jacob, que com engano vos furte a benção, para entrar no vosso morgado: se fores como David, tereis um filho como Absalão, que rebelle contra vós os vassallos, para pôr na cabeça a vossa coroa. E se podesseis ser como Christo, não vos faltaria um discipulo como Judas, que vos vendesse pelo menor interesse, e vos entregasse nas mãos de vossos inimigos, e vos puzesse em uma cruz. Deste homem disse o mesmo Christo: *Homo pacis meæ, in quo speravi: magnificavit super me supplantationem*: o homem, em que esperei, me fez a maior traição. Esperae lá e fiae-vos de homens, com quem não vale a obrigação, nem a amisade, nem o sangue, nem a mesma fê, para vol-a guardarem. Só

vos não fazem mal, enquanto não esperam algum bem da vossa ruina. O primeiro, e o melhor homem deu com todo o genero humano atravez, só por subir aonde não podia, e ainda elle e nós estiveramos caídos, se Deus para nos levantar não descera: *descendit*.

(P. Antonio Vieira. —SERMÕES.)

A CUBIÇA E A SENSUALIDADE, SÃO AS CAUSAS PRINCIPAES DO PERDIMENTO DO MUNDO.

Uns se perdem pelas drachmas, outros pelas damas. A cubiça cega a uns, a sensualidade cega a outros, e a cubiça e sensualidade juntamente a quasi todos. Estes são os dois feitiços que levam após si o mundo, e o trazem perdido.

No Evangelho introduziu Christo em parabola um banquete, que significava a Gloria e Bemaventurança do céu. Foram chamados muitos convidados a este banquete, e escusaram-se delle com trez generos de escusas. O primeiro disse que tinha comprado uma quinta, e que a ia ver: o segundo que tinha comprado uns bois, e que os ia provar: o terceiro, que se tinha casado naquella dia, e que não podia ir. De maneira que, os dois primeiros escusaram-se com a fazenda, e o ultimo *escusou-se com a mulher*; porque mulher e fazenda são *as duas cousas que mais apartam os homens do céu, os dous laços do demonio*, em que mais almas se pren-

dem, e se perdem. E notae, que os dous primeiros escusaram-se com fazenda; mas com fazenda que compraram: *Villam emi, joga boum emi quinque*. O terceiro escusou-se com mulher; mas com mulher com quem se recebêra: *Uxorem duxi*. Pois se a fazenda comprada vos impede, que não vades ao céu, que fará a fazenda roubada? Se a mulher propria vos estorva, que não vades ás bodas da gloria, que fará a mulher alheia? Alheio e mulher? Deus vos livre: isto é o que todos buscam.

(Idem.)

COMO SE DEVE FAZER A PRÉDICA.

O prégar ha de ser como quem semêa, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrellas: *Stellæ manentes in ordine suo*. Todas as estrellas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrellas, como os pré-gadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra ha de estar negro: se de uma parte está dia, da outra ha de estar noite: se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra: se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver n'um sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu con-

trário? Aprendamos do céu o estylo da disposição, e também o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. Assim ha de ser o estylo da prégação, muito distincto e muito claro. E nem por isso temaes que pareça o estylo baixo: as estrellas são muito distinctas, e muito claras, e altissimas. O estylo póde ser muito claro, e muito alto: tão claro, que o entendam os que não sabem; e tão alto, que tenham muito que entender nelle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações, e para os sens juisos. De maneira, que o rustico e o mareante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrellas, e o mathematico, que tem lido quantos escreveram, não alcança entender quanto nellas ha. Tal pode ser o sermão: estrellas, que todos as vêem e muito poucos as medem.

(Idem.)

O QUE CONSTITUE O PRÉGADOR.

O sementeiro, e o prégador é nome; o que semêa, e o que prega é acção, e as acções são as que dão o ser ao prégador. Ter nome de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada: as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor *conceito*, que o prégador leva ao pulpito, qual cuidaes

que é? E' o conceito que de sua vida tem os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo; hoje porque não se converte ninguém? Porque hoje prégam-se palavras e pensamentos: antigamente prégavam-se palavras e obras. Palavras sem obras, são tiro sem bala; atroam, mas não ferem.

Sabem, padres prégadores, porque fazem pouco abalo os sermões? Porque não prégamos a os olhos, prégamos só aos ouvidos. Porque convertia o Baptista tantos peccadores? Porque assim como as suas palavras prégavam aos ouvidos, o seu exemplo prégava aos olhos. As palavras do Baptista prégavam penitencia: *Agite pœnitenti*: Homens fazei penitencia; e o exemplo clamava: *Ecce homo*: eis-aqui está o homem que é o retrato da penitencia e da aspereza. As palavras do Baptista prégavam jejum, e reprehendiam os regalos e demasias da gula; e o exemplo clamava: *Ecce homo*: eis-aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos, e mel silvestre. As palavras do Baptista prégavam composição e modestia, e condemnavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: *Ecce homo*: eis-aqui está o homem vestido de pelles de camelo, com as cordas e cilicio á raiz da carne. As palavras do Baptista prégavam despegos e retiros do mundo, e fugir das occasiões, e dos homens; e o exemplo clamava: *Ecce homo*: eis-aqui o homem que deixou as côrtes e as cidades, e vive n'um deserto e n'uma cova. Se os ouvintes ouvem uma cousa, e vêem outra, como se hão de converter?

(Idem.)

O MELHOR E MAIOR PREMIO DAS ACÇÕES HEROICAS.

Ou mereceis os premios, que vos faltam e com que vos faltam, ou não: se o não mereceis, não tendes de que vos queixar: se os mereceis muito menos. Ainda não sabeis que não ha virtude, nem merecimento, sem premio? Assim como o vicio é o castigo, assim a virtude é o premio de si mesma. O maior premio das acções heroicas é fazel-as. Com melhores palavras o disse Seneca, porque fallava em melhor lingua: *Quid consequar (inquis) si hoc fortiter si hoc graté fecero? Quod feceris.* Se me perguntas, que has de conseguir pelo que fizeste, ou forte, ou generosamente? Respondo-te que tel-o feito. *Rerum honestarum pretium in ipsis est.* O premio das acções honradas, ellas o tem em si, e o levam logo comsigo; nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende de outrem: são satisfação de si mesmas. No dia em que as fizestes, vos satisfizestes.

-E se fóra de vós mesmo esperaveis outro premio; contentae-vos com o da opinião e da honra. Se vossos serviços são mal premiados, baste-vos saber que são bem conhecidos. Este premio mental assentado no juizo das gentes, ninguem vol-o póde tirar nem diminuir. Que importa que subaes mal consultado dos ministros se estaes bem julgado da fama? Que importa que saisseis escusado do tribunal, se o tribunal fica accusado? Passae pela chancellaria esse despacho, deixae-o por brazão a vossos descendentes, e sereis duas vezes glorioso. Só vos dou licença, que vos arrepen-

daes de ter pretendido. Pouco fez, ou baixamente avaliava suas acções, quem cuida, que lhas podiam pagar os homens.

Se servistes a patria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que deveis, ella o que costuma. Mas que paga maior para um coração honrado que ter feito o que devia? Quando fizestes o que deveis, então vos pagastes.

Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão, que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas daquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes estatua o Senado; a Catão o mundo. Deixae perguntar ao mundo, e admirar-se de vos não ver premiado. Essa pergunta e essa admiração é o maior e melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não vol-o póde tirar a inveja: o que vos deu a fama, não vol-o pode tirar a ingratidão. Deixae-os ser ingratos para que vós sejaes mais glorioso. Um grande merecimento sobre uma ingratidão fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagrado, dae-lhe graças.

Mas quando as mercês não são prova de ser homem, senão de ter homem; e quando não significam valor, senão valia; pouca injuria se faz, a quem se não fazem. Dizia com juizo Marco Tullio, que as mercês feitas a indignos não honram aos homens, affrontam as honras. E assim é. As commendas em semelhantes peitos não são cruz, são aspa: e quando se vêem tantos ensamble-

nitados da honra, bem vos podeis honrar de não ser um delles. Sejam esses embora exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude: *Virtutem ex me, Fortunam ex aliis.*

Se não beijastes a mão real pelas mercês, que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno dellas. Olhe o rei para vós como para um perpétuo acredor: gloriae-vos de que se não possa negar de devedor vosso, o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue, e arriscar a vida, mostrae que também vos não falta para o soffrimento. Então batalhaste com os inimigos: agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas e de envergonhar com ellas a patria por quem as recebeu. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se em fim se vê morrer á fome, deixe-se morrer, e vingue-se. Perdel-o-ha quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse desengano.

(Idem.)

EXEMPLO DE CONFIANÇA EM DEUS.

El-Rei Pompilio, segundo rei dos romanos, entrando uma vez os inimigos por sua terra, foram a toda a pressa os seus vassallos, dizendo-lhe quê a fosse *defender, antes que crescesse mais o damno*; porém o religioso Pompilio virando branda e mansamente o rosto respondeu a quem lhe isto dizia, que estava sacrific

do; e com esta resposta lhes deu de mão, e desviou que o não desoccupassem de seu exercicio, dando a intender (bom exemplo de gentio), que mais se refreava a furia dos inimigos com o favor e ajuda de Deos, que com poderosos exercitos. E assim foi que acabado o sacrificio, ajuntou sua gente, com que desboratou logo seus inimigos, alcançando d'elles maravilhosa victoria.

O proprio aconteceu ao conde D. Nuno Alvares Pereira na batalha de Valverde, onde estando em oração entre dous penedos, chegaram a elle os seus com demasiada pressa, dizendo-lhe o aperto e mórtal perigo em que estava o seu campo, e o damno que do castelhano recebia, e que o fosse atalhar com sua pessoa por que todos o achavam já menos da batalha, com que iam afrouxando a furia de seus braços. O conde revolvendo suave e brandamente o rosto (qual outro rei Pompilio) respondeu aos mensageiros, que ainda não era tempo, que o deixassem orar, dando-lhes de mão, pelo não divertirem de acto tão pio, e importante a seu intento; como quem mostrava que as mudas vozes de sua oração eram armas com que havia de rebater as de seus inimigos, e alcançar delles victoria. E assim foi: porque acabada sua oração, meteu mão á espada, e ferindo os castelhanos os enxotou do campo com igual prosperidade á confiança em Deos, ficando absoluto senhor d'elle, e com mór honra que em Aljubarrota, por se ajuntarem aqui os restos das forças castelhanas, e ser estimado em muito mais gente e dentro em suas próprias terras, e a victoria alcançada por sua pessoa.

EXEMPLO DE RELIGIÃO E CULTO.

Judas Machabeo depois de vencer a Lysias, capitão d'el-rei Antiocho, subiu-se acompanhado dos seus ao monte de Sião, onde achando os altares e logares santos contaminados e damnificados por seus inimigos, se lhe trocou em dobrada paixão e sentimento a alegria, e prazer da gloria que da passada victoria alcançara do capitão Lysias; e acudindo logo com pio animo pela honra de Deus, começou pessoalmente com os seus, que alli se acharam, a limpar, e lançar fóra a immundicia, e pouca limpeza dos logares santos, com que eram profanados, com tanta devoção e piedade como lagrimas de seus olhos.

Assim o fez o santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira n'outra semelhante occasião: o qual depois de ter vencido e desbaratado os principaes capitães de Castella, na memoravel batalha que chamam de Atoleiros (por haver alli muitos), meia legoa de Fronteira, villa de Alemtejo, que foi uma das maiores, que se alcançaram em Hespanha, por dar graças a Deus da mercê que lhe havia feito, e por sua particular devoção se foi um dia de Endoenças, acompanhado dos seus a pé e descalço em romaria á igreja de Nossa Senhora de Assumar, uma legoa da Villa de Monforte, e entrando nella a viu tão descomposta, e suja, e cheia de esterco dos cavallos e ginetes, que n'ella os castelhanos mettiã, *quando por alli passavam, do que compadecido e escandalizado, o catholico e pio conde esquecido da vic-*

toria passada com o presente objecto, se lhe arrancava a alma, do que era boa testemunha a corrente das lagrimas de seus olhos.

Porém, qual o Machabeo, acudindo pela honra da religião, a fez limpar, sendo elle o primeiro que com singular devoção e humildade a começou varrer e lançar fóra a immundicia com notavel exemplo e edificação de todos.

FRANCISCO SOARES TOSCANO.

(Paral. de Principes.—Cap. 11.)

EXEMPLO DE FÉ E PALAVRA.

Marcò Attilio Regulo, capitão e consul romano, sendo em certo recontro dos Carthaginezes desbaratado e prezo, foi por elles enviado por embaixador á Roma, pedir, e requerer ao senado quizesse fazer troca e cambio de uns captivos pelos outros; e sendo-lhe dado juramento, que ou negociasse, ou não; se tornaria á sua prisão, se partiu caminho de Roma, e por não negociar sua embaixada, em cumprimento de seu juramento, se tornou a Carthago, despresando o medo da morte, por não quebrar o juramento de sua religião.

Assim o fez o Padre Fr. Antonio Loureiro, da ordem do Serafico Padre S. Francisco, que sendo captivo com outras pessoas em um naufragio em Currato, na costa

de Cambaya, e apresentado a el-rei Mamudio, inimigo severo dos Portuguezes, foi por elle enviado a Goa em busca de resgate para elle e seus companheiros, com tal condição, que não o achando, se tornaria á sua prisão de Cambaya a certo tempo e dia, que lhe assignou el-rei Mamudio, e em signal e prenda de que assim o faria lhe deu o seu cordão, que o barbaro recebeu, dizendo que acceitava o tal penhor por saber que os christãos com só a verdade conquistavam o mundo: e jurando Fr. Antonio pela sanctidade daquella aspera corda, insignia principal de sua religião serafica, de tornar á sua prisão com o resgate, ou sem elle, fez sua viagem, e como chegando a Goa não achasse o governador nella, nem menos negociasse sua pretenção, em cumprimento de seu juramento se tornou (como fez Regulo) á sua prisão de Cambaya, estimando mais, com notavel constancia, offerecer-se á morte, que violar a promessa de sua religião. O que poz no barbaro rei, e nos grandes de seu reino tanto espanto de feito tão admiravel, que sem preço algum lhe deu com os mais captivos liberdade, honrando-os sobre tudo com muitas dadivas e mostras de amor, e louvando os Portuguezes de homens de estremada fé e palavra, inviolaveis observadores de sua lei e religião.

(Idem—Cap. 14.º)

EXEMPLO DE AMOR FILIAL.

O imperador Decio pelo muito que amava ao pri-

cipe Decio, seu filho, determinou coroa-l-o em sua vida, e largar-lhe o imperio; mas o principe com egual amor ao do imperador seu pae, e como principe avisado e de singular virtude se escusou da dignidade imperial, e por mais que nesta parte o pae com vivas razões lhe persuadia o contrario de seu grande e leal amor e obediencia, elle, com outras mais urgentes e pias, desviou o imperador de sua pretensão, dizendo publicamente que seu pae regesse o imperio, que quanto elle, o senhorio, de que se mais contentava em sua vida, era obedecer-lhe. E assim obrigou ao pae ter a coroa e o regimento do imperio, com não menos contentamento seu, do que se já começára a imperar.

Similhante (mas antes com mais vantagem) exemplo de amor e obediencia mostrou o principe D. João com el-rei D. Affonso V, seu pae; do qual sendo este principe persuadida, e quasi constrangido (quando veio de França, e o principe o fôra receber a Oeiras, logar junto a Lisboa) tomasse a coroa e hereditario sceptro, e se chamasse, e fosse rei de Portugal, elle o desviou de seu proposito, e como principe tão excellente, e filho obediente, como elle era, não só não condescendeu ao gosto d'el-rei seu pae, mas o titulo de rei, que por seu mandado (estando elle em França com propositos de se ir a Jerusalem) tinha cá tomado, lh'o renunciou nas mãos com não pequeno desgosto d'el-rei, que por muitas vezes o quizera de todo obrigar, se o prudente principe com outras razões de egual honestidade aos *merecimentos*, se não escusára; dizendo publicamente

(como fez Decio), que o não obrigasse tomar a coroa real, nem seu título em quanto sua alteza fosse vivo, porque em tal caso antes havia desobedecer, que consentir em seu desejo.

E por que o não poderam demover de sua honrada e louvada consciencia, ficou D. Affonso com o plenário poder e dignidade real, e D. João, seu filho, principe como d'antes, e em vida d'el-rei nunca acrescentou seu nome; o que de todos em geral foi muito louvado e engrandecido.

(Idem—Cap. 42).

EXEMPLO DE AMOR DA PATRIA.

Estando Pompeo Magno indignado contra os Mamer-tinos por seguirem as partes de Mario, capitão também romano, seu mortal inimigo, prometeu de os metter todos á espada, e a nenhum conceder a vida. O que sabendo Sthenio, principe daquella cidade (em que Pompeo o tinha cercado), por salvação della e de seus cidadãos, lhe saiu ao caminho e lhe disse, que os seus eram sem culpa alguma, e que elle Sthenio a tinha toda pelos persuadir a favor de Mario, e a pelejar por sua defensão; e que pois assim era na verdade, delle tomasse vingança, e executasse a pena, que por seu respeito seus cidadãos e naturaes mereciam.

Espantado Pompeo do forte e constante animo de *tão bom varão* (caso tão raro e novo para elle), que

pela salvação e saúde de seu povo antepunha sua vida e honra; não só lhe perdoou e o deixou livremente, mas engrandecendo sua virtude, levantou o cerco, salvando a cidade da ira de sua protestação.

O mesmo fez D. Egas Moniz, aio e grandissimo privado do sancto rei D. Affonso Henriques, n'outra semelhante occasião; o qual por livrar seu principe e senhor, e Guimarães sua patria, do poder d'el-Rei D. Affonso de Leão, chamado imperador (que ao principe D. Affonso Henriques na villa tinha cercado, por não lhe querer reconhecer vassalagem, e haver sido já delle desbaratado e ferido de duas lançadas em uma perna na batalha dos Arcos de Valdevez, não longe da ponte da Barra e correntes do rio Lima, deixando sete condes captivos) fez com el-rei que levantasse o cerco, promettendo-lhe que o principe iria a suas cortes; por cujo respeito el-rei de Leão se foi para Castella, e estando em Toledo para fazer côrtes a que o principe D. Affonso não quiz ir, nem era obrigado por não saber de tal concerto, Egas Moniz, á troco da palavra do principe mal cumprida, se foi a Toledo e se offereceu ao imperador (como fez Sthenio) e a dois filhos seus, e com sendos barãos ao pescoço (como se vê em sua sepultura de Paço de Sousa, onde estão tirados ao natural, seguindo a jornada a cavallo com o dito seu pae) dizendo-lhe que delle e de seus filhos tomasse vingança e satisfizesse a má vontade que tinha aos Portuguezes, mormente ao principe seu Senhor.

Muravilhado o imperador de tão raro exemplo de

lealdade, por conselho dos senhores, que presentes estavam, e o feito engrandeciam, não só perdoou ao leal Egas Moniz, e o mandou com muita honra livre para Portugal com os filhos; mas ainda perdeu o nojo que tinha aos Portuguezes.

(Idem:—Cap. 43.)

EXEMPLO DE CONTINENCIA.

Scipião Africano, entrada e tomada á força de armas a cidade de Carthagená em Hespanha, entre os despojos e captivos, foi preza uma donzella hespanhola, extranhamente formosa, de pouca idade; e trazida a Scipião, o qual a mandou guardar com toda a honestidade e cortezia possível; e depois sendo informado que era pessoa de nobre linhagem a fez entregar a seus paes e a Lucio seu esposo, principe de alguns povos da Celtiberia, e para seu dote e casamento lhe deu com ella o que seus paes e parentes lhe promettiam e davam por seu resgate; acrescentando a isto muitas honras que lhe fez, estando presente ás suas bodas.

Similhante, ou com mais virtude, o fez o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, em tempo das guerras entre Portugal e Castella; que entrando uma vez por ella gentes de seu arraial, com seu capitão, chegaram a uma aldêa, onde prenderam uns noivos que se iam receber á egreja, e apresentando com grande contentamento esta preza ao pio conde, elle se anojou muito

e mostrou pelo successo entranhavel sentimento, reprehendendo asperamente ao capitão que tal consentira que os seus fizessem: e sabendo pessoalmente dos noivos que lhes não fôra feita deshonra e affronta alguma, ou descómedimento e descortezia contra sua honestidade e limpeza, se alegrou, e estimou tanto a resposta, como a melhor victoria que alcançara em sua vida. E não só lhes deu liberdade com os mais prisioneiros, mas excedendo os termos da humanidade e clemencia os acompanhou para mór segurança e mais honra até á aldêa, dizendo á noiva, que a queria mais honrar do que a honraram os que a prenderam: e assistiu em seu recebimento, fazendo-lhe muita festa, cantando nella os de sua capella; e aos noivos deu algumas peças da sua camara, com que ficaram mui ledos e contentes, louvando a alta e heroica virtude do pio e christianissimo conde D. Nuno Alvares Pereira.

(Idem.—Cap. 22).

EXEMPLO DE HUMANIDADE E CLEMENCIA.

Scipião Africano entre os despojos e captivos; que em Hespanha alcançou de Asdrubal, capitão de Carthago, foi um menino filho d'el-rei de Numidia por extremo gentil homem, e sabendo que não tinha pae e se creára em casa d'el-rei Massinissa, seu avô, o teve comsigo um golpe de tempo, no fim do qual, fazendo-lhe largas

mercês, o mandou a Massinissa liberalmente, como filho do rei que era, sem por elle querer resgate algum.

De similhante humanidade e liberalidade usou el-rei D. Affonso IV com o infante Abobamo, filho de Abbohali, rei de Sejulmença, que na batalha de Salado por sua mão captivára no campo; o qual infante el-rei teve neste reino um pouco de tempo, tratando-o sempre não como captivo e mouro, mas como filho de rei que era, e no cabo o mandou a el-rei seu pae, graciosamente (posto que pelo seu resgate lhe offereceram grande somma de ouro) acompanhado de muitas mercês, que por sua hida, e d'antes el-rei lhe fizera, como o fez Scipião.

Não menos o fez el-rei D. Affonso V em feitos e appellido similhante a Scipião, quando ganhou á força de seu valeroso braço a villa de Arzilla em Africa, onde entre outras pessoas, veio a seu poder Mafamede, filho de Moley Xequé (grão senhor entre os mouros, e senhor de Arzilla), que depois veio a ser rei de Féz) que trouxe a Portugal captivo, onde o teve sete annos, no fim dos quaes el-rei o enviou livremente ao pae sem por seu resgate querer algum preço, mas que o gosto de sua liberdade, fazendo-lhe muitas e grandes mercês, e com tanta grandeza, que não tinha de prisioneiro mais que o nome: e o Moley Xequé soube tão bem agradecer a liberalidade e cortezia d'el-rei, que foi depois causa unica de deixar com facilidade o cerco da Graciosa, reinando já el-rei D. João II, seu filho.

EXEMPLO DE ABSTINENCIA.

Lucio Paulo Emilio, consul romano, sendo tão grande e rico o despojo que se achou no campo d'el-rei Perseo de Macedonia, quando o venceu e prendeu, não tomou delle mais que uma taça de prata de pouco preço, de que se não logrou pola dar a seu genro Tubero, ou Cayo Elio, como quer Plinio, em paga' e galardão do que em seu favor e ajuda fizera na batalha.

Similhante abstinencia foi a d'el-rei D. Affonso Henriques, na milagrosa batalha do campo de Ourique, em que venceu e desbaratou cinco poderosos reis mouros: sendo tão grandes e ricos os despojos, e em tanta copia, el-rei os repartiu igualmente pelos seus vencedores, e tomou para si somente dezenove bandeiras e alguns pendões, que mandou pendurar pelas egrejas do reino em memoria deste tão notaval vencimento, cuja gloria (similhante a Paulo Emilio) lhe coube por despojo.

O mesmo fez o infante D. Sancho, seu filho, que do grande e grosso despojo de Albujaque, rei de Sevilha, que venceu e desbaratou nos campos de Axarafe, não tomou para si mais que a honra de tão bom feito, e o gosto de repartir tudo pela sua gente.

Pois a el-rei D. Affonso IV quem lhe tira sua gloria em similhante occasião? Como foi na batalha do Salado e contra o imperador de Marrocos e el-rei de Granada, quando foi em ajuda d'el-rei D. Affonso XI de Castella, seu sobrinho e genro, sendo tão opulento e de preço estimavel o despojo, que no campo (vencida a batalha) se achou, el-rei

de Portugal, attendendo mais á gloria do vencimento, que a seu particular interesse, não quiz delle mais que o infante Abohamo, filho de Abbohali rei de Sejulmença, que elle por sua mão captivára no campo, e o trouxe a Portugal, donde depois com muitas mercês o mandou a seu pae graciosamente, posto que pelo seu resgate lhe offereciam grande somma de dinheiro.

Tomou mais el-rei cinco bandeiras, que poz na Sé de Lisboa para memoria e lembrança desta insigne victoria, e algumas espadas, e jaezes, e arreios de cavallo, de pouca valia, em respeito do rico despojo, que como franco cavalleiro rejeitou; e por memoria, e com consentimento d'el-rei de Castella poz sobre a porta de Tarifa, em Sevilha, as armas de Portugal, e só acompanhado de gloriosa fama, se tornou a seus reinos.

Não menos fez el-rei D. Affonso V., chamado o Africano, na entrada e saque da villa de Arzilla em Africa, onde o despojo foi avaliado em muitas mil dobras de ouro. De tudo el-rei fez escala franca aos do seu exercito, sem delle querer para si nada, salvo a honra daquelle feito. E por que nem só os reis fiquem com esta gloria, descendo aos que o não foram, acharemos ao grande e valoroso D. Francisco de Almeida, primeiro viso-rei da India, que do despojo da cidade de Quiloa, que entrou e tomou á força, do armas, não quiz, nem aceitou delle mais que uma só frecha (como Paulo Emilio a taça), dizendo que para elle aquillo bastava; e a tomou para memoria da victoria, largando liberalissimamente aos seus o esbulho da cidade.

Este mesmo viso-rei do despojo das armadas de Miro-

chem, Calicut e Miliquiaz, senhor de Diu, que em certa batalha naval desbaratára, dividiu tudo pelos seus, sem tomar nada para si.

O mesmo fez D. João Pereira, capitão da cidade de Goa, na batalha contra Soleimaga, capitão do Halcão, senhor que fôra da cidade e ilha de Goa, cruel inimigo de Portuguezes, de que saindo vencedor D. João, o não foi de si menos, não aceitando do campo (que valia muito) mais que a tenda do capitão Soleimaga.

(Idem. — Cap. 16.)

EXEMPLO DE AMOR FRATERNAL.

Augusto Cesar, captivando em guerra a Adiatorix, príncipe de Capadocia, com mulher e dous filhos, os trouxe a Roma (como era costume dos vencedores) em seu glorioso triumpho, onde o mandou matar em companhia do filho mais velho. Querendo os algozes executar o mandado impérial, e não sabendo qual dos dous filhos era o mais velho, em que se havia empregar o rigor do cutello, cada qual, por salvar o irmão, dizia ser o mais velho, e o affirmava com tanto destemor, segurança e zelo fraternal, que, indeterminados os executores da justiça, por fim mataram ao menor que se offerecêra em lugar do mais velho, em cujo braço consistia melhor o remédio da princeza sua mãe, que com instancia assim o pedira, consentindo do mal o menos, em que morresse antes o filho mais peque-

no, que o primogenito. O que considerando o imperador, estimou tanto o amor de irmãos tão estranhos, que ao que ficou vivo com a mãe, teve em boa reputação e estima, louvando tão heroico feito. Em forma que se deixou matar um irmão por salvar o outro mais velho, satisfazendo com sua vida a paixão do imperador.

Não menos charidade e amor mostraram Gaspar Ximenes e Fernão Ximenes, irmãos, homens honrados, naturaes de Lisboa, em o naufragio, que no anno de 1585 padeceu a náó Sant'Iago (de que era capitão mór Fernão de Mendonça), a qual náó fazendo-se em pedaços, entre as pessoas, que se salvaram no seu batel, foram estes dous irmãos: e, por ser muita a gente e o batel ir mui pesado, houve pareceres que se botassem alguns ao mar. E, pon-do-se em execução tão cruel obra, se consultou que um dos irmãos fosse lançado ao mar: e, pegando os executores em Gaspar Ximenes, mais velho de idade, e de menor corpo que Fernão Ximenes seu irmão, e mais delgado de carnes; Fernão Ximenes, vendo que não havia remedio senão ir um delles ao mar, com amor fraternal, com que o amava, se offereceu para tão miseravel transe, dizendo que ficasse seu irmão, que era mais velho que elle, e pae de suas irmãs, e que o lançassem a elle ao mar. O que dito, o lançaram, ficando com tal animo, que, sendo o gol-fão de mar de mais de cento e vinte leguas da primeira terra, sem esperança de remedio humano, a poz tanto em Deos e na Virgem nossa Senhora, que, em paga de tanta charidade, de que usára com seu irmão, ordenou as cousas de maneira que, nadando por muito tempo, com in-

comportaveis trabalhos chegou ao mesmo batel, onde o recolheram compadecidos de sua miseria. O que se vê poucas vezes, dar um irmão a vida por outro com tanto animo, zelo e vontade, como este fez, semelhante ao filho mais moço do Principe Adiatorix.

(Idem.)

EXEMPLO DE AMOR DA PATRIA.

O consul Attilio Regulo, estando preso em Carthago, foi enviado a Roma pelos Carthaginezes, a persuadir ao senado que entregasse os captivos, que lá tinham: o qual, chegado a Roma, aconselhou com instancia ao senado, que nem captivos entregasse, nem a paz se consentisse; para o que soube dar taes razões, que o senado, movido dellas, outorgou o parecer de Regulo, por o qual, tendo-se os Cartaginezes por escarnecidos, o mataram cruelmente.

Não menos o fez o infante sancto, D. Fernando, filho d'el-rei D. João I., que no cerco de Tanger, por salvação dos seus, se deu em refens aos Mouros, os quaes vindo em concerto com el-rei D. Duarte, seu irmão (que neste tempo reinava), que se entregasse Ceuta pela liberdade do infante, elle infante jámais o consentiu, antes da mesma prisão e captiveiro escrevia a el-rei seu irmão, tal não fizesse, nem consentisse: e o desviou sempre com muita instancia de semelhante trato, dizendo, que nunca Deus quizesse, que cidade, que tanto sangue de christãos *tinha custado, e tanto importava* ao bem da christandade,

elle fosse solto por ella; e assim escolheu este sancto infante viver autes em tão vil e baixo captiveiro, e morrer miseravelmente nelle por salvação dos seus e de Hespanha, que dar-se Centa aos Mouros, que el-rei D. João, seu pae, comprára com sangue de tantos e tão bons cavalleiros e fidalgos Portuguezes, que na empreza se acharam: e por elle ser chave e segurança de Hespanha. Pelo que, escarnecidos os Mouros de suas pretensões, lhe apertaram a prisão, em que morreu, depois de ter espantado toda a Mauritania com infinitos milagres, que em sua vida, e por morte, Deus obrou por seus merecimentos.

Similhante tinha d'antes feito Nuno Gonçalves, capitão do castello de Faria, em tempo das guerras de el-rei D. Fernando de Portugal com el-rei. D. Henrique de Castella, conde de Trastamara. O qual sendo em um recontro pelos Castelhanos vencido e preso, foi por elles levado em ferros, e com homens de armas ao pé do muro do castello de Faria, para persuadir ao filho que o entregasse aos Castelhanos: elle todavia, vindo á fala com o filho, com animo seguro e esforçado, cheio de lealdade e honrosa ousadia, estimando mais perder a vida, que ver menoscabada sua honra, e ser desleal a seu rei e patria (qual Attilio Regulo), aconselhou e disse ao filho, que, sob pena de sua benção, elle não entregasse o castello senão a el-rei seu senhor, e o defendesse até morrer por elle: e dita estas ultimas palavras, havendo-se os que o levavam, por zombados de seus intentos, em presença do filho, o mataram ali fêa e indecentemente ás puphaladas.

(Idem.)

DESCRIPÇÃO DA FORMOSURA.

Que coisa é a formosura senão uma caveira bem vestida, a quem a mesma enfermidade tira a côr, e antes da morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça d'aquella exterior e apparente superficie, de tal sorte que se olhos podessem penetrar o interior d'ella o não poderiam ver sem horror. A formosura é um bem fragil e quanto mais se vai chegando aos annos, tanto mais vai diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo d'esta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tindaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troia. Durou a guerra dez annos, e ao passo que ia durando e crecendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa d'ella. Era a causa a formosa Helena, flor emfim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas, e não achando a causa porque duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella.

P.^o A. VIEIRA.

DESCRIPÇÃO DA ALMA.

Quereis ver o que é uma alma? olhae (diz Sãceto Agostinho) *para um corpo sem alma.*

Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias ? foram-se com a alma, porque eram suas. A rethorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia; aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos, que admirámos e excedem a admiração, tudo isto era a alma.

Se o corpo é d'um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores ? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fôrma e novo ser á mesma natureza ? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e meter todo o mundo venal em uma praça ? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos, as machinas bellicas, o valor, a bizzarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia, quem fazia tudo isto ? a alma. Se o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa; de quem eram governadas, e de quem eram ? da alma. Se o corpo é de um sancto; a humildade, a paciencia, a temperança, a charidade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas; os extasis, os raptos, subido o mesmo pezo do corpo, e suspendido no ar: que maravilha ! Mas isto é a alma. Vi-

nalmente os mesmos vícios nossos nos dizem o que ella è.

Uma cobiça, que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta, uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus. Tudo isto vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso,—a alma.

PADRE A. VIEIRA.

DESCRIPÇÃO DOS ULTIMOS MOMENTOS DA VIDA D'UM PECADOR.

Considera-te como já moribundo: suppõe que em fim é chegado o teu fim: já te estão embarcando para aquella irrevocavel e fatal viagem da eternidade: tens posto pé na raia, que divide este mundo do outro: a casa terrena de teu miseravel corpo se está vindo abaixo fendida por mil partes; já as canas dos pulsos se abrem, as extremidades se esfriam, o peito se levanta, a respiração se difficulta. Já os medicos desconfiaram, e teus filhos, amigos, e parentes, se despedem de ti até mais ver na eternidade. Vem o sacerdote ungir-te: mettem-te uma véla na mão, e te ajudam a pegar d'ella: dizem-te o officio da agonia, respondem os circumstantes: *Ora pro eo, ora pro eo*; as dores e paroxismos vão-se augmentando; e no modo de respirar *cançado, na vista dos olhos, que se se vae retirando e*

escurecendo, se conhece que as raizes da alma se abalam para dar o ultimo arranco.

N'este passo tão cheio de horror e perigo, te ha de vir á memoria quão gravemente tens offendido a Deus no vivo da sua honra, e que dentro em brevissimo intervallo has de ser apresentado em seu tribunal, e dar conta de todos os instantes de uma vida, talvez de sessenta, ou oitenta, ou mais annos, e que a sentença ha de ter execução promptissima, e duração eterna! Oh! que ancias! Oh! que apertos! Oh! que temores.

P. MANUEL BERNARDES.—*Meditações.*

DESCRIPÇÃO DE UM FINADO.

Considera-te como já morto, e como se tú mesmo fôras outra differente pessoa viva: põe-te a olhar para o teu corpo defunto. Adverte como fica feio, pallido e desfigurado. Alguem de casa lhe cerra os olhos, aperta o queixo, estende os pés, compõe os braços, e amortalhado em um pobre lençol (que é o despojo, que leva de todas as coisas deste mundo) o põe na casa sobre um panno negro com luzes a uma e outra parte. Vem os ministros da egreja, rezam o responso, tomam em pezo o cadaver, que está mui interçado, frio e pezado, e com principios de corrupção, e descem para o metter na tumba, despedindo-se delle os domesticos com algumas lagrimas, que breve-

mente se enxugam, e para o defunto são totalmente inúteis. Caminham para a egreja, onde está prevenida uma cova, e amontoados a um e outro lado della muitos ossos mirrados, e muita terra, que lança de si o fartum dos mortos, de que costuma ser cama. Este é o espaçoso e ameno palacio, onde ha de morar o novo hospede, até que a trombeta de um archanjo o acorde, e o mande levantar, para que dê conta, e leve o premio, ou pena do que serviu, ou offendeu a seu Creador. Alli deixam cahir o cadaver; ossos e terra por colxões; terra e ossos por cobertores! Começam a calcal-o a golpes de enchada: poem-lhe uma lagem em cima: vão-se os circumstantes uns a comer e beber, outros a rir, ou contar novas, outros a tratar do seu negocio. E d'ahi a poucos dias desapareceu até a memoria do tal defunto, e ainda a mulher e filhos o nomeam poucas vezes, e talvez para o praguejarem, se deixou pouco remedio.

(Idem.)

DESCRIPÇÃO DA PESTE.

A razão por que tenho pelo mais desgraçado de todos os males a peste, é porque nas outras enfermidades o maior beneficio, que vos póde fazer quem vos ama, é estar com vosco: na peste a maior consolação que vos póde dar, quem amaes, é fugir de vós.

Mal em que o dizer—estae comigo, é querer mal, e o

dizer—fugi de mim, é querer bem; grande mal! Se a peste não fôra enfermidade mortal, só por isto matára...

E quem se vê em tão miseravel estado, que lhe é forçoso dizer a quem mais ama, fugi de mim, não lhe perguntem de que morre, esse mal o matou.

Grandes males são as enfermidades, as feridas, as guerras, os desgostos, os desprezos, os temores, e outros que se padecem no mundo; mas mal, em que é forçoso dizer aos que mais amaes, que fujam de vós, esse é o maior mal de todos os males, esse é que acaba o valor na maior paciencia, esse é o que teria a vida na maior constancia. Tal é o mal da peste. Um mal que haveis de dizer aos que mais amaes e vos amam—fugi de mim. -

Em quanto mal commum, e enfermidade das cidades, das provincias, dos reinos, quem poderá bastantemente considerar, nem comprehender as infelicidades, as misérias, as lastimas, os horrores, que em si contém a desgraça geral de uma peste?

Os portos e as barras fechadas, e os navegantes alongando-se ao mar; e não só fugindo da costa, mas ainda dos ventos della: os caminhos por terra tomados com severissimas guardas: o commercio e a communicação humana totalmente impedidas: as ruas desertas e cubertas de herva e mato, como nos contavam, e viram nossos maiores nesta mesma cidade de Lisboa: as portas trancadas com travéssas e almagradas; as sepulturas sempre abertas não já nas egrejas, nem nos adros, senão nos campos, e talvez cahindo nessas sepulturas mortos os mesmos vivos, que levam a enterrar os outros defuntos: a fazenda

adquirida com tanto trabalho, guardada com tanta avareza, estimada com tanta cubiça, já desprezada, e já lançada, ou alijada; como na extrema tempestade, não á agua, senão ao fogo, e vendo-se arder sem dôr: o amor natural do sangue, como todo o outro amor, ou attonito, ou esquecido; os irmãos fugindo dos irmãos, os paes fugindo dos filhos, os maridos fugindo das mulheres, e todos querendo fugir de si mesmos, mas não podendo, porque a saída é indispensavelmente vedada e impossivel. A razão e a piedade tem alli cruelmente prezos e sitiados os miseraveis, para que se matem antes a pé quedo entre si, e não saíam a matar os outros; mas, oh que dor! oh que angustia! oh que afflicção! oh que ancia! oh que violencias! oh que desesperação tão mortal! E nem ainda para cuidarem os homens, ou passarem deste seu estado, lhes dá tempo nem logar a morte! Em seis horas matou a peste de David setenta mil de um povo! Vêde em tal horror, e tão subito, se haveria homem, que estivesse dentro em si, e se estariam tão mortos em pé os mesmos vivos, como os que caíam mortos!

PADRE A. VIEIRA.

DESCRIÇÃO DO AMAZONAS.

Aqui vou com os olhos fitos sobre o Amazonas, rio por certo o mais consideravel de todo o mundo, não só pela sua *extensão pasmosa*, mas ainda pela largura e profundez.

de seu leito. Que magnifico espectaculo offerece aqui a natureza! De uma parte serras altissimas, não, como as da Europa, fragasas e calvas, mas vestidas de arvoredos sempre fresco e viçoso até ao cume. A outra banda, apaulada e toda igual, cingida do mesmo arvoredos, e de um feno tão verde e mimoso, que enleia a vista. Mas en só considero agora o rio em si mesmo. Como corre pomposo e soberbo revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas que tem recebido de outros muitos rios, sempre insaciavel, não se demora jámais, mas continúa cada vez a adquirir novos augmentos até espraiair em fim no Oceano, e confundido com elle não ter mais nome, nem gloria differente da sua. Que variados e agradaveis paineis descobre a vista pelas margens deste grande rio!... Eis ahi logo a primeira vista essas duas alamedas sempre frescas e viçosas que acompanham o grande rio constantemente em toda a sua extensão: ah! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredos frondoso e cerrado convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra; lá abrindo-se um pouco, e dando logar aos olhos para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminam o horisonte; para uma parte cedros elevadissimos de uma grossura espantosa, o tronco meio desarraigado pela força da corrente. e ameaçando ruina com a sua queda imminente; para outra differentes arbustos copados e floridos enleiam a vista pela diversidade das suas cores.

Repara para a multidão de aves, que já parecem toldar

o céu, já matizamos campos com o engraçado da sua pintura, já finalmente sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicam por mil gorgeios a alegria que sentem nestes logares amenos. Não vês como brilham lá ao longe as alvas areias de que está semeada aquella praia? Eis ahi voando em torno della nuvens de passaros, e fazendo ver por seus redobrados gritos que lá tem o mais amavel domicilio. Cardumes de peixes de diferentes grandezas apparecem tambem volteando sobre as aguas, que banham aquella situação encantadora. Mais adiante olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que pelas diversas côres da materia de que se compõem servem de baliza ao atrevido navegante. Mas não te enche de assombro essa perenne e entrincada cadeia de montanhas altissimas correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece querem desafiar as nuvens, e vão esconder nellas a sua mais alta superficie! Pois as caudalosas correntes que cortam estas mesmas serras, como se despenham com furioso impeto por cima de alcantiladas rochas até virem confundir-se com as aguas do grande rio! Vê para outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bullir mansamente a branca areia! Ahi tens uma nova ilha, que a natureza vai formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro! tenras vergonteas sobresaem á superficie da agua; dirias que della tiram toda a sua substancia; outras já profundamente arreigadas na terra, abrindo os

ramos, e enfeitando-se de flores engraçadissimas; todo aquelle fresco terreno como está alcatifado de uma relva verde e mimosa que encanta o espirito!!

D. FR. CAETANO BRANDÃO.

DESCRIÇÃO DOS EFEITOS DA NECESSIDADE.

Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que não renda, a que não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade.

A necessidade é a que leva o soldado á guerra, e a escalar as muralhas, onde, vendo cair uns a ferro, e voar outros a fogo, avança comtudo, e não desmaia. A necessidade é a que engolfa o marinheiro nas ondas do Oceano; ellas com os naufragios á vista, e elle com tal ousadia, que mettido dentro em quatro taboas se atreve não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é a que mette, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temor, que as mesmas montanhas, que tem sobre si, cáiam e o sepultem, elle lhes vai cavando as raizes, e sangrando as veias. Finalmente com mais ordinario e geral desprezo da vida e da saude, quem faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as calmas ardentes *do estio*, nem o pastor os dentes do lobo e do urso, e nem

muitas partes as unhas do leão e do tigre, senão a necessidade? E posto que uns e outros tantas vezes pereçam em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade, com implicação manifesta da propria conservação, é a que, para sustentar a vidâ, só obriga a perder a mesma vida. Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé della lhe perguntam, quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E pára que ninguém se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leis, e só a necessidade não tem lei: *Necessitas caret lege*.

..PADRE A. VIEIRA, *Sermão do Rosario*.

DESCRIPÇÃO DA FORTUNA.

Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram fortuna. Uns lhe pozeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formáram de ouro, outros de vidro; e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas cousas erraram como gentios, em outras acertáram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de *fortuna*, que significa caso ou fado; erráram na cegueira dos olhos; *erráram nas insignias e poderes das mãos; por que o gover-*

no do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as cousas, significadas na cornucopia, pertence sómente á Providencia divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto.

Acertáram porém os mesmos gentios na figura, que lhe deram, de mulher, pela inconstancia, nas azas dos pés, pela velocidade, com que se muda; e sobre tudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jamais firmeza. Dos que a fizeram de ouro, diremos depois; o que agora sómente me parece dizer, é que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda.

PADRE A. VIEIRA.

O QUE É HOMEM DE BEM.

Não ha quem não queira ser homem de bem.

O maior velhaco acaba de praticar uma acção indigna, e jura que é homem de bem: outros apesar de mil defeitos, conservam a estimação pública de homem de bem.

D'onde nasce esta confusão de idéas?

Da falta de exacta definição do homem de bem: porque este só é o que desempenha os seus deveres para com Deus, para comsigo, e para com seus semelhantes.

Um homem casado por exemplo, uma vez que trate da mulher e dos filhos, o mundo não lhe nega o titulo de homem de bem, ainda que elle dê largas ao seu coração e commetta tantas infidelidades contra a esposa, quantas as más mulheres, que encontra.

Mas aos olhos da religião este homem é um adúltero, por consequencia um máo christão, que não merece senão o nome de relaxado ou mal casado.

Um senhor maltrata barbaramente a seus escravos; estes vivem rotos ou nús, os açoites não lhe sahem de cima das mirradas carnes; e alguns senhores até os téem morto em surras. Comtanto que taes homens andem limpos e asseados, dêem os seus jantares uma vez por outra, não calotêem, o mundo não lhes nega o distinctivo de homem de bem.

Mas, segundo os principios da recta razão e da religião, taes individuos são umas fêras, são uns monstros, a quem falta a primeira de todas as virtudes, que é a charidade, mesmo para com essas victimas de nossa ambição.

Mas, segundo os eternos principios da religião, aquelle homem é um impostor, um pedante, que ultraja a humanidade, e que se esquece de seu proprio nada.

Um cortesão que por suas servis adulações lisongêa as paixões do monarcha, e que deixa gemer os povos em uma miseria extrema: que não ousa representar esses males ao principe, porque teme incorrer no seu desagrado, *merece por ventura a qualificação de homem de bem?*

De certo que não; embora não tenha elle parte alguma por seus conselhos na falta do monarcha, embora seja affavel, polido, generoso. Estas qualidades bastam para formar o homem de bem do mundo; mas não constituem o homem de bem da religião.

Para esta não basta o não ser causa dos vícios do monarcha, é mister que os remedêe, quando lhe fôr possível, ainda que por isso caia na indignação do seu soberano.

O homem rico que por assíduos cuidados enthesoura ao infinito: só cuida em ajuntar cabedal: sem nada reparar com os pobres; se tudo tem adquirido por meios licitos, é homem de bem no sentir do publico.

Mas perante a religião é um avarento indigno da estima e bom conceito de seus semelhantes, e é quem está mais ameaçado de uma condemnação eterna.

O homem de bem em nossa opinião é aquelle sómente que, ao mesmo tempo, cumpre as obrigações a que está sujeito para com Deus, para com o soberano, e para com o proximo, pela simples razão de haver sido dotado de uma alma racional: só um homem tal é quem merece toda a extensão da palavra o titulo honorifico de verdadeiro cidadão, de homem de bem.

Causa riso ou compaixão o ver alguns desses carrascos fallarem em religião de Jesus-Christo, como se a religião do Crucificado não lhes preceituasse dar de comer ao seu infeliz escravo, dar-lhe roupa, e nunca tirar-lhe o resto da vida em açoitê.

O prodigo, que dissipa os bens com tanta facilidade,

quanta é a precaução do avarento em os conservar, que consome no luxo o que devêra empregar em soccorrer os necessitados, que vive na opulencia, sem se compadecer da pobreza; se só come do que é seu, se não contrahe dividas, o mundo lhe concede o titulo de homem de bem.

Mas a religião lh'o recusa, e põe muito abaixo do Turco, porque a charidade deste estende-se até aos cães das ruas, e a daquelle nem chega para o seu semelhante.

(Idem.)

ONDE SE DEVEM COLLOCAR OS HOMENS.

Se pondes o cobiçoso, onde ha occasião de roubar; e o fraco, onde ha occasião de defender; e o infiel, onde ha occasião de renegar; e o pobre, onde ha occasião de desempobrecer; que ha de ser das conquistas, e dos que com tanto e tão honrado sangue as ganharam? Oh! que os sujeitos, que se poem nestes logares, são pessoas de grande qualidade e de grande auctoridade; fidalgos, senhores, titulos! Por isso mais. Os mesmos echos de uns nomes tão grandes em Portugal, parece, que estão dizendo, onde se hão de pôr. Um conde? Onde? Onde obre proezas dignas de seus antepassados: onde dispenda liberalmente o seu com os soldados e benemeritos: onde peleje: onde defenda: onde vença: onde conquiste: onde *faça justiça*: onde adiante a fé e a christandade: onde se

honre a si, e á patria, e ao principe, que fez eleição de sua pessoa. E não onde se aproveite, e nos arruine; onde se enriqueça a si, e deixe pobre o estado; onde perca as victorias, e venha carregado dos despojos. Este ha de ser o Onde: *Ubi*.

VANTAGENS DA PAZ.

Que descanso, ou que contentamento pode haver no reino, ou república, onde não ha paz? Por isso, assim como o fim do bom piloto é fazer próspera a viagem, e do medico dar saude, e do capitão alcançar victória; assim do bom principe é conservar a vida e descanso de seos vassallos; a qual causa, em tempo de guerra, não póde ser. Alegre parece a guerra de fóra; mas quem a experimenta, este conhece bem os trabalhos de uma, e os bens da outra; porque assim como na doença se conhece o bem da saúde e na tormenta do mar o bem da terra, assim não ha tempo em que melhor se julgue e entenda o bem da paz, que quando se carece d'ella. Se á um homem que nunca ouvisse fallar em armas, nem tivesse alguma experiencia d'ellas, subitamente fosse mostrado o apparatus de seus grandes exercitos, por mar e por terra, ordenados para se darem batalha, e visse os famosos penachos, as armas reluzentes, a multidão dos cavallos, a ordenança *da gente de pé*, toda bem disposta e prestes para pelejar; *as bandeiras, os esquadrões* em seo concerto: d'outra parte

visse no mar muitas náos e galeões, com muita gente bem armada, cobertas de formosas bandeiras, rodeadas de pavezes, e cercadas de toda a sorte de artilherias, sem duvida quem quer que isto visse, não sabendo mais nada, não cuido eu que receiasse de se metter entre elles, e lhe pareceria, que via a máis formosa cousa do mundo; mas se, depois de travada, e mui cruamente ferida a batalha, este mesmo sentisse, e visse com seos olhos o grande ruido e estrondo das armas, o grito da gente, os golpes e tiros de artilheria, a multidão dos mortos, corpos espedaçados, ais e gemidos dos feridos, outros serem pizados dos cavallos; a confusão, o medo, e o espanto da morte presente; e assim visse no mar as náos e galeões arrombados de tiros de fogo, umas d'ellas irem-se ao fundo, outras arderem em fogo e chammas de alcatrão; as ondas vermelhas com sangue; o fumo da polvora; os homens lançarem-se ao mar, e afogarem-se: quem isto tudo bem visse, bem creio eu que escolhesse antes a paz, que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descansada e segura paz debaixo da obediencia de um principe justo, que não quer arriscar-se á tamanhos perigos por uma mostra falsa, e engano d'olhos, e esperança incerta de victoria. Não se devem julgar as cousas pelo appetite, senão pela razão. Quem isto assim fizer, verá quanto mais val o descanso da boa paz, que o sobejo exercicio das armas; porque, posto que ellas promettam victorias, ou a guerra em si é de todo injusta, e não pertence ao principe christão, ou tem muitos inconvenientes, que d'ella *podem nascer; que devem todos ser olhados primeiro que*

nada se commetta: porquanto, os começos da guerra estão em nosso poder, e os cabos não: eu não entendo aqui da que se faz aos infleis e inimigos de nossa santa fé; porque esta, sendo justa, é proveitoza, traz grande louvor ao rei christão; mas toda a outra sorte d'ella, que agora se usa, mais do necessario, não sendo em defensão da patria, se deve muito fugir, e estranhar.

J. DE BARROS—Panegyrico d'El-Rei D. João III.

DOS BEVERES CIVIS DO CURA.

Ha um homem em cada parochia, que não tem familia, mas que é a familia de todos; que se chama como testemunha, como conselheiro ou como agente de todos os actos mais solemnes da vida civil; sem o qual não se póde nascer nem morrer; quem toma o homem do seio da mãe, e não o deixa senão no tumulo; que abençôa ou consâgra a infancia, o thalamo nupcial, o ataúde e o sepulchro; um homem á quem os meninos acostumam-se a amar, venerar e temer, á quem os desconhecidos chamam *meu pae*; aos pésdo qual os christãos vão expender suas confissões mais íntimas, suas dores mais secretas; um homem que é o consolador por estado de todas as miserias da alma e do corpo; o intermediario abrigado da riqueza e da indigencia; que *vê alternadamente* o pobre e o rico baterem á sua por-

ta: o rico para dar a esmola secreta, o pobre para receber-a sem corar, que não sendo de ordem alguma social, prende-se igualmente a todas as classes: as classes inferiores pela vida pobre, e muitas vezes pela humildade do nascimento; as classes elevadas, pela educação, e pela elevação, pela alteração de sentimentos que uma religião philantropica inspira e ordena; um homem enfim que sabe tudo, que tem o direito de tudo dizer, e cuja palavra cabe do alto sobre as intelligencias e o coração com a auctoridade de uma missão divina e o imperio de uma fê consummada!—Esse homem é o cura: ninguém pôde fazer mais bem ou maior mal aos homens, segundo prehenche ou desconhece sua alta missão social.

O que é um cura? É o ministro da religião de Christo, encarregado de conservar seus dogmas, propagar sua moral, e administrar seus beneficios á parte do rebanho que lhe houver sido confiado.

Dessas tres funcções do sacerdocio resultam tres qualidades sob as quaes vamos considerar o cura; isto é, como padre, como moralista, e como administrador espiritual do christianismo na parochia. D'ahi tambem decorrem as tres especies de deveres que elle tem que prehencher para ser completamente digno da sublimidade de suas funcções na terra, e da estima ou veneração dos homens.

Como padre ou conservador do dogma christão, os deveres do cura não são accessiveis á nosso exame; o dogma mysterioso e divino de sua natureza, imposto

pela revelação, acceito pela fé, essa virtude da ignorancia humana, se recusa a toda critica; o padre não deve contas, como o fiel, senão á sua consciencia e á sua Igreja, unica auctoridade de que depende. Entretanto aqui mesmo a alta razão do padre póde influir utilmente na pratica, sobre a religião do povo que ensina. Quantas credulidades banaes, quantas superstições populares, se teem confundido, nos tempos de trevas e ignorancia, com as altas crenças do puro dogma christão! A superstição é o abuso da fé: cabe ao ministro esclarecido de uma religião que supporta a luz, porque toda luz vem d'ella, esclarecer essas sombras que mancham-lhe a santidade, e que faziam confundir, á *olhos prevenidos*, o christianismo, essa civilisação pratica, essa razão suprema, com as industrias piedesas ou as credulidades grosseiras dos cultos de erro ou de decepção. O dever do cura é destruir esses abusos da fé e reduzir as crenças mui complacentes de seo povo á grave e mysteriosa simplicidade do dogma christão, á contemplação de sua moral, ao desenvolvimento progressivo de suas obras de perfeição. A verdade não tem necessidade do erro, e as sombras nada accrescentam á luz.

Como moralista, a obra do cura é mais bella ainda. O Christianismo é uma philosophia divina escripta de duas maneiras: como historia, na vida e morte de Christo, como preceitos, nas sublimes lições que trouxe ao *mundo*. Essas duas palavras do Christo em que o *preceito e o exemplo* são reunidos no Novo Testamento ou

no Evangelho. O cura deve tel-o sempre na mão, sempre nos olhos, sempre no coração.

Um bom padre é um commentario vivo d'esse livro divino. Cada uma das palavras mysteriosas desse livro corresponde justamente ao pensamento que o interroga, e encerra um senso pratico e social que esclarece e vivifica o procedimento do homem.

Não ha verdade moral ou politica que não exista em germen em um versiculo do Evangelho; todas as philosophias modernas têm commentado um, e o esquecido depois. A philantropia nasceu de seu primeiro e unico preceito, a charidade. A liberdade marchou no mundo sob seus passos, e nenhuma servidão degradante póde subsistir perante sua luz.

A igualdade politica nasceu do reconhecimento que nos forçou a fazer de nossa igualdade, de nossa fraternidade perante Deus. As leis se adoçavam, os usos deshumanos aboliám-se, as cadeias cahiram, a mulher reconquistou o respeito no coração do homem.

Á medida que suas palavras retumbavam nos seculos, fez desabar um erro ou uma tyrannia; e pode-se dizer que o mundo actual todo inteiro, com suas leis, seus costumes, suas instituições, suas esperanças, não é senão o velho Evangelho mais ou menos incarnado na civilisação moderna! Sua obra porém está longe de ser completa: a lei do progresso e do aperfeiçoamento, que é a idéa activa e patente da razão humana, é também a lei do Evangelho; elle nos prohibe parar no bem, *nos impelle sempre para o melhor, nos prohibe des-*

sesperar da humanidade, perante a qual abre sem cessar horisontes mais esclarecidos; e quanto mais nossos olhos se abrem á luz, tanto mais temos promessas em seus mysterios, verdade em seus preceitos, e futuro em nossos destinos!

O cura tem pois toda moral, toda razão, toda civilização, toda politica em sua mão, quando traz esse livro. Não tem mais do que abril-o, lel-o, e derramar o thesouro de luz e de perfeição do qual a Providencia lhe deu as chaves. Mas, como o de Christo, seu ensino deve ser duplo: pela vida e pela palavra.

Sua vida deve ser, tanto quanto o consente a fraqueza humana, a expedição sensível de sua doutrina, uma palavra viva: a Egreja collocou-o ahi antes como exemplo do que como oraculo. A palavra pode faltar-lhe se a natureza recusou-lhe o dom, mas a palavra que se faz ouvir de todos é a vida: nenhuma lingua humana é tão persuasiva e tão eloquente como a virtude.

O cura é ainda administrador espiritual dos Sacramentos de sua egreja e dos beneficios da charidade. Seus deveres nesta qualidade approximam-se d'aquelles que toda a administração impõe. Elle tem negócios com os homens, deve conhecer os homens, toca nas paixões humanas, deve ter a mão delicada e doce, cheia de prudencia e de circumspeção. Ha em suas attribuições faltas, os arrependimentos, as miserias, as necessidades e indigencias de que curar, deve ter o coração rico, transbordando de tolerancia, de misericórdia, de mansidão, de *compaixão*, de charidade e de perdão. Sua porta deve es-

tar aberta á toda hora áquelle que o despertar, sua lampada sempre accesa, seu bastão sempre na mão; não deve conhecer nem estações, nem distancias, nem peste, nem sol; nem neve, se se trata de levar o oleo ao ferido, o perdão ao culpado, ou seu Deus ao moribundo. Não deve haver perante elle, como perante Deus, nem rico, nem pobre, nem pequeno, nem grande, porém homens; isto é, irmãos em misérias e esperanças. Mas se não deve recusar seu ministerio á alguém, não deve offercel-o sem prudencia áquelles que o desdenham ou desconhecem. A importunidade da charidade mesma encommóda e repelle mais do que attrahe.

Devem muitas vezes esperar que o procurem ou que o chamem, não deve esquecer que sob o regimen absoluto de liberdade de todos os cultos, que é a lei de nosso estado social, o homem não deve contas de sua religião senão a Deus e á sua consciencia. Os direitos e os deveres civis do cura não começa senão onde se lhe diz: «Eu sou christão.»

O cura tem relações administrativas de muitas naturezas: com o governo, com a auctoridade municipal, com suas rendas ou beneficios.

Suas relações com o governo são simples: deve o que lhe deve todocidadão, nem mais nem menos—obediencia nas causas justas. Não deve apaixonar-se nem pró nem contra as formas ou chefes do governo deste mundo; as formas se modificam, os poderes mudam de nome e de mãos, os homens se precipitam atternadamente e do throno: são cousas humanas, passageiras,

fugitivas, instaveis de sua natureza. A religião, porém, no extremo de Deus sobre a consciencia, está acima d'essa esphera das vicissitudes, das versatilidades politicas; ella se degrada ahi descendo, seu ministro deve abster-se cuidadosamente della e manter-se em separado. O cura é o unico cidadão que tem o direito e o dever de permanecer neutro nas causas, nos odios, nas luctas dos partidos que dividem as opiniões e os homens, por que elle é antes de tudo cidadão do reino eterno, pae commum dos vencedores e dos vencidos, homem de amor e de paz, não podendo prezar senão a paz e o amor, discipulo d'aquelle que recusou derramar-se uma gotta de sangue por sua defeza e que disse a Pedro: «Guarda essa espada na bainha!»

O cura deve ter em todas as relações nobre independencia no que respeita ás cousas de Dens, doçura e concordia em tudo mais; não deve nem ambicionar influencia, nem luctar com a auctoridade na parochia; não deve esquecer nunca que a sua auctoridade começa e acaba no umbral de sua egreja, ao pé de seu altar, na cadeira da verdade, na porta do indigente e do doente, á cabeceira do moribundo; ahi é elle o homem de Deus: em outra qualquer parte, o mais humilde, o mais desapercebido dos homens.

Como os seus beneficios, seus deveres limitam-se á ordem e á economia que a pobreza da maior parte das parochias comporta.

Mais avançamos na civilisação e na intelligencia de uma religião toda immaterial menos luxo exterior tor-

na-se necessario á nossos templos. Simplicidade, acceio, decencia nos objectos que servem ao culto é tudo quanto o cura deve pedir. Muitas vezes a indigencia do altar tem alguma cousa de veneravel, de tocante e poetica, que fere e commôve o coração pelo contraste, mais do que os ornamentos de seda e os candelabros de ouro.

O que são nossas douraduras e nossos grãos de areia resplandecente, perante aquelle que fez o ceo e semeou-o de estrellas?! O calice de estanho faz curvar tantas frentes como os vasos de prata ou prata dourada. O luxo do Christianismo está em suas obras, e o verdadeiro ornato do altar, são os cabellos do padre embranquecidos na supplica e na virtude, e a fê e a piedade dos fieis ajoelhados perante o Deus do seu paiz.

Para alimentar-se e vestir-se, para pagar a humilde mulher que o serve, para ter sua porta aberta a todas as indigencias, o cura tem duas retribuições: uma do estado, outra auctorizada pelo uso que se chama renda casual. Essas rendas são elevadas em certas cidades, na maior parte das villas produzem pouco para os curas. Apenas pois tem o estricto necessario, *res augusta domi*, e entretanto lhe diremos ainda no interesse da religião como no de sua consideração local: «Esquecei a «renda eventual; recebida do rico que insiste para nos «fazer-a acceitar, recusae-a do pobre que não casa por «não poder offrecer-vo-la, esquecei o pensamento importuno de buscar no fundo da bolsa algumas raras moedas «para pagar vossas benções ao casamento, ao nasci-

A RELIGIÃO.

A religião em geral é um effeito da politica dos legisladores: é um freio que elles têm imaginado para conservar os povos sob o jugo das leis.

Tal é a opinião que sustentam alguns incredulos; e não precisamos de reflexões profundas para demonstrar a falsidade dessa supposição.

Acham-se vestigios de religião e um culto mais ou menos grosseiro entre as nações selvagens, que nunca tiveram legisladores, e que não conheciam lei alguma civil.

As primeiras idéas da divindade não nascem daquelles que têm fundado os estados e repúblicas, mas sim do instincto da natureza.

Ora, todo o homem que conhece um Deus sente necessidade de prestar-lhe um culto; nunca uma tribu ou uma familia teve a noção de um Deus sem disto tirar a consequencia; logo as primeiras idéas de religião são anteriores a todas as leis.

Todos os povos que receberam leis têm conservado a lembrança daquelle que lh'as ha dado: os chinezes citam Eo-Hi; os indios, Brahamah; os egypcios, Menés; os persas Zoroastro; os gregos Minos e Cecrops; os romanos Numa; os scandinavos Odin; os peruvianos, Manco-Capac, &c.

Não ha um só desses povos que atteste que aquelle que ha reunido as primeiras familias em corpo de nação e de sociedade civil, lhes tenha igualmente dado as primeiras noções da Divindade, e que antes dessa epocha *ellas não adoravam, nem conheciam Deus algum.*

Uma tribu de atheos estupidos seria um verdadeiro rebanho de animaes bipedes: desejavamos saber como obteria elle um legislador para dar-lhe nesse estado—leis e uma forma de religião.

Os legisladores têm fundado as leis. não só sobre a noção de um Deus e de uma Providencia, mas ainda sobre os sentimentos de benevolencia mutua que a natureza ha concedido aos homens sobre a união que elles contratam desde a infancia por sua familia e pelo solo em que nascem, sobre o amor da felicidade; mas esses sentimentos existiam antes delles, e se não tivessem achado os homens assim dispostos pela natureza, jámais poderiam arrancal-os da barbaria.

Daqui se vê que não se póde attribuir aos legisladores os primeiros principios de religião.

Para serem attendidos, a maior parte foi obrigada a fingir que era inspirada, instruida e enviada pela Divindade; um povo que não conhecesse Deus teria fé em uma missão divina?

Além disso, não vemos a vantagem que os incredulos podem tirar de sua falsa supposição?

Todos os legisladores, nas differentes regiões do universo, têm unanimemente julgado que a religião' é não somente util, mas necessaria aos homens: que, sem ella, não é possível estabelecer nem fazer observar leis: logo é a natureza, a razão, o bom senso que lhes têm dado essa persuasão.

Não é sobre especulações que convém fundar-se para *saber qual tem sido a primeira origem da religião; a his-*

toria sancta, mais digna de credito que os philosophos, nos attesta que Deus não encarregou aos homens o fabrico de uma religião para si: ao contrario elle mesmo a ensinou a nosso primeiro pai, para que a transmittisse a seus filhos. Deus foi o primeiro instituidor e o primeiro legislador do genero humano; gravou nos corações os sentimentos religiosos, e ao mesmo tempo os principios de equidade, de reconhecimento e de humanidade, e se dignou juntar a elles uma revelação positiva de que o homem devia crer e praticar.

Uma prova peremptoria desse facto é a comparação entre a religião dos patriarchas e todas as que têm sido estabelecidas pelos legisladores das nações.

A primeira mostra a divindade de sua origem pela verdade de seus dogmas, pela santidade de sua moral, pela pureza de seu culto, emquanto que vemos em todas as outras o ferrete dos erros e das paixões humanas.

Se, na origem, a religião fosse a obra das reflexões, do estudo, da politica dos legisladores, elle teria seguido certamente a marcha dos outros conhecimentos humanos; tornar-se-hia melhor e mais pura á medida que os povos fossem progredindo nas sciencias, nas artes e na legislação.

Mas, vemos o contrario: as nações que pareceram mais civilisadas, os egypcios, os indios, os chinezes, os chaldeos, os gregos e os romanos, não tiveram uma religião mais sensata nem mais perfeita que os selvagens: todos cahiram no polyteismo e na idolatria a mais grosseira.

Seus legisladores não ousavam tocar nisso; se elles têm

regulado sua fôrma exterior, deixaram o fundo tal qual era; e quando appareceram os philosophos, não tiveram nem bastante poder para reformar erros já inveterados, decidiram que convinha seguir a religião estabelecida pelas leis, por mais absurda que fosse.

Emfim, quando se adoptasse por um momento a falsa especulação dos incredulos, com isto elles nada teriam que ganhar.

Os legisladores foram incontestavelmente os mais sabios dos homens, os bemfeitores e amigos da humanidade: todos julgaram que a religião é de uma necessidade indispensavel para fundar as leis e a sociedade civil.

Hoje alguns dissertantes, que nada têm feito, nada estabelecido, nem observado depois da natureza, pretendem melhor ver e melhor pensar que todos os sabios do universo; sustentam que a religião é uma instituição perniciosa e o mais funesto presente que se tem feito aos homens.

Fundem um estado, uma republica, um governo sem religião, e então seremos forçados a crer que ella de nada serve.

Ha mais de 15 seculos que Plutarcho, em seu tratado contra Colotes, zombava dessa loucura dos epicuristas.

O absurdo da supposição que acabamos de destruir tem levado a mór parte dos incredulos a recorrer a uma hypothese directamente opposta, isto é, que as primeiras noções de religião são nascidas da ignórancia e da estupidez dos povós ainda barbaros.

É confessar claramente a verdade que sustentamos, sa-

ber que a religião é um sentimento natural ao homem, visto como se acha naquelles mesmos que são os menos capazes de influxão.

Logo não é um sentimento falso e mal fundado.

Logo os incredulos que querem destruil-a, luctam contra a natureza e contra as primeiras noções do bom senso.

A PREGUIÇA.

A preguiça é dos sete peccados mortaes o que parece menos máo, e a quem o diabo dá a melhor apparencia; porque parece, que na sua inação não ha malicia alguma, já que não fazendo nada, não se pode prejudicar a pessoa alguma. Com tudo na sua inação é que consiste o crime, visto que a natureza, tendo feito todas as cousas para algum fim, exige do homem um trabalho e uma occupação conforme ao estado de cada um.

O preguiçoso torna inutil na sua pessoa a obra do Creador. Parece-me menos estimavel do que o porco, seu querido primo; porque este não fazendo mais que comer e roer, ao menos engorda, e vem a ser util para o sustento do homem; em vez que o preguiçoso de nada serve nem durante a sua vida, nem depois de sua morte.

A preguiça é o ultimo dos sete peccados mortaes. Parece, que pela sua extrema baixaza pozeram-no expressamente o derradeiro desta companhia criminosa: é o *travessero do Demonio*, e o throno do peccado, d'onde dá

audiencia pública a todas as qualidades de crimes; que o Diabo, como verdadeiro mestre de ceremonias, introduz, e lhe apresenta para que o preguiçoso tenha ao menos para se divertir alguma cousa que possa ser do seu gosto.

A Deus faz-se-lhe a côrte de joelhos, aos Grandes da terra em pé, e ao Diabo deitado e estendido sobre um canapé, sem fazer cousa alguma. A irmã mais querida da luxúria é a preguiça. Sem ella esta não acharia tão facilmente accesso para com os Grandes, nem seria tão bem servida pelo commum. A preguiça é que, sem a assistencia do corpo, achou o segredo de offender a Deus com todas as castas de pensamentos impios e obscenos, e que nos procura além disso diversas qualidades de indisposições e doenças.

Quizera que a representassem em fôrma de mulher, que tem ar mole, e anda a passos contados, coberta com um vestido de teia de aranha, cuja cauda levásse o somno, encostando-se no braço do seu primeiro cavalheiro, que é a fome, e seu sequito composto de miserias, passando a primavera de sua idade sobre um leito de repouso, e seu outono no hospital; porque rouba os dias de sua vida sem fazer cousa alguma em uma moleza infame, faz passar o homem da morte aos trabalhos eternos, cujo director é Lucifer; porque *Homines nihil agendo, male agere discunt*; além de que.

Il campo dell' accidia é pienno d'ortiche.

(*Mau. mor. do C. d'Oxenstir.*)

Infelizmente a preguiça é o mal endemico do nosso Brazil, não tanto pelo clima, quanto pela prodigiosa produc-

ção do nosso solo, e ainda mais por causa da escravidão. Aqui para se nutrir não carece o homem de dar-se a fadigas e trabalhos; por que no interior as matas lhe offerecem abundante caça, os rios o pescado, e perto do littoral tem os mangues e coroaes, que lhe subministram o caranguejo, o aratú, o marisco, etc. etc. Além disto em um paiz, onde todo o trabalho, todo o serviço é feito por braços escravos, a preguiça torna-se um caracteristico de distincção e nobreza: d'aqui o fatal desprezo das Artes manuaes, d'aqui uma Aristocracia, por assim dizer, facticia, d'aqui finalmente o pouco disvello, que nos merece a industria.

Entre os nossos ricos Agricultores, não faltam preguiçosos, que cometendo todo o trabalho a seus escravos capitaneados por um Feitor, nada mais fazem do que dar a este algumas ordens, ir de passeio uma vez por outra ao serviço, e todo o mais tempo levam em sancto ocio, embalando-se em uma rede no monotono repouso do *farniente*. Elles chamam a isto a sua bemaventurança, mas eu não sei como pôde um ente racional levar dias inteiros resupino em uma rede, dormindo, ou seismando, ou sem fazer cousa alguma. Um homem assim parece ter natureza de porco: vegeta, mas não vive, e será maravilha, se se não der aos vicios mais surdidos e brutaes. Que vantagem pelo contrario não tem sobre estes authomatos o homem amigo das lettras! Com um livro na mão elle nutre o seu espirito; e o tempo se lhe desliza em doces e innocentes prazeres. Na velhice, quando o quadro *lisongeiro* dos prestigios da vida vai sensivelmente perdendo para elle o colorido e belleza, quando todos o fogem,

ou o olham, como um preposto da morte, nos livros encontra consoladores, amigos e mestres.

Muitas das nossas meninas peccam grandemente pelo lado da preguiça. Avezadas desde o berço a ser servidas por escravas, ellas adquirem um habito de indolencia, que as torna preguiçosas e desleixadas. Uma mocama amarra o cabello a D. Chiquinha, outra calça-lhe as meias e sapatos, outra traz-lhe a quartinha, que lhe fica a tres palmos de distancia, outra é chamada para enchotar o bolicoso gatinho: porque yáyá não tem disposição para dizer *sape*. Não faltam senhoritas, que levam todo o dia em completo ocio, ora deitadas, ora andando pela casa sem toim nem som, ora postas á janella. Não dão um ponto, não arranjam um vestido; o basbaque do pai, ou marido tudo paga fóra, em summa uma senhora destas—ou é um pastel de carne, ou uma boneca, que só serve para figurino. O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a prosperidade. «Comerás o teu pão com o suor de teu rosto» foi preceito imposto por Deus á descendencia de Adão:

(Do Carapuceiro) .

A TEMPESTADE.

Doze badaladas, abafadas pelo rugir da tormenta, acabavam de soar monotonas n'um sino longinquo.

A tempestade, que desde o principio da noite começara a formar-se tinha desahado com toda a intensidade.

O céu estava escuro como o interior d'uma caverna; nem uma estrella marcava o lugar de sua situação!

As nuvens, peçadas d'agua e de electricidade, corriam impellidas pelo furacão, e chocavam-se, produzindo os estrepitosos rebombos do trovão!

Os relampagos, traçando lingoetas de fogo no céu, allumiavam com luz amarella e sinistra esta scena de horror e confusão!

Os ventos, percorrendo desordenadamente o espaço, embatiam-se, soltando uivos horrendos!

O mar, embravecido e arquejante, rolava seus vagalhões na praia, ameaçando innundar a terra!

As aves, arrancadas dos ninhos pela violencia dos ventos, esvoaçavam espavoridas, buscando esconder-se no primeiro abrigo!

A terra, as casas, as arvores, tudo estremecia, tudo parecia sentir os effeitos desta terrivel desordem da natureza.

Só um ente humano, joven ainda, permanecia velando indifferente a todo este cahos!

Embuçado n'um longo capote, fumando n'um cachimbo turco, estava sentado em um marco de pedra perto de um rio, insensivel a tudo o que se passava fóra d'elle.

Seu rosto moreno e pallido estava apoiado sobre a mão esquerda; seus olhos meio cerrados permaneciam fixos no escuro do chão; seus cabellos negros e annellados sahiam do chapéo, cahindo sobre a mão, que apoiava a cabeça, e sobre a face direita.

Não dormia; porque o seu cachimbo estava acceso, e

lançava de vez em quando fumaças, que o vento dissipava immediatamente

Vendo-o tão impassível dir-se-hia que era o genio da tempestade, que ria-se das ameaças do furacão medonho!

Mas não, elle estava impassível, porque em seu espirito havia tambem uma luta de pensamentos e sentimentos oppostos, que se debatiam, querendo supplantar uns aos outros!

Elle lutava com o amor, com o dever, com o egoismo, com a razão, com a felicidade, e com a desgraça!

Sim; de um lado esse mancebo via o seu amor acompanhado de todas essas felicidades, que soem corôar a paixão correspondida.

Sentia que amava uma mulher no sacrario de seus amores mais puros! Que amava-a como á ambula sancta dos altares de Deus!

Sabia que muitas vezes esquecia-se de tudo para ajoelhar-se ante a imagem de seu amor, que a imaginação das noites de febre e de insomnia lhe desenhava!

Sentia que amava-a em segredo, no silencio de suas horas de lagrimas, sem ousar pronunciar o seu nome á brisa da tarde, sem dizê-lo aos échos de seu quarto!

Sabia que lhe era doce ouvir o som de sua voz, o roçar de seus vestidos, sentir o perfume de seus cabellos na brisa, que lhe soprava os labios requeimados de febre!

Sentia-se disposto a dar tudo por adormecer no seu seio, por ajoelhar-se a seus pés, e beijar-lhe as orlas do vestido, por ouvir nas suas orações o murmurio de seu nome entre as suas palavras de fé!

Porém de outro lado elle tambem sentia os effeitos afflictivos da incerteza de ser amado, e da impossibilidade de fazer conhecer a sua paixão !

Via a razão clamando contra um amor, que não podia fazer logo a felicidade daquella a quem era dedicado !

Sentia a consciencia mostrando-lhe a sua posição actual, e os remorsos que lhe resultaria de declarar um amor a que não podia seguir-se immediatamente o seu fim ultimo !

Via os males, que poderia experimentar o objecto de seu amor, que tão lindo e prendado ficaria impossibilitado de accitar e corresponder a outra paixão, que poderia logo tornal-a mais feliz !

Via a razão suggerindo o dever e o dever querendo supplantar o amor !

Todas estas idéas, todos esses pensamentos grupados no cerebro ardente do mancebo produziam uma confusão, uma tempestade quasi semelhante a que havia em a natureza !

Todos estes sentimentos, preoccupando profundamente o seu espirito, fazia com que o seu physico nada sentisse do que se passava fóra !

Todos esses pensamentos e sentimentos tão oppostos produziam nesse joven uma luta a que se segue naturalmente uma dessas situações peniveis, em que a razão lançada de lutar contra o egoísmo do coração, deixa-o todo entregue a si e aos seus caprichos !

.....

A tempestade tinha redobrado de furor, o céu parecia *querer desabar sobre a terra*, os trovões continuavam a

troar horrendamente, os relâmpagos succediam-se com breves intervallos, o mar tinha augmentado a sua furia; só o vento tinha cessado um pouco.

De repente ouviu-se um estampido horrivel !

O céu fendeu-se em duas partes, um relâmpago fortissimo illuminou a terra, e um raio descrevendo um zigzague, cabiu a 100 braças do mancebo !

Elle soltou um suspiro tão abafado que seu peito ar-quejou violentamente !

Dir-se-hia que algum pensamento tão impetuoso e violento como o raio atravessara-lhe pelo cerebro.....

A chuva começou então a cahir copiosa e fortissima.

Elle despertou de todo; levantou-se, lançou um olhar triste para a tempestade, passou a mão pela testa humida e pelos cabellos molhados, e com um sorriso amargo disse:

Eis-ahi bem representada em a natureza a scena de minha luta constante !....

VIVEREMOS NÓS DEPOIS DESTA VIDA ?

Parecerá talvez a primeira vista esta questão sorprendente por sua originalidade; mas para o genero humano é ella uma questão capital, a que devem todas as outras estar subordinadas.

Um profundo pensador, um grande genio, disse:

«A immortalidade da alma é uma cousa que nos interessa tanto, e tão profundamente nos affecta, que é

preciso têr perdido todo o sentimento para conservár-se na differença de saber o que ella é.»

Certamente desta idéa de immortalidade é que a moral universal deduz a sua força e o seu prestigio; pois explicita ou implicitamente é ella o mais poderoso movel das acções humanas.

A crença na immortalidade é universal, encontrando-se em germen em todos os povos, até nos mais selvagens; e se é universal, é porque assenta n'uma verdade.

A destruição absoluta de nosso ser repugna á consciencia humana, á nosso senso intimo.

Na antiguidade, como em nossos dias, a humanidade ha tido horror ao nada; e por isso embalsamou, dissecou, incinerou e collocou os corpos ao abrigo da dispersão e do insulto em aposentos sagrados e monumentaes.

Nota-se, além disso, que entre todos os seres creados, só o homem é que recolhe as cinzas de seu semelhante e lhe tributa um religioso respeito.

O naturalista affirma que uma particula da materia pode desaparecer; mas não perece; e a alma que por sua natureza é invisivel, pereceria?

Se o proprio metempsychosista não acreditasse na immortalidade do espirito humano, o que significaria a doutrina da transmigração?

Sim, tal doutrina é um esboço da crença geral e orthodoxa dos povos.

O philosopho pantheista admite, á seu modo, que a

substancia do *eu*, o espirito humano, não é aniquilado na morte, mas sim retomado e absorvido pelo grande todo.

Quem não se tem maravilhado lendo as paginas sublimes dos philosophos pagãos sobre essa immortalidade?

Quem não admira ainda os sabios escriptos dos nossos maiores genios, de um Pascal, de um Massillon, de um Bossuet, de um Fenelon, &, em favor desse dogma consolador ?

Não ha duvida, o dogma da perennidade da alma é mais que uma verdade; é uma necessidade !

A idéa do nada é uma idéa desoladora, que abate e terrifica a alma !

Como ! Pezares tão justos e dilacerantes só teriam o nada por consolação e esperança ?

Como ! Tantas affeições sanctas ou sagradas, tantas aspirações ardentes para aquelles, que temos perdido, ter-se-hiam fatalmente despedaçado, soterrando-se para sempre no tumulto ?

Oh não !

Seria necessario negar Deus, a criação e a consciencia humana.

Não poucas vezes vemos o espirito humano conservar toda a sua plenitude em um corpo decrepito, e todavia, no momento supremo, lançar fulgores extraordinarios, que nos fez crer em sua immortalidade.

A ardente aspiração da alma pela verdade, que é seu *principio nutridor* e co-eterno a Deus; seus desgostos

seus cuidados e sua insaciabilidade no seio dos prazeres e das riquezas deste mundo; a necessidade indispensavel que a todos nós reconduza, de qualquer parte á seu tribunal, para ante elle darmos satisfação completa, satisfação que não se effectua sempre, nem integralmente, neste mundo, attestam ainda essa immortalidade.

Finalmente o dogma da perennidade do espirito humano é uma verdade que constitue um dos elementos da natureza moral do homem; logo não pode o nada ser o limite do homem.

A MALEDICENCIA.

O homem que não respeita a honra e o credito de seus semelhantes, não respeita a si, e nem pôde ser respeitado.

Se para a estabelidade dos imperios é necessário que seus filhos se sujeitem e cumpram as leis fundamentais; com maior razão, quando esta sociedade tende a um fim mais sublime, figurando com preferencia entre as outras, devem os membros desta sociedade guardar escrupulosamente as leis, que vivificam a sua união. Ora, se é a sociedade que faz dos homens uma familia de irmãos, o maldizente torna-se indigno della; por quanto é a maledicencia um rio execravel, e que muito offende a moral e a sociedade.

A religião recommenda a seus filhos, que não tenham *sociedade com os maldizentes*; é um peccado abomina-

vel que rompe toda a alliança entre Deus e o homem, e o priva dos meios que poderiam deter-lhe a graça e o perdão.

Ella por si só ennegrece a virtude e inutilisa os serviços, e faz esquecer os merecimentos.

Uma palavra dita no sentido mais justo, e com a intenção a mais pura e a mais innocente, o maldizente a revela, a invenena, e a interpreta a sua boa vontade, não attendendo ás consequencias funestas que d'ali podem resultar.

Eis porque vemos tantas vantagens frustradas, tantas desgraças soffridas, e tantas lagrimas derramadas.

Se lançarmos as nossas vistas para mais longe, só encontrámos dores e privações !

Vemos de um lado uma familia na maior consternação pela perda dos soccorros de que vivia honestamente; uma donzella, que esperando um futuro brilhante, de repente vê murchar-se-lhe as flores da reputação e da esperança; uma esposa ainda hontem tão querida, e hoje abandonada por seu esposo; do outro lado vemos um homem honesto entregue á miseria e ao soffrimento; um pai extremoso privado de todos os cuidados affectuosos e da ternura de seus filhos; um benemerito tyrannicamente excluido da recompensa de seus serviços; emfim, não se póde calcular os damnos e as desgraças causadas pela maledicencia.

Raça perversa, cujos dentes são espadas, que dilaceram os amigos e inimigos, os mortos e os vivos, os jus-

tos e os impios: *Generatio, quæ pro dentibus gladios habet.*

Os homens, diz um sabio escriptor, podem esconder seus thesouros, acautelar suas casas contra a invasão dos salteadores, repellir a força com a força, subtrahir-se ao punhal do assassino por uma acertada prevenção, por uma bem dirigida coragem ou pela fuga; mas contra os tiros da maledicencia, não valem nem a mais incontestavel probidade, nem as mais cautelosas providencias, nem a força, nem a coragem, nem as grandes fortalezas, e nem a fuga.

Para conseguir seus fins, ella toma formas differentes e emprega meios diversos; e tanta facilidade ha em exercêl-a que hoje nos ajuntamentos, nos bailes, nos theatros, nos passeios, e até em certas communidades, ella occupa sempre o primeiro lugar; e desta maneira a arte funesta de maldizer vai-se aperfeiçoando cada vez mais.

Terriveis embaraços encontrará o maldizente, para alcançar a gloria eterna, quando chegar á presença d'Aquelle, que sabe premiar a virtude e castigar o erro.

AS ORDENS RELIGIOSAS.

A sociedade moderna está pela maior parte eivada de doutrinas subversivas e repugnantes; brandindo o ferro demolidor a que seus adeptos chamam—*a machadinha do progresso e da civilisação*—ella por ahi vai derrubando

do as idéas as mais sanctas, os nomes os mais venerandos, e as instituições que a propria mão do tempo e ainda os golpes da barbaria não poderam riscar da face da terra.

Baseados nos principios de um liberalismo de Vandalo ou de Gôdo, e hasteando a bandeira do exterminio e da morte, não respeitam os Attilas modernos a verdade clara como o dia, e pretendem refundir a sociedade nos moldes da mais desprezível moral e do egoismo o mais refinado; cantam hosannas e hymnos de victoria sobre cada pedra que cahe desse edificio magestoso que custou as vigílias de tantos seculos, e vão estendendo suas azas negras semelhantes áquella ave agoureira e medonha que o poeta da *Messiada* figura pairando sobre a cidade invadida pela peste; semeiam de continuo a sizania de más theorias, inocular o veneno de suas idéas e nem a luz meridiana da verdade recebem, testemunho inconcussos de auctoridades sem conta que em todos os tempos, e em todos os paizes levantaram a voz em favor dessas velhas instituições: enfim, de todas as armas elles se utilisam para o alcance do seu fim maldito.

Horrorisa ao pensador de hoje o olhar para as scenas de impiedade que representam os modernos; fica tomado de terror seu espirito ao ouvir os soluços dessas entidades respeitaveis que tombam na terra, porque o sabre do novo Beduino não poupa o que é bom.

Parecem que os modernos apostolos desta pretendida liberdade não querem deixar pedra sobre pedra dos monumentos que toda a antiguidade reverenciou; semelhantes ao *Vesuvio* que em tempos remotos sepultou debaixo de

suas cinzas tres cidades inteiras, parecem elles agora querer imprimir em tudo o sello de morte; afigura-se-nos desejam renovar essa innundação de barbaros que em idades passadas fez da Europa um lago de sangue: os apostolos desta doutrina querem fazer do Universo um montão de ruínas e destroços, e pretendem riscar da terra tudo que se chama—bem ou virtude.

O que é certo é que a parte do mundo, que se diz o centro da civilisação, vomita lavas oceánicas de impiedade, e os homens applaudem com enthusiasmo essas scenas de horror, endeusam as *grandes* cabeças que tanto sabem pensar e animam as *sábias* pennas que tão bem propalam o erro: o que é certo é que por toda a parte se ouve o ruido assustador desses colossos que se esboroam, e a grita incessante das turbas desenfreadas que tudo levam de vencida, como o furacão que em sua rajada não respeita as arvores seculares da floresta: o que é certo é que por toda a parte se faz a apothéose da licença, e preconisa-se a idéa de destruição !

Só não se apothéosa a virtude, nem se preconisa a idéa de moralidade; só não se applaudem a justiça e o bom senso, nem se derrocam os monstros da heresia !

É debaixo destes auspícios que hoje, ainda nós do seculo vemos com dôr do coração tornar-se amargurada a sorte da egreja, essa instituição divina; é a sombra destas idéas que vemos receberem as ordens religiosas um ataque manifesto e decisivo dos novos *flagellos de Deos*, ellas que são, foram e serão sempre a mais sancta das instituições da egreja, o seu mais forte e temeroso escudo\

Entretanto os religiosos foram em todos os tempos e a todos os respeitos utilissimos, e mereceram de todos os sabios, e de grandes homens insuspeitos os mais significantes elogios.

Oh! cruzados da nova liberdade, d'onde vem pois o odio e a guerra encarniçada que fazeis aos que procuram a vida do retiro e da abnegação?

Elles tentam pôr em pratica a palavra de Jesus que disse: *sêde perfeitos como vosso pai celestial é perfeito*; elles se provam no claustro como o ouro no crysol, segundo diz um escriptor.

Os religiosos são os sabios que, conhecendo quanto é falso o brilho das glorias mundanas, e quanto são enganadores os ouropeis que bordam os abysmos do seculo, abdicam os gosos terrestres, de todo o orgulho e de toda a vaidade do mundo. Elles se sepultam vivos em seus retiros, curam da bemaventurança de sua alma, e abraçam todo o principio de humanidade, meditando naquella palavra do sabio que diz: *é a salvação um dos edificios que se levanta sobre as ruinas da soberba*.

Elles, os religiosos, fogem do tumulto ruidoso do mundo, e embalam seu pensamento nos sonhos tranquilllos da solidão, capacitados daquelle dito de Seneca: *quantas vezes estive entre os homens, voltei menos homem*.

Elles não vivem desta vida, e procuram o céu e os braços de seu Creador, porque ouvem este grito de dôr e esta queixa lamentavel que se levanta de todos os angulos da terra, e que se prolonga de seculo em seculo: *«verdadeira felicidade no mundo não existe.»*

Os religiosos não procuram outra cousa senão uma vida mais christãa.

D'onde vem, pois, o odio que lhes votais, cruzados do liberalismo ?

É que não combateis os homens, nem somente lhes tendes inveja; vós guerreais a religião, e vosso alvo é a egreja.

E que auctoridades achais em favor de vossas doutrinas, em que tempo, em que classe, em que paiz da terra, que homens encontrais que houvessem abraçado vossos principios ? Oh ! não são os homens dos tempos antigos e pagãos, porque não descera ainda a civilisação ao espirito dos povos, e os conhecimentos humanos se limitavam a pequena esphera, e já Plutarcho dizia, fallando de Alexandre, que não a fortuna, senão o favor e a vontade dos deuses haviam elevado tanto acima a este grande homem.

Não são os leigos, porque talentos reconhecidos e irre cusaveis como Aristides, Minuncio Felix, Lactancio e Arnobio, fizeram apologias do christianismo; La-Bruyère imitou aos precedentes: Leibniz, esse gigante da sciencia e da philosophia, defendeu os principaes dogmas da fé; Newton, o grande Newton, deu explicações sobre um livro santo, commentando o Apocalypse: Macaulay, o eminente historiador inglez, se bem que protestante, disse ser a egreja catholica romana a instituição a mais merecedora de nosso estudo: e o visconde de Cayrú, esse vulto *venerando de nossa historia*, afirma ser mais facil *edificaram imperio no ar*, do que um estado sem religião !

Não são os poetas, pois protestam bem alto: *Sannazaro* escrevendo seu poema—*Dæ partu Virginis*; Vida dedicando suas horas á composição do *Christiados*; e Buchanan apresentando suas tragedias, *Jephthé* e *S. João Baptista*: não são os poetas, repetimos, pois ahi estão essas obras sublimes—a *Jerusalem libertada*,—a *Divina comedia*,—o *Paraíso perdido*,—*Polyeucte*, *Esther* e *Athalaia*, que encheram de gloria e de honra a seus auctores, obras que lhe deram a corôa da immortalidade, cõposições que todas foram inspiradas nas fontes da religião.

Não é a historia ainda quem vos dá apoio e bases, porque ahi está para que compareis a sociedade catholica, a velha India com seus preconceitos barbaros, sua crueldade e sua inercia; ahi está porque comparaveis com a Roma de hoje essa Roma pagãa, cujas virtudes catonicas preconisais, mas onde eu só vejo o proprio Catão assistindo á prostituição dos jogos de Flóra; onde eu deparo com as bachanaes dissolutas e os theatros impudicos instituidos por Nero; onde eu diviso alli no torreão de um palacio, clareado pela luz avermelhada das chammas, o vulto repugnante de um imperador que se diverte assistindo ao incendio que mandara atear na cidade de Numa.

Não é de certo quem vos autorisa, a historia que me leva ao amphitheatro romano onde eu vejo homens entregues ás garras de leões e de pantheras, e onde quasi ensurdeço aos applausos phreneticos de um povo barbaro; que se deleita com o spectaculô da morte de martyres innocentes !

Cruzados do liberalismo e apostolos da licença que guer-

reais a religião e a idéa de Deus, não encontráis uma só linha, a asserção de um sabio que possa vir justificar vossa impiedade.

É verdade que Voltaire disse: «O christianismo é uma religião selvagem, inimiga das artes e da razão:» mas o que adiantais com isso? Voltaire blasphema, apoiado em sua razão tresvairada, e decide de seu alto juizo que não é auctoridade, porque sua palavra semelha uma espada de dous gumes, sua penna é molhada em fêl, e suas armas são a calumnia e a mentira toda a vez que falla sobre a religião, sobre a egreja ou sobre Deus; emquanto nós lhe oppomos a logica invencivel dos factos sancionados pela historia, e factos que não admittem replica, porque sua verdade é irrecusavel e isenta de toda a duvida.

A egreja foi em todos os tempos a amiga e a protectora das letras e das artes.

Quando a cidade dos Constantinos cahiu sob o poder dos turcos foi a egreja quem abriu seus braços e offereceu retiros de paz e segurança aos illustres fugitivos de Bysancio e de Athenas.

Quando baniram de França a imprensa, foi a Italia quem a obrigou; quando jaziam esquecidas todas as incalculaveis riquezas da antiguidade, foram ainda alguns cardeaes que gastaram suas fortunas em folhear as ruinas da Grecia, e em adquirir preciosos manuscritos.

Em Roma, a séde do poder catholico, Beroaldo publicou os annaes de Tacito obtidos por Leão X á custa de grande somma de ducados; ahi Trissino deu a primeira representação da sua tragedia—*Sophonisba*—e tambem em Roma.

Miguel Angelo levantou a cupola de S. Pedro, esse grande monumento do christianismo.

Por instancias dos papas havia em Ferrara dez academias, em Bolonha quatorze, e em Sienna dezeseis; a invenção da polvora, e quicá do telescopio é devida a um monge Rogerio Bacon, foi o diacono Flavio Gioia quem descobriu a bussola, e se bem que o seculo lhe queira usurpar a propriedade, tambem devemos a um monge a invenção dos aerostatos.

Nos palacios dos Borgheses e Forneses eram admiradas as obras primas de Praxiteles e Phidias; as estatuas de Hercules e de Apollo foram compradas pelos papas a peso de ouro; o Pantheou foi consagrado e isento da destruição pelo culto dos apostolos; a estatua de S. Pedro coroando os capiteis da columna Trajana salvou-a igualmente da morte; e para que sejunte a tudo isto a graça e a poesia, o loureiro que crescia sobre o tumulo do cysne de Mantua era guardado por um monge !

Não foi por conseguinte a religião em dia nenhum a inimiga das letras e das artes; antes foram os proprios sectarios do liberalismo que atiraram ás fogueiras os quadros das egrejas, e com a furia dos heresiarchas e iconoclastas, semelhantes aos puritanos de Cromwel, cortaram a golpes de sabre os mosaicos dos templos de Constantinopla.

Não foi portanto a egreja nem o christianismo que pôz peias ao desenvolvimento da intelligencia, ou á cultura do espirito, como ousou dizer o philosopho de Fernel.

Demais, que vale este testemunho; quem foi Voltaire?

Foi o auctor dessa—*Pucelle d'Orleans*—que não passa, como diz Harel, de parodia sacrilega de um episodio sublime da historia franceza.

Foi o critico mordaz que chamou de barbaro ao cantor original da Divina Comedia, e desprezou Shakspeare por ver que o engenho deste sobressahia ao seu talento.

Foi o philosopho que, na phrase de Napoleão, não conheceu as cousas, nem os homens, nem as grandes paixões.

Foi o poeta que cantou o absurdo e a immoralidade, endeosando uma moral sem religião, e uma metaphysica sem crenças: foi o historiador que fez da historia uma arma, visou por unico alvo a quédá do poder ecclesiastico, e para alcançar seus fins substituiu suas opiniões aos factos, e sua razão á verdade, no dizer de Victor Cantu: foi o moderno Aristippo que pretendeu renovar a moral do prazer. Voltaire foi, diz alguem, o maior demolidor do seculo XVIII, hoje demagôgo forçado e defensor dos direitos das nações, amanhã sybarita effeminado e palaciano entusiasta ajoelhado aos pés dos thronos; hoje corajoso e amanhã cobarde: Voltaire, accrescentaremos nós, foi sobretudo um invejoso e por excellencia um impio!

E são destes apoios que tendes, ó inimigos da religião, são destas autoridades que podeis chamar em vosso favor, são estes os sabios que têm commungado vossas idéas.

Guerreais por conseguinte a egreja animados de um odio, infamante e desautorizado: e como são as ordens religiosas um dos escudos mais fortes, e uma das mais

bellas instituições da mesma egreja para ella afiais as laminas de vossas espadas, e brandis o ferro acicalado da destruição. Entretanto a historia da humanidade está cheia dos beneficios dos religiosos, e os annaes do mundo não fazem em cada pagina senão lembrar seus nomes como os mais esforçados propugnadores do progresso e do bem: o espirito humano se tem desenvolvido, as raias da intelligencia do homem se têm affastado, e se o mundo material tem progredido, a elles tudo isto se deve !

O CLERO.

A regeneração da sociedade está no clero, dizia o grande S. Vicente de Paulo, e a regeneração do clero está na sua educação.

Foi nisto que passou quasi toda a sua vida o servo de Deus, trabalhando, envidando meios para cortar os abusos dos sacerdotes de seu tempo, e conseguir assim um clero respeitavel e digno de occupar a alta missão que exerce na terra.

Instituindo as conferencias e os retiros ecclesiasticos o apostolo da caridade vio em seus dias surgirem outros novos apostolos, doutrinados no ensino de seus seminarios, e viu tambem no numero de seus discipulos Adriano Bourdono, Claudio Bernard, João Jacques Olivier, João Duval, e Benigno Bossuet.

Homens que provaram por seu proceder e por suas

obras o quanto pode um sabio mestre, a quem a Providencia deu espirito e missão de regenerar uma sociedade.

Ninguém melhor do que o fundador da nova ordem de S. Lasaro comprehendeu o que era o sacerdote.

Homem do mundo, o padre deve começar a viver, por assim dizer, n'uma athmosphera toda de Deus, onde aprenda a piedade primeiro que comece a lidar com os homens, e fortalecido na graça possa affrontar então todos esses perigos que soem cercar os eleitos do Senhor.

Na oração, pois, na pratica de exercicios de piedade, na frequencia dos sacramentos e no conhecimento do estado, é que convêm ser alimentado, por assim dizer, ou antes viver e morrer todo aquelle que se dedica ao serviço de Deus.

Foi aos pés do Crucifixo que o grande doutor angelico S. Thomaz, e o doutor seraphico S. Boaventura aprenderam essa sciencia que assombrou o mundo inteiro.

Porque a sciencia no sacerdote não utiliza, se ella não é acompanhada do temor de Deus.

Mais que tudo, pois, o director de um seminario deve cuidar em formar primeiro o coração dos moços, para que os estudos possam fructificar, imitando o agricultor, que prepara de antemão o terreno onde tem de lançar a semente.

É sem duvida pela falta disto que encontramos tantos sacerdotes, embora illustrados, mas sem o mínimo

sentimento ecclesiastico, e desconhecedores totalmente das obrigações do sublime estado a que se acham ligados.

Sacerdotes que alias seriam optimos ministros, se porventura tivessem estudado com melhores professores, com homens experimentados que lhes abrissem os olhos da alma, e melhor discernissem a sua vocação.

A vocação, esse dom sobrenatural que habilita o homem para exercer cabalmente as obrigações do seu encargo, é a primeira qualidade que deve existir naquella que aspira qualquer carreira. Quanto mais no sacerdote!

No sacerdocio, onde uma vez iniciados os moços não pôdem arripiar carreira, onde o arrependimento é sempre tardio.

E porventura será com a agglomeração atropellada de estudos, na maior parte profanos, que conseguiremos bom clero?

Certamente que não.

Se o sacerdote é o homem do estudo, tambem o é da charidade.

Uma cousa não deve existir sem a outra.

Se foi mister nos apostolos a sciencia infusa, tambem lhes foi de mister a reforma do coração.

É por este indesculpavel descuido, que no Brazil o sacerdote é menoscabado, que as familias, bem diversas das da culta Europa, dão sempre o peor para Deus, fazendo ordenar os filhos menos intelligentes e menos dotados de outras qualidades apreciaveis no homem.

É por isto que o clero é espesinhado pelos homens do poder, porque não encontram no sacerdote essa barreira invencível como na França, na Inglaterra, na Alemanha e no antigo Portugal.

É ainda por isto que desgraçadamente vemos sacerdotes tão escravos do civil, mendigando empregos e quiçá trahindo muitas vezes a sua consciencia, envilecendo deste modo a mais sublime de todas as classes.

Esta grave responsabilidade pesa sobre os bispos, pesa sobre os reitores, que ordenaram moços sem vocação, que não pozeram em pratica todos os meios para saberem se esses moços eram do numero dos eleitos.

Responsabilidade gravissima que convém desde já arredar-a de sobre a cabeça desses que se acham à testa de taes estabelecimentos, pondo em vigor os meios que nos dão os sanctos e o concilio para alcançarmos este desideratum.

DA NECESSIDADE E DA EXISTENCIA DA RELIGIÃO EM GERAL.

Deus é o fundamento e o objecto da religião; e a religião não é outra cousa mais do que o commercio reciproco entre Deus e os homens; commercio, pelo qual Deus se manifesta aos homens, e estes glorificam a Deus, que se lhes ha manifestado por differentes modos, — ou pela luz *natural*, ou pela *revelação* sobrenatural. Dahi vem a *necessidade e existencia* da religião em geral. Ha um Deus,

isto é, um ente supremo, origem, causa e principio de todos os entes, e infinitamente perfeito em todo o genero de perfeições. Os seus divinos attributos brilham e resplandecem por toda a parte: vemos manifestar-se o seu poder, a sua grandeza e a sua magestade na creação deste vasto universo, obra das suas mãos omnipotentes; a sua sabedoria na ordem, disposição, proporções e symetria das differentes partes, que o compõem; a sua providencia no seu governo; a sua bondade na sua conservação. Uma vez nos dá amaveis provas da sua clemencia, doçura e longa paciencia; outras vezes faz brilhar a sua justiça formidavel, descarregando mortaes golpes sobre cabeças criminosas e verdadeiramente dignas das suas vinganças. Já, é um pai terno, que prodigalisa com seus queridos filhos todas as riquezas do seu amor, e sobre elles derrama, ás mãos cheias, os seus favores. Já, um juiz irritado, que troveja, vibra o raio, e faz chover todo o fêl da sua justa colera para punir ingratos, que desprezam a sua ternura e as effusões do seu paternal coração.

Ha por tanto um Deus, não o posso duvidar; tudo m'o annuncia: eu o vejo, sinto-o, por assim dizer, fóra e dentro de mim mesmo. Os céos, que rolam sobre minha cabeça, com tanta magestade, e todas as creaturas, que me cercam, narram-me a sua gloria, sabedoria, grandeza, força e poder; tudo traz em si o cunho da sua sciencia e da sua economia, e me revela um artifice d'uma poderosissima intelligencia. A voz da minha consciencia, o sentimento intimo da minh'alma, os immensos e infinitos desejos do meu coração, m'o apresentam, fazem-me vocal-o,

por assim dizer, e sem difficuldade me persuadem que eu não posso ser satisfeito, senão pela posse d'um bem immenso e infinito.

Mas se ha Deus, eu devo honral-o e glorificá-lo, porque elle é digno d'uma honra suprema, e tudo fez para gloria sua. Logo devo temel-o e amal-o, porque elle é igualmente justo e bom, e tanto pune o crime, como premeia a virtude. Sim, devo-lhe o temor, por causa da sua justiça; o amor por causa da sua bondade; o agradecimento, pela sua beneficencia; a admiração, pela sua sabedoria; a fé, porque reconheço a sua veracidade; a confiança, pelos ternos cuidados da sua providencia; a submissão, porque elle é o Senhor de tudo; o respeito e adoração, por causa da sua grandeza suprema e de todos os seus attributos que produzem naturalmente estas impressões de respeito no meu coração para com o meu Deus, e me conduzem, como pela mão, a todos os meus deveres religiosos para com elle. A isto não posso eu faltar, sem que me declare abertamente contra todas as luzes do meu espirito, contra todos os movimentos do meu coração, contra os mais intimos sentimentos da minh'alma, contra todos os testemunhos da minha consciencia, e contra a voz de todas as creaturas.

Entro pois dentro em mim, e intimamente recolhido em mim mesmo, leio neste sanctuario profundo, que, sendo eu obra de Deus, a elle me devo todo inteiro. Saio fora de mim, e tudo quanto avisto, me convida a louvar o *magnifico autor* de todos os entes, que me cercam, e que foram por elle creados por amor de mim. Levanto natural-

mente os olhos ao céu nos menores perigos para implorar a assistencia do grande Rei, que ahi tem colocado o seu throno; reclamo o seu soccorro e a sua justiça contra os meus oppressores; recommendo-lhe a minha causa, os meus interesses e a minha innocencia; e quando me conheço culpado, temo as suas vistas e a sua vingança. Se percorro os annos do mundo, elles mostram-me que, em todos os tempos, todos os povos se julgaram obrigados a render certos cultos, ou internos ou externos, á divindade, qualquer que ella fosse. Dahi os votos, as orações, os templos, as victimas, os sacrificios, os ministros do altar, enfim todo o apparatus do culto religioso, que sempre se tem praticado entre as nações, ainda as mais barbaras e menos civilisadas. Quando os antigos idolatras viajavam, rendiam culto aos deuses, que suppunham habitar os lugares, por onde passavam; e tendo chegado ao termo da viagem, nunca deixavam de dirigir-se logo ao deus do paiz, por uma especie de oração jaculatoria. Os Romanos respeitavam tanto os deuses de seus inimigos, que antes de sitiarem qualquer cidade, deputavam sacerdotes para supplicar-lhes, que sahisses d'ella, e os conjuravam para os atrahir ao seu campo; ao mesmo tempo que os sitiados os ligavam com cordas, e os tinham bem seguros, temendo que elles os abandonassem: (*coram obsessâ urbe sacerdotes evocabant*. Brouver, de veter. ac recent. adorationibus.) Elles saudavam os proprios deuses ao despontar d'aurora, e os honravam com louvores nas festas e noutras occasiões solemnes. A lei das doze taboas era decisiva a este respeito. Todas as quintas feiras os antigos

Germanos sacrificavam ao seu deus Thor, para que desviasse d'elles o trovão, o raio e a saraiva. Desde o romper do dia os magos dos Persas cantavam hymnos em honra dos denses, e saudavam apenas raiava no horizonte o sol, esse fogo, que elles consideravam como um principio eterno. Em fim os diversos povos do mundo sempre julgaram um dever cantar, a seu modo, os louvores do Ente Supremo e render-lhe adorações por uma infinidade de cultos diferentes.

Logo a religião foi sempre necessaria, e sempre existio. Foi sempre necessaria, por isso que traz a sua origem da mesma ideia de Deus e dos seus attributos divinos, do sentimento intimo da alma, do dictame e da voz da consciencia, do grito e da inclinação da natureza; e é funda da na essencia das cousas, nas relações e proporções essenciaes, que se acham entre Deus e o homem, considerando a Deus como creador, e o homem como creatura sua; creador, que se manifestou ao homem, a quem deu a faculdade de o conhecer, e por esta preciosa dadiva lhe impõe o tributo de acatamento e respeito para com o seu bemfeitor.

A religião é tambem necessaria ao homem, quer seja considerado no puro estado da natureza, quer no estado civil e social.

Se o considerarmos no puro estado da natureza, quem não vê que a corrupção natural do seu coração, o ardor, a multiplicidade e variedade dos seus desejos, a violencia e *tyrannia* das suas paixões, o seu furor pela independencia, a sua mania de querer em tudo ser satisfeito, e o seu

amor desenfreado para consigo mesmo, o precipitariam, como a um louco, no abysmo dos maiores crimes e dos mais atrozes attentados, se o temor da divindade e da sua inflexivel justiça, se a ideia do justo, do honesto, da virtude e do bem, que tem relação directa com as faculdades da sua alma, não povessem freio e obstaculos aos seus horribéis desejos sustendo-o á borda do precipicio, e impedindo-o de tomar, como regra unica e medida de suas acções, a propria satisfação e a utilidade particular? Esta ideia do justo, do honesto e do bem moral, este nome sagrado de virtude, não são obra da politica, nem effeito da educação e da convenção dos homens, ou resultado das impressões do util e do nocivo; são sentimentos intimos d'alma, noções profundamente gravadas com caracteres indeleveis, pelo mesmo dedo do creador, no coração do homem mais selvagem; ideias universaes, communs e naturaes a todos os homens, fundados no instincto, dictadas pela razão, gravadas em todos os entes racionaes, e inherentes de algum modo ás acções humanas. Não obstante a tenebrosa noite, em que me vejo abismado, ha sempre um raio, que brilha a meus olhos. A razão derrama sobre mim os seus resplendores, e offerece-me a sua tocha para esclarecer os meus passos, afim de que eu me não extravie nos funestos caminhos do crime. Semelhantes a essas cadeias invisiveis, que reteem nas margens do oceano as tumidas ondas, quando se esforçam para transpôr os seus limites, esses raios de luz reprimem as minhas paixões, logo que ellas querem sublevar-se, e as abatem aos pés da minha razão, sua legitima soberana.

Considerado o homem no estado civil e social, a religião não lhe é menos necessaria. A natureza ensina os homens a unirem-se e a formarem sociedade, a fim de se coadjuvarem e socorrerem mutuamente em suas diferentes necessidades. Para poder subsistir esta sociedade, e conseguir o fim, que lhe é proprio, é necessario que os membros, que a compoem, se prestem mutuos soccorros. É mister que sejam sinceros e fieis uns para com outros, que cumpram a sua palavra, executem as promessas, preencham as suas obrigações, a ninguém façam injustiça, e prefiram, em todas as occasiões, o bem geral da sociedade a seus interesses particulares. Ora, se os homens não tiverem religião, não poderão cumprir estes deveres, nem chegar ao fim, que se prepozeram, quando se uniram em sociedade; porque não terão motivos sufficientes para o cumprimento dos deveres, nem regra fixa e immutavel das suas acções. Ah! e quaes seriam esses motivos, essas regras, que podessem supprir a falta da religião? o interesse proprio? o amor da gloria? as leis humanas? Vãos recursos! meios insufficientes! O interesse proprio é muitas vezes opposto á utilidade publica, e até á virtude. O desejo da gloria mundana é quasi sempre fraca barreira contra o vicio, e apresenta apenas a mascara da sabedoria. As leis humanas ainda as mais perfectas pecam sempre por algum lado: ellas não prohibem todos os crimes, nem recommendam todas as virtudes; podem ser desprezadas, assim as recompensas inherentes á sua observancia, como as penas devidas á sua transgressão. É *tambem* possível evitar estas penas e sacudir impune-

mente o jugo da lei: ellas não punem os grandes, os poderosos, nem os famigerados e illustres tyranos, que devastam o mundo a ferro e fogo. Logo a religião foi sempre necessaria, e sempre existio.

A MORAL.

Se é triplice o espirito humano;

Se se manifesta pela intelligencia, sentimento e vontade;

Se estas são as tres linhas do admiravel triangulo interior;

Se tudo é regido por leis, em que se estampou a divina sabedoria;

Se a intelligencia tem a logica e cria a sciencia;

Se o sentimento tem a esthetica e cria a arte;

Se cada faculdade tem a sua filha, mimoso fructo seu;

É necessario que a vontade tenha tambem as suas leis, as suas filhas, o seu mundo.

Não ha de ficar desherdada, esmolando em sua pobreza o pão de Deus, as leis do céu.

Assim como a razão, verdadeiro reflexo da luz divina, fecunda por principios evidentes e claros a sciencia e a arte;

Assim tambem fecunda a vontade, e a alenta com seu luminoso reverbero.

A vontade, assim bafejada intimamente com o sopro de Deus, dirige-se para o bem, unico alvo da moral.

Derrama-se pela alma o esplendido da razão e illumina as veredas, que percorremos.

Assim como reina a ordem no mundo physico, assim tambem deve reinar neste ignoto e admiravel mundo interno.

Mundo povoado das luzes das intelligencias e aquecido com o calor do sentimento.

Mas a ordem e a pratica do bem suppõem a applicação de certos principios eternos e universaes.

Estes principios, coordenados em suas causas, natureza, effeitos e desenvolvimento, constituem a moral.

Elles são os guias; a alma é o viajante; este é peregrino; aquelles são a columna de fogo.

A moral tem portanto como alvo dirigir a vontade na pratica do bem.

E como a pratica do dever é inseparavel da realisação do bem, a moral é igualmente o orgam do dever.

A vontade não é pois a filha engeitada.

Se o sentimento se tinha apoderado do bello e abraçado a elevação desinteressada e sublime, haurida nos mananciaes da arte.

Se a intelligencia chamára a si as arrojadas visões do pensamento;

Ainda ficou alguma coisa por distribuir no egregio e generoso festim da creação.

Sentio-se a necessidade de harmonia entre aquelles dous elementos para formarem a unidade da moral.

E nasceram as leis moraes, presidindo á alma.

O bem será porém alguma coisa que pese na balança da vontade?

Haverá uma radical, profunda e absoluta distincção entre o bem e o mal ?

Se consultamos o intimo de nossa alma;

Se nos introduzimos no recatado gynecceu da mysteriosa dama;

Veremos que julgamos os nossos actos bons ou máus, justos ou injustos, conforme principios eternos, que são a nossa luz.

Esta luz é a mão de Deus, que nos mostra o bom caminho para o seguirmos, e o mau para o evitarmos.

É a nossa consciencia moral, este juiz, este Argos interior e constante.

Esta discriminação pratica reveste uma forma sensivel, porque se apossa da nossa alma.

É o sentimento moral.

O coração acompanha e alenta o espirito.

Mas se nós concebemos os actos moraes, como sujeitos a uma regra;

Se consideramos uns como dignos de lucros, outros como condemnaveis;

Sentimos necessariamente, que devemos praticar uns e abster-nos de outros.

Conhecemo-nos por tanto vinculados a um laço superior, que nos deve dominar.

Esta prisão é o dever, laço admiravel, que liga as muitas petalas do esplendido florão do espirito.

Não é pois tudo indifferente nos nossos actos.

Não é indifferente, que a nossa alma fluctue como ciumba sem leme e sem governo:

Sendo assim, não haveria razão para praticarmos uns actos e evitarmos outros, nem para os julgarmos bons ou máus.

Esta differença profunda, absoluta, assim apercebida pela consciencia, constitue a distincção do bem e do mal.

Entre um e outro ha um abysmo, que os separa, tornando-os radicalmente oppostos.

Independentemente de interesses ha certos actos, que merecem a nossa estima, e outros o nosso desprezo.

O sacrificio, a abnegação, o desinteresse, mereceram sempre reverencia e louvores em todas as épocas da historia e em todos os povos.

A veneração, que nos causa o cumprimento do dever, o respeito, que tributamos ao homem virtuoso, são factos universaes.

A publica indignação, o escandalo, que levantam certos actos, são a prova manifesta da distincção do bem e do mal.

A vergonha, o repellente, o enojo, que succede á violação do dever, são tambem de todos os tempos e lugares.

Não se erguem aras ao mal.

O vicio triumpho por vezes, e ostenta-se vaidoso, impavido e desfaçado.

Mas fermenta na consciencia publica uma antipathia tal, que não ha lingua que a descreva.

Ninguém louva o assassino, o parrecida, o traidor.

Ninguém confunde o justo e o injusto.

Nos juizos das conveniencias do util pode discrepar-se.

Mas nos do justo e do injusto são sempre universaes aos *nossos juizos*.

A virtude tem ao redor de si uma atmosphera encantada, um perfume celeste, que atrahê e enleva.

O vicio é detestavel.

Destruida que fosse esta distincção, pereceria a sociedade por falta de bases.

A distincção do bem e do mal procede pois da razão e da essencia das cousas.

. A moral impõe deveres e falla assim a cada homem:

«Dá a cada um o que for seu.

Não sejas traidor nem ingrato.

Não injurieis os teus pais e bemfeitores.

Respeita a vida do teu semelhante.

Acode aos infelizes quanto te fôr possivel.»

E nem se admitte demonstração para este preceito nem ha quem o ponha em duvida.

São pois estes principios uma luz tão viva e manifesta como a luz que governa a intelligencia.

Não somos nós que os fornamos.

Achamo-los gravados na alma.

São anteriores a toda a sociedade.

A educação lembra-os e desenvolve-os, mas não os cria.

São contemporaneos á existencia da propria alma, na qual se acham estampados em letras, que não ha apagar.

Inspiram a justiça dos tribunaes e as locubrações dos legisladores.

São a regra natural da vontade e procedem da essencia das cousas.

Sobre elles repousa a sociedade.

Nelles, na sua realisação, consiste a harmonia moral.

Mas assim como os axiomas intellectuaes guiam a alma e nisto está a sua especialidade e natureza.

Assim tambem os axiomas moraes logram um caracter peculiar.

Distinguem-se por serem a regra permanente e universal da nossa vontade.

Como estes preceitos se impõem imperiosamente, importam tambem a necessidade moral de os praticar.

Esta necessidade, que prende o homem a certos preceitos, este vinculo, este laço, é o dever.

E este impõe-se absoluta e invariavelmente.

Ordena com disciplina militar.

Não escuta supplicas; não attende a hesitações.

É um commandante, cuja lingua só contém a palavra: ordeno.

Haurido nas leis moraes, o dever reveste a natureza dellas.

É pois immutavel, permanente e universal.

A sociedade desenvolve, modifica o preceituado natural da consciencia, mas não o engendra.

O dever é pois intimamente ligado á noção da distincção do bem e do mal.

Esta noção não se extrihe como principio abstracto e especulativo; mas como um principio pratico.

Esta distincção, racional e absoluta, é essencialmente inseparavel do dever.

Este laço moral repousa sobre uma lei eterna, a lei do bem.

Qual é porém a origem suprema da autoridade da lei moral?

Donde lhe dimana a seiva de que se nutre?

Onde haurem as suas raizes, a sua força imperativa?

Problema terrivel, mas não insolúvel.

Não pôde estar sujeita ás contingencias da creação a origem do bem, porque este é eterno e immutavel.

A base da moral ha de necessariamente ter em si a permanencia, o absoluto e a incontingencia.

Não pode pois achar-se a base da moral dentro do limitado.

Sobe por tanto, ser humano, a mysteriosa montanha e faze por divisar a espantosa luz.

Entranha-te por esse mundo além da immensidade e avista a essencia divina.

Deus é com effeito o supremo legislador que manda fazer o bem e evitar o mal.

Creando-nos livres, artistas do nosso destino e felicidade, não havia deixar a alma indecisa, fluctuante no mar da perplexidade.

A nossa pessoa não é a folha secca do outono, que vagueia á mercê de qualquer brisa.

Não é o ludibrio da natureza; mas uma força animada, resoluta e vivaz.

Deus com effeito deu um alvo á liberdade: a realisação do bem.

Se praticassemos o bem machinalmente, não haveria merito nem demerito.

O homem ficaria reduzido ás condições do animal.

É pois necessaria a liberdade para a existencia e condição do homem como tal.

Mas é tambem essencial que este saiba usar da liberdade.

Deus por tanto dotou-nos de liberdade e preceituou-nos a lei moral.

Por isso a consciencia nos vitupera, em que pese aos nossos desejos, os nossos actos criminosos.

As penas e recompensas, cuja noção é universal, supõem evidentemente que os nossos actos não são indifferentes a Deus.

Cavando na natureza do bem, de inducção em inducção, alcançamos um conhecimento superior.

O bem absoluto é Deus; é pois Deus o seu autor e o legislador da lei moral.

A voz da consciencia pôde ser havida como a voz do proprio autor da natureza.

Augusta, severa e grave, a moral deve ter uma sanctão.

A sua formula é simples e absoluta.

«Faze o bem pelo bem» eis a lei moral.

Mas nada impede a consciencia de ter a noção das penas e recompensas.

Se umas e outras são incompletas, ha nellas todavia rigorosa legitimidade.

Ao cumprimento do dever corresponde a satisfação interior.

A sua violação succede o remorso.

Se tal não acontecesse a lei moral seria inexplicavel,

porque a vida virtuosa seria um martyrio, um castigo de si mesma.

Esta sanção da moral e todas as mais, de que dispõe neste mundo, não são todavia bastantes.

E é essencialmente necessario outro complemento da lei moral, que o espirito de Deus exhibirá n'outro lugar deste livro.

Sendo pois a moral cimentada da natureza das couzas, não é o interesse pessoal que a engendra.

Não se dá identidade entre o util e o justo.

Aquelle varia conforme as circumstancias de pessoas, lugares, tempos e modos de ser das sociedades.

Este é sempre o mesmo.

O util por si só póde levar aos maiores crimes, não sendo acompanhado da noção do justo.

O util varia ainda de individuo para individuo conforme as suas condições peculiares.

Não póde pois formar uma lei universal, tão benefica e adequada aos fins humanos, que nella se divise o dedo de Deus.

A utilidade publica tambem não cimenta a moral, porque não é mais que a união das utilidades privadas.

Se o util porem não engendra a distincção do bem e do mal, não fica banido do quadro da perfeição moral.

Não é o exilado da patria commum da nossa alma:

O homem, cumprindo a lei do bem, não fica destituido de felicidade.

Este é o resultado do bem.

A virtude é o premio de si mesma e a vida virtuosa é a vida verdadeiramente feliz.

Por sobre a pessoa virtuosa chove um sem numero de graças celestes, que inundam e inebriam.

A semente, que a pessoa de virtude lança á terra, reproduz-se em flores e fructos. E a consciencia torna-se frondosa planta de recendente arôma e encantadoras fórmas.

Se a felicidade perfeita nem sempre acompanha a virtude, é porque as raizes da moral prendem mais alto e reclamam outros mundos.

Enem por isso o bém deixa de ser uma obrigação rigorosa e absoluta.

O mesmo se dá com o sentimento moral.

A *sympathia* pela virtude, o odio pelo crime, não fundamentam a moral.

Não ha sentimentos sem o juizo que nelles se incarna.

O juizo do bem e do mal reveste as formas sentimentaes; aquece-se ao calor do sentimento. Mas é anterior a toda a manifestação sensível.

A alma carece deste fomento para com menos hesitação e mais animo cumprir a imperiosa lei.

A moral é austera: carece de alguma cousa, que enleve e incite o espirito.

Carece das paixões generosas, e das inspirações do coração.

A moral infiltra a sua seiva benéfica em saborosos pomos.

Casa-se assim a moral com o sentimento.

Mas é independente deste.

O sentir é variavel de homem para homem, conforme as disposições de cada uma.

Este inebria-se com os sons prolongados e mysteriosos do organ: aquelle com a admiração de um quadro.

Um tem umas tendencias; outro pende para outras.

Não pode pois o sentimento formar uma lei universal.

Tambem a lei do bem se não funda na vontade livre de Deus.

O bem e o mal são distinctos por sua natureza.

O bem, sendo tal por essencia, procedendo-se, engendrando-se no proprio ser divino, não podia ser outro.

A luz do espirito ácerca d'aquella radical distincção é como todas as mais.

É um reflexo da razão divina.

É outra prova da semelhança do homem com o seu creador.

D'estes principios flue o juizo do merito e do demerito.

A lei moral é uma obrigação.

Mas tem de ser cumprida pelo organ da liberdade.

O homem pode observar ou inflingir a lei moral.

Apparece a lucta e a necessidade do sacrificio.

A razão e a consciencia mostram o bom caminho.

As más paixões ensinam por vezes outro.

O homem escolhe, fazendo da liberdade um instrumento de salvação ou de ruina.

D'aqui a virtude ou o vicio: o merito ou o demerito.

E só estes actos, assim dependentes da liberdade, entram na moral.

Todos os mais estão fora do alcance deste—do seu quadro.

Tal é a vida moral.

Como o homem é artista da sua felicidade e do seu destino, a vida moral, o cumprimento do bem, é um dos seus fins principaes.

Este fim fecunda todos os outros.

O seu cumprimento é condição essencial de todos os mais.

O dever é sempre applicavel a todos os fins humanos.

E quando o bem triumpho do mal nas cruas batalhas da vida;

Quando sacrificamos tudo á virtude;

Quando o nosso somno é tranquillo, como o do justo;

Quando a nossa alma é um espelho sem manchas;

Quando a virtude branqueia a nossa consciencia com a alvura de uma vida limpa de maculas;

Quando não tropeçamos no caminho deste valle de lagrimas da vida presente;

Quando arredamos a tentação ainda nos mais truculentos embates das circumstancias;

Quando dentro d'alma edificamos o invisivel templo de uma não desmentida rectidão;

Quando com a intima felicidade da virtude formamos os muros, com que sempre resistimos a constantes provocações;

Quando enfim o dever é a invariavel divisa de todos os nossos actos livres;

Então a virtude entôa mais um cantico.

Então o homem alcança mais uma victoria.

E a providencia cobre mais uma vez de benções a *pessoa humana*.

E chove por sobre esta um sem numero de inexhaustiveis graças, que a aviventam e santificam.

A MORTE.

Oh dor! . . . e ainda assim tu me não forçarás á convir que és um mal! (*Celebre exclamação de Ecedonio de Apoméa.*)

Morte! Morte! . . . Tu que, indifferente, quebras o sceptro do poderoso como o cajado vil do desvalido pastor! fazes perecer o mais profundo sabio, luzeiro de sua patria, como o mais inutil e ignorante dos homens! e anniquilas ao opulento que vive engolphado em delicias como ao laborioso artifice que moureja pela mesquinha subsistencia de sua familia numerosa!

Tu, que arrancas o consorte dos amplexos deliciosos da esposa carinhosa! roubas á desvelada mãe o fructo fascinante de seus amores, seu innocente filhinho, transumpto magico de su'alma! e arrebatas do extremo amigo as delicias de sua existencia, o companheiro de suas fadigas e de seus prazeres! Tu, que inexoravel, te não commoves, nem aos enternecidos ais da pudica orphãsinha junto ao leito de sua moribunda mãe, de sua mãe, unico abrigo seu neste vasto oceano de corrupções e de egoismos!!

Tu, ó Morte, a cujo aspecto nivelam-se os poderosos da terra com os mais vis dos mortaes! extinguem-

se os mais elevados e famigerados genios! s'esvaecem as mais lisongeiras esperanças! desorganizam-se os planos melhormente combinados! metamorphoseam-se os encantos das doçuras do Amor e da Amisade em mananciaes de tantas sandades! . . . de saudades tão pungentes! . . . E's, comtudo, para a mente do philosopho perenne fonte de verdades sublimes!

Teus são os umbraes, que temos de transpor para atingirmos nosso derradeiro fim. Em teus dominios, o homem somente orna-se com os simples vestuários do merito e do demerito. Tu nos insondaveis e cáliginosos mares dos desregramentos és a bonança que faz nossa vontade seguir feliz derrota. És para o justo, qual estrellla peregrina a cujo scintillar vibram as cordas da esperança no coração do nauta consternado.

És o sol que reseca todas as illusões. Tua eloquencia é tão nervosa e irresistivel como reaes os mais factos que circundam-nos. Tu d'entre essas innumerables materialidades, que encobrem-nos a verdade, e embrutecem nosso entendimento, és o padrão pyramidal que eleva-se para testemunhar ao homem a REALIDADE de seu destino na terra.

Tu, vogando nesse tempestuoso cataclysmo de contradicções, és a arca em que salva-se a philosophia. Em ti, como outrora na oliveira a pomba do Diluvio, poussa o pensamento que esbaforido esvoaça por essa immensidade de delirios. Tu, de envolta com os phenomenos que levam de roxo nossa attenção, és a columna de fogo que nos guia no tenebroso e árido deserto do

scepticismo. Tu, qual o clangor de exterminio, que arrasou os antigos muros da invencivel Jericó, demoles as bronzas e impenetraveis muralhas do indifferentismo.

Em ti, como na limpida fonte do vivificante oásis o viandante sedento, se conforta a philosophia no perigrinar, á que a desterram o menospreso e o vilipendio do grande numero dos insensatos. És tu, emfim, que no mais ardente das corruptôras orgias, metamorphoseadas em sumptuosos, esplendidos e fascinantes festins, e que taes pompas, quebrando todos os seus encantos levanta o brado alti-sonante de—*Victoria á philosophia!*—*Victoria á essa bussola da humanidade!*

J. DE B. BARRETO JUNIOR.

A ESCRAVIDÃO.

Se estudando o nosso estado social, buscarmos as cauzas do pouco progresso que temos tido, veremos que a escravidão é a principal, senão a origem de todas as outras; porque della decorrem os males que têm empecido nosso desenvolvimento; porque á ella é que devemos nosso atraso nas artes, na marinha, no commercio, na agricultura, finalmente em todos os ramos da riqueza publica, porque ella é que tem feito desenvolver-se as ambições politicas, e essas aspirações

aos cargos, prova irrecusavel da indolencia de um povo.

Breves reflexões sobre tão melindrosa questão serão sufficientes para demonstrar esta verdade; é bastante considerar a escravidão pelo lado economico politico, e examinarmos seus funestos effeitos.

Que a escravidão é um empecilho ao desenvolvimento da riqueza publica já não é hoje objecto de duvida; ahi estão para proval-o não só a historia das nações d'outrora, como os factos sempre constantes e as observações que se hão feito nos paizes, que hão admittido escravos.

E de feito o que é que exigimos do escravo? o seu trabalho, o emprego do suas forças, quer na agricultura, quer nas artes, quer nos serviços domesticos que nos prestam; nos dois primeiros casos o emprego pode ser lucrativo, no ultimo porem as mais das vezes só despesas e perdas acarreta para o senhor.

Dissemos que os escravos empregados no serviço domestico ou pessoal as mais das vezes só produzem despesas e perdas, porque representando elles um valor consideravel, e exigindo não pequena somma sua conservação, os serviços por elles prestados não são sufficientes para ressarcir esse capital, o seu juro e os gastos feitos com sua manutenção; principalmente se nos recordarmos que são pouco zelosos no serviço, e não lhes importa destruir aquillo que lhes é confiado, *em-bora causem não pequeno prejuizo á economia domestica. Acresce que nos paizes onde ha escravidão, é um*

luxo e uma prova de distincção e grandeza possuirem os senhores em casa grande numero de escravos, occupados quasi sempre nos mais insignificantes servicos.

Quasi que podemos dizer o mesmo acerca dos escravos empregados na agricultura ou nas artes: a sômma empregada, a despeza que se faz com o seu sustento e conservação, tudo isso faz com que o escravo por mais laborioso que seja, não dê a seu possuidor lucros equivalentes áquelles, que auferiria se empregasse essa sômma em um negocio seguro e vantajoso, cujo interesse daria sem duvida para pagar ao trabalhador livre o seu trabalho, por maior que fosse o seu salario. Se o salario é um onus para aquelle que necessita de braços, não o é menos e muito mais pesado o sustento que se dá ao escravo, sustento que se presta quando elle se acha doente, ou ainda quando por qualquer eventualidade não pode trabalhar—a menos que o senhor não seja um homem barbaro.

Ora, o embolço de todas essas despesas é o trabalho do escravo; mas quem não vê que sendo esse trabalho forçado, e por consequente deleixado e máu nem sempre ha de produzir esse resultado? O escravo indolente trabalha mal e pouco—, quando instigado pelo azorrague; é de seu interesse occultar sua habilidade afim de evitar maior tarefa, e considerando o senhor como inimigo, não perde occasião de lezal-o, já furtando-lhe parte do que produz, já empregando pouco zelo *n'aquillo que faz*: d'ahi a necessidade de feitores pagos pelo

senhor para vigiarem os escravos; d'ahi a rotina e nenhum melhoramento quer nas artes, quer na agricultura; d'ahi finalmente menos quantidade de productos e estes de má qualidade e por consequente menos riqueza e bem estar.

O que nos mostra a agricultura? o mesmo processo rotineiro de ha tres seculos uzado, ainda desconhecido em muitos campos o uso do arado, a terra revolvida a força de braços, continuas derrubas, terras cançadas no fim de tres ou mais annos, nenhum melhoramento no cultivo, sempre a mesma producção, nenhum bem emfim á sociedade. E isso porque? porque como em Roma deixou-se entregue ao escravo a primeira fonte da riqueza—a agricultura;—de modo que a continuar o mesmo systema, breve nossas terras, como as campinas de Roma, se tornarão estereis de uberosas que eram, os rios dessecados apresentarão seus leitos como o Cedron, e as florestas desapparecerão de todo para deixar por toda a parte a terra nua, esteril, calcinada mostrando em sua superficie esses rochedos calcarios, semelhantes á alvejantes ossadas!

Assim a escravidão é mais prejudicial que a paga por mais elevada que seja dada ao operario livre.

E ainda quando isso não fosse exacto, não duvidariamos dizer com J. B. Say: *não se trata de saber por que preço se pode fazer trabalhar um homem, mas por que preço se pode fazer com que elle trabalhe sem ferir a justiça e a humanidade* porque como bem diz o illustrado arcebispo da Bahia: «a injustiça

e o crime não podem fazer a felicidade d'uma nação !»

E inda isso não é tudo; é um facto incontestavel que a industria é tida em menos preço n'aquelles paizes em que a escravidão tem sido admittida; e a razão é por que nesses paizes ella é deixada ou exercida pelos escravos. Foi o que se deu em Roma, é o que se dá hoje nos Estados-Unidos, é o que vemos entre nós. Quando os vencedores romanos trouxeram para sua patria seus prisioneiros de guerra tornados captivos—quando a multidão dos escravos corrompeu a moral dos romanos, e fez com que elles perdessem suas virtudes e austeros costumes, os cidadãos abandonaram a agricultura e as artes, por isso que julgaram mais nobre viver na miseria ou ser *clientes* dos patrões, que exercerem esses trábajos: e o que resultou? a miseria publica, a esterilidade do solo tão fertil outr'ora, a guerra civil, a invasão dos barbaros, e a desappareição do Imperio!

E como não ser assim? o escravo nenhum interesse tendo no fructo de seu trabalho—não procura inventar nada para o melhorar, não sendo dotado de instrucção alguma, trabalhará com esse esforço cego que destroe em vez de criar, e não sendo livre nenhum zelo, nenhum estímulo o levará ao trabalho; sem affeições, sem laços que o liguem ao solo—sem patria e sem direitos o escravo maldirá a vida, e odiará o paiz que o priva de tantas affeições, e da dignidade de homem! *E se isso se dá com o escravo, com o homem livre se dão*

outros factos. Os naturaes livres do paiz, que tem escravos, são por essa causa indolentes e pouco industriosos, entre elles a industria é reputada baixa: e o estrangeiro que por acaso vem residir no paiz, ou fica contaminado dos mesmos preconceitos ou pouco se demora, por isso que não acha a necessaria segurança e esse apreço e consideração de que goza nos paizes livres. Se trabalha é por alto preço, e só para adquirir fortuna, não por amor da arte, ou do paiz onde reside.

A industria pois nos paizes em que a escravidão existe é nulla, e a riqueza será por isso mesmo nenhuma.

Se passarmos ao emprego dos lucros auferidos, veremos que as mais das vezes é elle sempre improficuo: os lucros do escravo são por elle logo consumidos afim de não passarem ás mãos avidas do senhor, ou porque os escravos, por isso que não têm futuro, só buscam os gozos do presente. Os lucros do senhor por outro lado, se os ha, são empregados no luxo, na ostentação, nos vicios e na desordem, por que um dos effeitos da escravidão é desenvolver os na classe dos senhores, que cercados de escravos se julgam superiores aos outros homens e se entregam ás paixões que a ociosidade desenvolve.

A politica com suas vertiginosas aspirações occupa ordinariamente o espirito de todos, porque por meio *della* querem chegar aos cargos, unica occupação que *julgam* lhes é condigna. A inveja, o crime, a libertina-

gem, esses fructos venenosos da ociosidade e da escravidão, fazem por sua vez nascer a prodigalidade, as rivalidades, as richas, e esses crimes cujas chrouicas odiosas e horriveis se conhecem nos paizes em que existem escravos. Instrumentos cegos dos caprichos do senhor, o escravo lisonjea suas paixões, executa cegamente seus mandados, sendo por isso que J. B. Say diz que *«se o escravo é um ser depravado, o senhor não o é menos!»* Funesta consequencia da escravidão! se o senhor se locupleta a custa do escravo, este por sua vez deprava o senhor, que ordinariamente pelo luxe, que ostenta e por seus apparatusos costumes, fica por fim individualo!

Não é pois sem razão que diz St. Pierre: *«quando o homem prende uma cadêa ao pescoço do escravo, Deus solda a outra extremidade no pescoço do tyrano!»* sim; o que soffremos por causa dos escravos, não é senão um castigo do que os fazemos soffrer.

Os hollandezes, esse povo tão industrioso em seu torrão natal, torna-se nas colonias, segundo o testemunho de um viajante, inteiramente indolente: no cabo da Boa Esperança a vida do colono rico se reduz a fumar, comer, fazer visitas e dormir! nenhum desenvolvimento intellectual, nada dessa vida activa que deve destinguir o homem!

A população não é menos prejudicada pela escravidão: nos paizes que possuem escravos ella tem pouco crescimento, por isso que a indolencia enervando os *homens*, faz com que elles temam os encargos da fami-

As lagrimas do misero captivo
 Cairam sobre vós, quando embalaram
 Vossos braços seus braços;
 Sangue do captiveiro alimentou-vos,
 O vicio delle herdastes.
 Senhores vos julgaes e sois escravos!

Sim, o infante criado entre escravos será escravo tambem; a liberdade não fallará a seus ouvidos a linguagem sublime que falla aos homens livres, e o despotismo achará nelle um humilde respeitador, um co-varde servo!

A mesma linguagem se deprava; os mesmos costumes se perdem, a polidez do tracto desaparece: nos paizes onde existem escravos a linguagem se mostra obscena, pessimos os costumes, nenhuma a pólidez!

Em taes paizes a segurança é precaria, e a existencia instavel! A sociedade ahi é semilhante a essas cidades e aldêas edificadas junto dos vulcões, que não cessam de opor diques e elevar barreiras ás erupções possiveis. quando Deos não zomba disto, e não as soterra como fez a Herculanium e a Pompea! . . .

A independencia de taes paizes pode ser facilmente atacada, por que como notou o sabio e benemerito patriota J. B. d'Andrade *«um povo heterogeneo e mesclado não pode ter verdadeira nacionalidade.»*

Por isso Jefferson exclamava no Congresso americano

«acaso pode-se julgar segura a liberdade d'uma nação, tendo-se removido a unica base firme que tinha, a convicção do povo de que ella era um dom de Deos e que não podia ser violada sem desafiar sua colera? Em verdade, temo pelo meu paiz quando reflecto que Deos é justo, e que sua justiça não pode dormir para sempre!»

Vendo pois os males que acarreta comsigo a escravidão, não podemos deixar de recuar ante esse legado funesto que nos deixou o passado, e que tantos males nos ha causado, e ninguém deixará de convir que é de summo interesse procurarmos desde já obstar sua progressão, fazendo que cada dia vá diminuindo esse flagello, e com elle seus funestos effeitos.

Á mocidade compete derrocar esse edificio carcomido, já vacillante pelo sentimento do seculo, e esboroado pelo esforço do Christianismo. A mocidade é livre, e quem é livre tem força, a mocidade tem fé, e a fé pode muito!... É necessario que uma crusada se levante contra este inimigo do desenvolvimento do paiz, é preciso que o terrivel flagello desapareça das plagas abençoadas do Cruseiro! A Cruz é o symbolo da liberdade e do amor, e a America foy destinada por Deus para abrigar em seu seio a liberdade—esta filha querida do Christianismo; nós pois americanos, nós filhos predilectos desse padrão elevado no Golgotha, principiemos por banir de nosso solo o seu maior inimigo—a escravidão! Possa essa arvore infesada, cujos *fructos são tão venenosos*, arejar de todo em nosso solo

abençoado! Possa esse edificio da maldade e da torpeza dos homens cabir aos esforços desse *gigante do porvir* a quem pertencem as gerações futuras!

Sim! ergamos a fronte e com os olhos fitos em Deus, caminhemos impavidos pela senda do dever, só tendo em vista a eternidade e a patria!...

RIBEIRO DA CUNHA.

MORAL PUBLICA.

«A moral, diz Pascal, constitue um tribunal, mais excelso, mais tremendo do que as leis:» maxima esta que harmonisa com est'outra, não menos verdadeira:—as leis são obra dos costumes.

Mas á que moral, á que costumes se allude aqui?—Certamente que não é á moral dos philosophos, porque está sempre em um estado de controversia, e se é incontestavel que os seus escriptos tem uma certa influencia sobre a opinião, não o é menos que esta nem sempre aceita os seus decretos, e que é o perpetuo juizo em ultima instancia de tantas affirmativas contradictorias. A opinião considerada sob essa forma é o que se chama *moral publica*.

A escola doutrinaria, por motivos de conveniencia que não são para aqui, proclamou como principio a *universalidade da razão*; verdade é que as suas peculiares *circumstancias* a impediram de bem comprehender o

principio e de deduzir-lhe as suas verdadeiras consequências, o que contudo não compromette a verdade d'este axioma fundamental. A moral n'este ponto corre parelhas com a razão: consultae um povo todo sobre uma questão de consciencia, e só ouvireis uma resposta, porque os pareceres diversos dos da maioria não passarão de inspirações do interesse ou da vaidade, e nada podem contra a universalidade da lei moral. Em pontos de factos um tribunal de arbitros hesita muitas vezes, em casos de direito, nunca. Mais ainda: se a moral escripta fôra convencional, se não fosse mais do que a expressão da vontade do legislador, não haveria uma unica lei contra a qual o individuo não tivesse o direito de declarar-se, não haveria um só crime injustificavel.

Argumentar contra a *moral publica*, allegando a variedade dos seus preceitos, seria concluir mais uma vez de um facto verdadeiro consequências erroneas. A opinião, a consciencia humana são essencialmente modaveis, e a fé commum chama á essa mobilidade—o elemento do progresso: sim, um instincto inevitavel impelle a humanidade para os horisontes dos seus destinos; como o cavallo biblico, que insoffrido relincha, é mister que ella se agite, que caminhe, que obedeça aos seus naturaes impulsos. Foi um preconceito da escola atheniense o considerar os phenomenos do pensamento como os unicos dignos de interessar a sciencia, dar só as idéas como eternas e argumentar sobre essa eternidade. Que importa que cada primavera se revista com as mesmas flôres, que cada outono nos outorgue os mesmos fructos? Que importa que os astros

surjam e se escondam a horas tão certas ha longos seculos? Que importa que a sua luz seja igual para nós e para o nomada Chaldeo? Que importa a neve eterna das montanhas do norte, ou o vento abrasado que sempre sopra no deserto?—Digamos contra Platão, quando, assim poética, que só o pensamento, no meio de todo este complexo estacionario, tem a excellencia de nunca ser identico á si mesmo. Se todas as suas agitações têm um fim determinado, esse fim continuamente recua sem que nada impeça a luminosa columna que lhe designa o caminho. Mas, que o scepticismo vulgar se não acoste á esta inconstante mobilidade para negar a importancia da *moral publica*; porque n'ella só as formulas variam, os axiomas são eternos. Nos annaes da antiguidade achar-se-ha o elogio de certos factos que a nossa consciencia condemna e que a lei moderna reprova: isto diz que a razão constantemente labora sobre si mesma e que o seu trabalho não é estéril: mas que nos mostrem, se poderem, á par d'estes exemplos um código aonde o egoismo seja considerado como uma lei dos seres racionais, um código que repute a virtude como uma fleção contraria á uma tendencia natural da humanidade e o dever como um sophisma filho do espirito de systema. Um historiador antigo affirmou que a palavra lei—se não encontrava em todo o Homero: provou-se-lhe porem que elle reconhecia leis no proprio antro dos Cyclopes. As formulas da moral variam, o seu principio é immodavel: é a lei viva da humanidade, o móvel, a propria consciencia d'ella.

Admittir que as formulas da moral nem sempre são

as mesmas, é auctorisar aparentemente as revoltas do scepticismo individual: longe porem de nós um tal pensamento; porque em suas proprias variedades essas formulas são absolutas, visto serem a definitiva expressão da consciencia publica de cada epocha. Dada esta explicação, quem ousará affirmar que é permittido aggredil-as, já não digo por acção mas por palavras?—Será licito aventar quaesquer doutrinas que ultrajam os costumes, só porque a fantasia as inspiram? Uma tal licença jamais será tolerada. Por ventura poderia sel-o?

O homem delicado deve guardar sempre em todas as suas palavras e acções certa modestia e urbanidade, sem a qual o mesmo homem instruido se torna desagradavel no trato da vida.

Em companhia não se deve questionar; pois, além de não ser o lugar proprio para isso, póde perturbar-se a harmonia que em todas as boas sociedades deve reinar.

A adulação é um vicio vergonhoso para quem o praticar, e offende sempre as pessoas honestas. Não ha adulação quando é verdade o que dizemos, nem quando di-

zemos o que cremos. Congratular uma pessoa que mostra habilidade em qualquer ramo, é cortezia; porem exalta-a contra a verdade dos factos, não é só adulação—é insulto.

O que se possuir da obrigação moral que temos de estimar a todos, facilmente agradará aos outros. O meio de conseguir isto é ser modesto, mostrar semblante aprazível, e maneiras delicadas. A zombaria revela, alem de falta de educação, um espirito mediocre e acanhado.

Quem tem juizo traça segundo a sua idade e condição, acompanhando sempre o uso da epocha sem tocar os extremos. Não é a garridice que dá bom nome e reputação na sociedade, mas sim o proceder e comportamento moral do individuo.

Da escolha que se faz de amigos e companheiros é que depende quasi sempre a boa reputação.

Fugi de ter amisade com extravagantes e dissolutos: taes relações a ninguem convém, pois que dellas nunca pôde resultar senão mal.

Na conversação pôde o homem de educação exhibir as

disposições agradáveis e a força de intelligencia com que a natureza o dotou, e o palrador mostrar a sua inopia: convem por isso que sejamos cautelosos na communicação de nossas idéas, especialmente quando se falla em assumptos de que estamos pouco certos; em tal caso é melhor ouvir e callar, do que fallar e fallar mal.

O estudo instrue a mocidade, embelleza a velhice, aperfeiçoa a razão, e augmenta a felicidade, salvando-nos das trevas da ignorancia e do jugo dos erros.

Ouvi com attenção as palavras e exhortações dos velhos, que são communmente filhas da experiencia; mas nunca queiras dar regras de vida aos outrôz, porque conselhos só a idade madura os pôde dar.

A saude é o primeiro dos bens do mundo, e a sobriedade a base fundamental para a conservação de tão apreciavel gozo. O que se entrega á intemperança e a excessos, além dos padecimentos que acarreta á velhice, expõe a vida de continuo a milhares de azares e perigos.

Evitai o erro funesto de muita gente que gasta, no momento presente, sem ordem nem juizo tudo o que tem á

sua disposição. Quem poupa diariamente alguma coisa do que ganha, vem por força a ser rico, porque o pouco repetido é que faz o muito.

O desvanecimento é uma verdadeira maldição, e o homem de razão nunca é presumptuoso, antes desconfia sempre de suas luzes, porque sabe que, até as do mais illustrado, não são senão muito imperfeitas, e procura pelo estudo e meditação a sabedoria, como o meio de ser feliz. A filaucia é o vicio dos tolos e ignorantes.

O que não ouve conselhos raras vezes acerta.

Aquelle que não cuida senão em si, não deve esperar nada dos outros.

Fazei antes elogio a quem o não merece, do que censura a quem não sabeis se a quer receber.

Não vos exponhues a grungear inimigos pelo esteril prazer de passar por engraçado.

O que podeis fazer hoje, não o deixeis para amanhã.

A arma do sabio é a razão, a do ignorante a força.

A sinceridade e a verdade são as bases de toda a virtude.

A prosperidade adquire amigos, a adversidade os experimenta.

Pelas faltas dos outros o homem sabio corrige as suas.

Fazei aos outros o que desejues que elles vos façam.

A aquisição de conhecimentos é o emprego mais nobre da mocidade.

Mil conhecidos não valem um amigo.

O que não espera lhe repitam a supplica dobra o valor da dadiva.

Desconfia da generosidade d'aquelles que se queixam dos ingratos, e nunca peças favor áquelle que se espanta d'uma bella acção, porque espantar-se do bem é julgar-se incapaz de o praticar.

A moeda mais corrente no mundo é a lisonja; quem toma o que ella diz que somos, pelo que deveríamos ser, tira saude de um perigoso veneno.

E' mais difficil esconder a ignorancia, que mostrar a sabedoria.

O que não conhece a adversidade não póde apreciar a prosperidade.

A vida do homem moderado é serena, porque é innocente; os seus prazeres são duraveis, porque são regulares.

O homem verdadeiramente politico sabe contradizer sem offender, e agradar sem adular.

O incensato despreza os conselhos dos amigos; o homem de juizo aproveita as censuras de seus inimigos.

A frugalidade não é desgraça: é melhor que o homem viva do seu pouco, do que dispenda o alheio.

A perseverança vence todas as difficuldades.

O lisonjo é uma lisonja occulta e delicada que satisfaz tanto ao que a dá como ao que a recebe.

O que facilmente se offende, descobre o seu fraco, e facilita aos seus inimigos occasião de se aproveitarem d'elle.

Aquillo que custa pouco é muito caro quando não é necessario.

A felicidade, ou infelicidade da nossa vida, quasi sempre provém da boa ou má educação que tivemos.

Os que por mui espertos se têm, são os que mais facilmente se enganam.

Rarissimas vezes faz progressos quem tudo quer estudar.

Quem lê para occupar o tempo toma uma distracção innocente: quem estuda o que lê acha-lhe depois o proveito.

Não ohreis antes de pensar: considerai se o que ides fazer é justo ou injusto.

Os espiritos fracos acreditam em simples apparencias; os fortes raras vezes admiram, porque poucas cousas são novas para elles.

O homem, que trahe a confiança depositada nelle, é o ente mais desprezivel que existe.

O homem benevolo afflige-se com os erros e vicios dos outros.

Um espirito recto, e uma consciencia tranquilla, tornam o homem mais feliz em qualquer condição que seja.

O homem de juizo não deseja mais do que lhe é necessario para viver com sobriedade.

Quando vos acontecer alguma infelicidade, nunca a deixeis fazer mais impressão em vosso animo, do que a que poderia causar-lhe se já tivesse decorrido algum tempo.

Lembraí-vos que o tempo é como o dinheiro, uma vez perdido não torna.

Ambição é o desejo immoderado de conseguir qualquer cousa: quando os meios são licitos, é o fim, a que se viza,

é justo, é uma nobre aspiração; do contrario é uma ruim paixão. Ha varias classes de ambições, graduadas segundo os meios, que se empregam e os fins a que se viza.

Foi *nobre* a de *Colombo* em procurar descobrir outro hemispherio; e a de *Vasco da Gama*, dobrando o Cabo Tormentorio.

Foi *util* a de *Fulton* na descoberta do vapor; e a de *Newton* na da gravitação dos corpos.

Foi louvavel a de *Catão*, o censor, querendo corrigir os costumes dissolutos dos Romanos; e a de *Plinio*, o naturalista, devassando os segredos da natureza.

Foi *santa* a de um *Francisco Xavier*, na propagação das luzes do Evangelho; e a de *Vicente de Paula* fundando hospicios para os expostos.

Foi *conveniente* a de *Cezar* apoderando-se do poder supremo para fazer bem à repubblica, e pôr termo às desgraças que a opprimiam; e a de *Pedro*, o grande, em civilisar a Russia.

Foi *torpe* a de *Erostrato*, incendiandô o templo de Diana d'Epheso, para se tornar celebre; e a de *Ptolomeu* no assassinio de Pompeu para captar a amisade de Cesar.

Foi *ruim* a de *Catilina* na conspiração, que machinou para destruir Roma; e a de *Robspierre*, estabelecendo o terror, e inundando de sangue a França.

Foi *phanatica* a de *Ravaillac* no assassinato de Henrique IV de França; e a de *Torquemada*, fundando a inquisição em Hespanha.

A continua distracção denota genio frivolo e apoucado.

O homem sensato vê e calla. Nada contribue tanto para nos instruírmos e emendarmos de máus hábitos, como o observar e seguir as pessoas bem educadas, e meditar cuidadosamente no seu proceder.

Todas as aves devem tomar parte no cantico da liberdade humana.

Se penso em mim quando estudo os homens, é porque sou o homem que tenho mais á mão.

Se Lucrecia Borgia vivesse em nossos dias aproveitaria os caminhos de ferro para vir a Hespanha assistir ás toureadas.

Só um egoista me agrada; é o que diz:

«Não ha ninguem como minha mãe, nem filha como minha filha, nem patria como a minha patria.»

Acreditar em tudo é ser demasiado credulo; nada acreditar, é ser maldoso. Entre os dois extremos acha-se a bem intendida precaução.

Quanta gloria existe na virtude coroada pelos botes da inveja, e como que sellada pela improbação de um seculo corrompido! Que insenso pode equiparar-se ás doçuras *da calunnia e do insulto* que recebe o magistrado, porque

sabe ser rispido observador da justiça?! Calumnias preciosas, injurias honrosas! Feliz aquelle que não as teme; feliz aquelle que as deseja; mais feliz ainda aquelle que tem a coragem precisa para merecel-as!

O homem perde-se nas convulsões do mundo physico e nos sophismas do mundo moral, procurando um bem que sem o saber leva no coração.

A fortuna é o nome que os felizes negam por ingratição, e a quem por impotencia propria tudo attribuem os inhabeis.

«O objecto do respeito mais sagrado dos mortaes é ouro, e se ainda não tem os seus altares como a boa fé, a concórdia e a paz, gosa de outras honras só a elle devidas, e, por todo o universo, o culto deste metal não é menos sagrado pelo facto de não ser publico.»

«O maior supplicio de um infeliz marido é ter por mulher uma litterata, falladora insupportavel que louva Virgilio, desculpa o desespero de Dido, compara os escriptos, julga-os de cadeira e pesa na balança do seu espirito o *merecimento* de Homero com o de Virgilio.»

A innocencia, de mãos dadas com a dignidade, tem mais attributo de força do que pensam os indifferentes. «Ella é prudente quando vê temerarios, atrevida quando vê insolentes, quando vê crueis, e cruel quando vê malvados!... É, porém, humana, quando vê fraquezas, compadecida quando vê miserias, piedosa quando vê tolos, e finalmente «independente» quando mais depende!... soffre, mas não «vorga,» sente, mas «não geme», e a ninguém provoca, mas também não teme nem atura de ninguém!... E lá está o seu «tribunal» perante o qual «se defenderá, e terá justiça.»

É nas «vasantes» da fortuna que se devem procurar no fundo do coração humano as perolas da honra e da virtude; em outras circumstancias, corre-se o risco de só se encontrar «cascalho;» porque então, e quasi sempre, em vez de se encontrarem ellas *nelles*, elles é que se encontram *nellas* !

Criminosos ha, que a «natureza» os condemna, a «sociedade» os absolve, e a sã philosophia os «arroja á face do seculos das luzes!...

Se na estrada te perseguir um assassino, e a esse tem-

po apparecer um hypocrita a *defender-te*, aperta logo o *bolso da carteira*, quebra o corpo e foge dos dois !

Obrigue a sociedade á todos os seus grandes ao uso dos respectivos brazões, que verá ainda o hypocrita em presença do *emblem*a das suas armas (uma mascara) modestamente dizer: «eu !.... eu sou dos pequenos ! »

Se o hypocrita é temivel, sendo medico, boticario ou *barbeiro*, é terrivel sendo parente, amigo ou *cozinheiro* !

No mappa dos *vossos amigos*, abri sempre uma casa de *observações* para a classé de *ineptos*, e duas para a de *traidores* !

- O resto, isso é lá com a penna de vosso destino !

Se na estrada, ou mesmo fóra della, te perguntar um hypocrita: «que horas são?» dá-lhe logo *duas* horas de mais e *quatro* palavras de menos.... e *soma-te* !

Olha que *horas* tem elle para a bolsa, vida e reputação *alheia* !

Segundo os antigos, dantes, a honra e a virtude batiam-se com o *vicio* e o *crime*; segundo os modernos, hoje o vicio e o crime batem-se com a *honra* e a *virtude*; segundo, porém, os philosophos de todos os tempos a honra e a virtude não têm já *perdido o campo*, porque os inimigos desejam sempre *conservar o incógnito* !

Quando as duas irmãs—opinião publica e imprensa—brigam, diz logo uma:—tu, não sabes o que dizes!... Responde a outra:—nem tu *escreves* o que sabes!...

E' então que a verdade veste *roupa limpa*!...do contrario não valeria a pena de estar ella a mudar-se todo o dia.

A *politica*, para certos homens, não é mais do que um potreiro, por cima de cujos vallos elles bispam o *viçoso trevo* e onde não querem que *pastem* outros animaes. Alguns ha delles, que, se não encontram a porteira aberta, arrombam logo os vallos!..

Nos corpos representativos, em que tudo se representa...menos os interesses do paiz, o amor dos augustos e *dignismos pelas formulas* symbolicas da *votação*, nasce do *instincto do bem estar* das suas posições.

Com effeito, botar uma esphéra na urna é *mais comodo e menos arriscado* do que votar uma convicção em pleno parlamento.

Sim; por aquelle modo arrisca-se uma bola, e por este compromette-se um bolas !

Nos corpos deliberativos, em que se admittem librés, a uniformidade das suas *maiorias* não está no *pensamento* senão no *fardamento* !

As monarchias representativas são por *certos povos* o mesmo que as cozinhas temperadas para *certos* homens.

Naquellas, os governos, *mentira* de mais, *mentira* de menos, vão transigindo com as maiorias; nestas, os cozi-
nheiros, pimenta de mais, pimenta de menos, vão transi-
gindo com os estomagos.

Já se vê, aqui são os *paladares* que se acham estraga-
dos, ali são as *consciencias* que se acham *corrompidas*.

O governo monarchico representativo, *realizado*, será o
melhor; *falseado*, é o peor.

Neste caso é elle a escripturação viva do despotismo e
da anarchia por *partidas dobradas* !

Assim como a planta, cortada do tronco, logo se secca;
assim a virtude separada da humildade, não dura.

Assim como o fogo prova o ouro, assim a adversidade o amigo.

Assim como o cavallo se rege pelo freio, e a náu pelo leme; assim o homem se ha de reger pela verdade.

Assim como no corpo humano, da temperança dos humores resulta a saude, assim na sociedade, da concordia dos homens consta o quieto estado da republica.

Assim como as papoulas, tendo uma côr vermelha e delectosa á vista, cheiram mal e fazem damno ás sementeiras: assim o adulator deleita com suas lisonjas, mas damna com o cheiro.

Assim como a lima se ha com o ferro, assim a tribulação com a alma.

Assim como a voz mettida pelo estreito cano da trombeta sâe mais sonora, e soa mais ao longe, que a que em saindo da bocca entra logo no ar aberto: assim a vida mettida em grandes angustias e trabalhos, guarneçada de soffrimento e animo invencível, alcança maior nome, e estende mais sua fama que a que se passa em alegrias e prosperidades do mundo.

Assim como o ouro quanto mais martellam nelle, tanto mais se estende sem quebrar; assim os varões justos que levam a razão por guia, quanto mais batidos são com o martello das tribulações, tanto mais se dilatam na virtude, sem quebrarem na caridade, por mais adversidades que lhes venham.

Assim como os lyrios e rosas reverdecem, e se refrescam com o rocio do ceu, assim a alma devota com a tribulação.

Assim como a arvore de si lança fructa, assim a dôr de si lança lagrimas.

Assim como o coração estando no meio do corpo se inclina para a parte esquerda, e ahi inostra melhor seu pulso; assim a amizade se ha de mostrar na adversidade, que é a parte esquerda, que na prosperidade que é a direita.

Assim como a madeira cria o caruncho, que a está roendo; assim o rico cria o lisongeiro, que o anda com falsos louvores enganando e destruindo.

Assim como seccando-se a fonte se secca o ribeiro; assim seccando-se o interesse, se secca tambem a amizade nascida não da virtude, mas da cubiça.

Assim como o que trata com o fino ambar, e almiscar, e pastilhas e outros perfumes, cheira a elles, porque sempre se lhe pega alguma cousa de seu cheiro; assim o que conversa com pessoas justas e de bom juizo e discurso, pela maior parte se lhe pega alguma cousa de virtude e doutrina.

Assim como o mar recebe as agoas doces, e não dá se não salgadas, assim o ingrato recebendo bens, paga com males: é mar amargoso que converte o doce em agro.

Assim como a nuvem terrestre se levanta por virtude do sol, e depois de levantada quer toldar o ar, e encobrir o resplendor do mesmo sol; assim o ingrato que veio a levantar-se na altura da honra por meio de seu amigo, depois de sublimado, determina de apagar, ou escurecer a claridade da honra de quem o levantou, e poz nella.

Assim como quanto mais o corpo se chega á claridade da tocha, tanto maior sombra faz, e mais negra, assim

quanto o homem mais chega á luz e gloria das lettras, ou das armas, ou das virtudes, tanto maior, e mais pestifera é a inveja que lhe têm os que não chegam a seus merecimentos.

Assim como a urtiga, e outras hervas desta qualidade, por mais que as semeem nas frescas e deleitosas hortas, e que as reguem e curem, sempre picam e magoam; assim ha homens tão mal inclinados, que por mais beneficios, que lhes façaes, e por mais communicacão e familiaridade, que tenhaes com elles, sempre vos lastimam, sempre andam affiados na malicia, sempre tiram á sua perversa condição.

Assim como o jarro entra na fonte com a bôca para a agoa, e depois de cheio sãe da fonte virando para ella o fundo; assim o ingrato quando vos pede favor, e ajuda, mostra-vos affeição e finge humildade, e depois de alcançado o que pedia, vira-vos as costas com ingratidão e soberba.

Assim como o destro alfaiate, antes que corte o panno, e ouse metter-lhe a thesoura, o mede aos covados e ainda aos palmos, e assignala com o giz; assim primeiro que tomemos o amigo, o havemos de provar por diversas maneiras e experimentar.

Assim como consumida e gastada a cêra, não póde a vella durar muito, e indo já o sol para se pôr, não pode tardar muito a noute; assim acabado os largos annos não pode durar muito a idade, e indo já no cabo da vida, não deve tardar a morte.

O principio da sabedoria é o temor do Senhor.

O homem por mais que estude, e ainda que não desperdice um momento, nunca chegará a penetrar os umbraes da sabedoria.

O que no mundo gosa honras de sabio, quando mede a extensão da sua sciencia, lastima os outros pelo seu engano, e envergonha-se de si proprio.

A sabedoria vale mais que a força, e o homem prudente vale mais do que o forte.

A sabedoria é mais preciosa que as riquezas. Todas as pedrarias do mundo não igualam o seu valor.

A sabedoria orna a cabeça daquelle que a possui, como uma grinalda de honra; e é para elle uma corôa de gloria.

Todos têm olhos para ver e admirar a formosura, poucas intelligencias para ver e admirar a sabedoria.

O que o genero humano sabe é pouco; o que deseja saber é muito: o que hade ignorar sempre é infinito.

Muito pouco sabe, quem muito se jacta de saber.

O sol doura a quem o vê, o sabio illumina a quem o ouve.

O sabio em paiz sem illustração é como a rosa no deserto, onde os insectos a maltratam, e onde se não sabe prezar seus perfumes, nem admirar sua belleza.

O sabio precisa calar-se para não ser desprezado.

Os sabios enganam-se, pensando que são comprehendidos por todos: os ignorantes, pensando que todos ignoram o que elles sabem.

O sabio deve accommodar-se ao tempo se quer que o tempo se aproveite da sua sabedoria.

O sabio não se deixa nem arrebatado pela prosperidade, nem abater pela adversidade.

Os sabios fallam pouco e dizem muito; os ignorantes fallam muito e dizem pouco.

Não é sabio aquelle que pensa sel-o. Socrates dizia não saber senão uma cousa, e era que não sabia nada.

O sabio nas monarchias é o subdito menos cortezão, e o mais leal.

A paciencia é a chave da alegria, como a precipitação é a do arrependimento.

A falta de paciencia aggrava os nossos males, em vez de os remediar; quem soffre com impaciencia, soffre duplicadamente.

A amizade é a união de bens e de males; é uma sociedade de ganhos e de perdas; um commercio de fortunas e de perigos.

A amizade não se adquire senão pela amizade.

A natureza dá os parentes; o momento os conhecimentos; o tempo é um dos elementos precisos, para se fazerem os amigos.

Nada é mais trivial, que a expressão de amizade; nada mais raro, que a sua realidade.

Os vinculos do sangue provém da natureza: os laços da amizade nascem do coração.

O infortunio é a pedra de toque, pela qual se conhecem os quilates da amizade.

Um dos maiores presentes que Deos fez aos homens foi o da amizade.

Quem não tem experimentado amizade, não tem ainda vivido.

A amizade não tem nada de melhor o dar do que ella mesma.

Os cuidados da amizade adoçam a alma e amenisam a vida, como o incenso e os perfumes alegram o coração.

A amizade é o mais bello dos sentimentos, mas não ha nenhum cuja perfeição e cuja duração sejam tão raras.

Nada ha tão delicado, como a amizade: sua sensibilidade é extrema, um nada a affecta, a reserva a fere, a desconfiança a mata.

Na prosperidade os verdadeiros amigos esperam que os chamem; na adversidade apresentam-se sem serem chamados.

Dar a amigos conselhos, não os mais agradaveis, mas os mais uteis, é um dos deveres da amizade

Conhecem-se as boas fontes nos tempos das grandes sécas, e os bons amigos nos tempos das adversidades.

A Providencia é a melhor das amigas; e o melhor de todos os amigos é Deos.

A moderação é a saude da alma e do corpo.

A moderação é para a felicidade, o que a temperança é para a saude.

A moderação, como a temperança, é uma arvore, cuja raiz é o contentamento de poueo, e cujo fructo é a tranquillidade e a paz.

Não ha virtude mais social e mais propria para manter a harmonia entre os homens, que a moderação.

A modestia é socia da sabedoria; assim como o é da ignorancia a ousadia.

A modestia é uma arvore copada, que encobre debaixo de suas folhas saberosissimos fructos.

A modestia é um verniz, que revela os talentos nato-

raes. Ella é para a virtude, o que um veu é para a beleza.

Conhece-se facilmente o avisado pela modestia, o louco pelo orgulho.

A modestia é um magico veu, que faz realçar o merecimento; assim como o pejo faz sobresahir a formosura.

A ociosidade é a mãe de todos os vícios.

O ocio facilmente se casa com a ignorancia: a dissipação, e a pobreza, são os legitimos fructos d'essa união.

A ociosidade torna o corpo pesado, e o homem estúpido.

A ociosidade é como a ferrugem; gasta muito mais que o trabalho.

O homem ocioso é sempre um máo cidadão.

O maior trabalho dos ociosos consiste na indagação da vida alheia.

O orgulho é o mais revoltante de todos os vícios.

O orgulho faz avultar todos os outros defeitos, como um enfeite extravagante faz sobresahir a fealdade.

O orgulho que quer humilhar, é vil; o orgulho, que não quer deixar-se humilhar, é nobre.

Se todos os homens pensassem no que são, e hão-de ser, não haveria soberbos nem orgulhosos.

O verdadeiro prazer é uma flôr, que nasce sobre o tronco da virtude.

Os prazeres mundanos nunca satisfazem a alma: esse magico poder é só concedido ás acções virtuosas.

Os prazeres são um bem, quando são honestos: um mal, quando o não são.

Não é possível que dê felicidade um prazer, que se não conforma com a virtude.

Todo o prazer é vicio, se a razão o não approva.

A preguiça é uma paixão como qualquer outra: mas não ha nenhuma mais imperiosa, mais difficil de vencer, nem mais fecunda em funestos resultados.

A preguiça é uma madrasta desnaturalisada, que deixa morrer de fome os que estão em logar de seus filhos.

A preguiça é a chave da pobreza.

A virtude é uma belleza interior, como a belleza é uma virtude exterior.

A virtude não precisa de ornatos estranhos, ha-os dentro em si mesma.

A virtude purifica o ar e o aromatisa; os vicios o corrompem.

A virtude resplandece na adversidade, como o incenso rescende sobre as brazas.

O vicioso encontra muitos socios; a virtude, de ordinario, vive isolada.

O ouro pode comprar para o crime honras e titulos; mas não fóros de virtude, nem o socego de uma consciencia tranquillã.

A virtude sempre teve contradições; e o illustre nome nunca se alcançou sem trabalhos.

O homem cultivando a virtude consulta os seus proprios interesses: faz um celeiro de sabedoria, e torna-se rico da verdadeira riqueza.

Não podem haver virtudes publicas sem virtudes privadas.

Não pode haver bons cidadãos, onde se não cre firmemente na virtude.

Nenhuma lingua humana é tão eloquente, tão persuasiva, como a virtude.

A virtude, que não tem sua raiz na religião, é uma planta fragil, que murcha com qualquer calor, que qualquer vento arranca, e qualquer verme destroe.

Não basta conhecer a virtude, é necessario amal-a; não basta ainda amal-a, é necessario pratical-a.

Ser cultor da virtude é ter alliança com Deus.

A verdade com sua força não somente vence as cousas, que o tempo com seu discurso vac extinguido e annullando; mas ainda triumpho do mesmo tempo.

A verdade é como o sol, que um eclipse pôde escurecer, mas não anniquillar.

A verdade é como a belleza: uma e outra perdem parte dos seus encantos á força de se enfeitarem.

A verdade nua e simples vale mais que a mentira ornada das mais bellas flores.

A verdade é companheira eterna da justiça; e tão unida a ella, que não pode atacar-se uma sem se offender a outra.

Nem todas as verdades se dizem: porém ha muitas que é necessario dizer, e que até ó criminoso calar.

A verdade é uma rainha, que tem no céu seu throno eterno, e a séde do seu imperio no seio de Deus.

A verdade é uma emanação divina, protectora da innocencia, base da justiça.

Sem humanidade não ha verdadeira coragem, nem verdadeira gloria, nem solida virtude.

Quem não faz todo o bem que pôde, infringe as leis da humanidade.

Desgraçado daquelle que não sacrifica um dia de prazer aos deveres da humanidade.

A humildade, que em si é uma virtude, é a verdadeira prova das outras virtudes.

Se quem se humilha se exalta, quem se exalta humilha-se.

A maior enfermidade do genero humano é a ignorancia.

Toda a idade é propria para nos instruírmos; devemos envergonhar-nos de ignorar, e nunca de aprender.

A ignorancia é um grande mal, porém a falsa sciencia é um mal ainda maior.

Ha tres qualidades de ignorancia: não saber nada; saber mal o que se sabe; e saber o contrario ou diverso daquillo, que se deve saber.

Deos e os homens têm por ignorante a quem a si mesmo se tem por sabio.

A ingratidão é um vicio contra a natureza. Os animaes mesmos são reconhecidos.

Quem, fazendo o beneficio, o lembra, é vil; quem recebendo-o, o esquece, é ingrato,

A ingratidão é o irrecusavel caracteristico da baixeza da alma.

Mais feia ainda do que a rosa é bella a ingratidão é como a rosa, que pica aquelle que a cultiva.

A ingratidão é uma falta de probidade, uma baixeza, um delicto.

O mais ingrato dos homens é aquelle que nunca fez *ingratos*.

A ingratidão a mais odiosa, e comtudo a mais commum e a mais antiga, é a dos filhos para com seus paes.

Aquelle, que é insensivel aos beneficios que recebe dos homens, é ingrato aos homens: mas o que, estimulado ou receioso da ingratidão, deixa por isso de estender a mão benefica aos infelizes, é ingrato a Deos.

A paciencia é um firme arnez, onde seguramente se recebem os duros golpes da adversidade.

A paciencia é amarga, mas o seu fructo é doce.

A paciencia é um vaso, em que todas as virtudes se recolhem.

A paciencia é o unico remedio contra os males, que não tem remedio.

A preguiça gasta a vida, como a ferrugem consome o ferro.

Tende a mocidade sempre occupada. Se ella não contrahе o habito do trabalho, contrahе o vicio da preguiça.

A presumpção é filha da inexperiencia, e prejudica o merecimento.

Não ha homens presumpçosos, que não sejam homens mediocres.

A probidade é a virtude que faz preferir o dever ao interesse.

A religião é a melhor garantia, que os homens podem ter da probidade dos homens.

Os direitos da sociedade correm grande risco, quando a religião não é a base da probidade.

De todas as qualidades da alma, a mais eminente é a *sabedoria*, a mais util é a prudencia.

A prudencia muitas vezes vale mais que o valor.

O valor não pôde ser uma virtude, senão quando é regulado pela prudencia.

A prudencia sem coragem é quasi sempre inutil; a coragem, que não é guiada pela prudencia, é furor.

O pudor é mais um dom da natureza, que um effeito da educação: elle dá um encanto á belleza, e uma physionomia á virtude.

Um dos maiores attractivos da belleza—é o pudor.

O pudor, a confiança e a honra perdem-se por muito pouco; e não se recuperam por preço algum.

A religião é um thesouro, que nenhum outro pôde escusar.

O esquecimento de toda a religião conduz ao esquecimento de todos os deveres.

A religião nada tem a temer, senão o não ser bem fundada.

A religião tem encantos que ninguém pôde exprimir. Ella é a poesia do coração.

Assim como não ha felicidade sem virtude, não ha virtude sem religião.

E' tão poderosa a impiedade para perder as nações, como a religião para as felicitar.

Nada ha mais bello do que a religião de Christo: fortalece a virtude; perdoa o crime arrependido; consola o infeliz; e assegura ao crente a eterna ventura.

A reputação é um valioso patrimonio; nada ha tão util como ella; e nada tão seguramente a dá como o merecimento.

O melhor thesouro, que se pôde gosar na vida, é uma reputação immaculada.

Sendo a reputação um grande bem em quanto se vive, ella no fim da nossa carreira é o tumulo mais magnifico, que se pôde vir a ter.

Nada importa tanto como conservar a reputação.

A sua perda é mui facil; o seu restabelecimento é mui difficil, quando não é impossivel.

Ninguém deve querer uma reputação desmentida pelo testemunho da propria consciencia.

O silencio é um dos mais bellos enfeites da mocidade.

É facil fallar; é difficil saber fallar; mas ainda é mais difficil saber calar.

O silencio é para os grandes falladores um supplicio cruel: assim como elles são para quem os ouve um fardo pezadissimo.

A vaidade é o sello da mediocridade.

O vaidoso nunca chegará a ser sabio: mas muitos sabios chegam a ser vaidosos.

A vaidade é tão frivola, que motiva mais riso que compaixão.

A vaidade é um véo, que nos encobre nossos defeitos e nossas fraquezas.

A vaidade suppõe uma grande ignorancia. O vaidoso é um cego que nem se vê, e nem se conhece a si mesmo.

O homem, que tira vaidade do seu emprego ou da sua posição social, mostra nisso o quanto lhe é inferior.

O vicio é o tyranno de si mesmo: não ha nenhum que a si proprio se não puna.

O trato usual com os vicios contamina os virtuosos.

O homem menos livre é o que se deixa dominar pelos vicios.

Os mais habéis artistas da desgraça foram em todos os tempos os vicios

Os vicios, na juventude, têm pouca desculpa: na virilidade merece censura: na velhice expõe ao escarneio, e ao desprezo

Os grandes defeitos, como as grandes qualidades, não se encontram senão nos caracteres energicos: os vicios são proprios dos espiritos fracos.

A mais dura cousa que tem a vida, é chegar a pedir, e depois de pedir ouvir um não, porque dizer não a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua.

A esperanza é o ultimo remedio que a natureza deixou a todos os males.

As cousas do mundo são como a lua, que nunca permanece d'uma mesma maneira, antes para cada dia tem sua figura.

Na athmosphera da ignorancia as cabeças ócas tendem a subir pela mesma razão que obrigam os aerostatos a elevarem-se.

Quando um povo só pensa em seos direitos nasce a anarchia: quando só pensa em seos deveres surge o despotismo.

Se houvesse um homem que pudesse realizar todos os seos desejos, mesmo o de se não aborrecer d'esta felicidade, seria desgraçado com a idéa de que necessariamente havia de morrer.

O sacrificio dos nossos interesses légitimos e dos nossos desejos racionais pelo bem social—é a lei da heroicidade.

Se a existencia de Deos e a do mal são um mysterio insondavel da razão humana, a existencia da creação sem principio creador é um absurdo inconcebivel.

O homem interessado engana-se frequentes vezes nos seos calculos, o desinteressado nunca.

O que conhece os seos deveres e os não cumpre, assemelha-se ao homem que lavra a terra, mas que a não semeia.

As vezes corrigimo-nos mais depressa pela vista do mal, do que pelo exemplo do bem; e bom é que nos acostume-mos á aproveitar-nos do mal, porque é elle mui vulgar e o bem muito raro.

O amor domina com mais força e com mais constancia nos corações de que se apodera mais tarde.

O amor é a vida da mulher: a que o não sente está enamorada de si mesma.

Os sentimentos religiosos são a ultima cousa que se apaga no coração, e a ultima que o homem consulta.

Dos trez principaes attributos da divindade—*immensidade, poder e justiça*—dos quaes o primeiro incita

nossa admiração e desejos, o segundo nos enche de temor, o terceiro nos inspira o amor e respeito; é o amor a pratica do ultimo só aquelle que verdadeira e pessoalmente foi communicado ao homem, e o unico, que pode guiar aos outros porque nunca o homem poderá ser verdadeiramente immortal e poderoso sem ser justo.

Circumscrevei a arte, circumscrevei a sciencia no recinto de um limite territorial. . . . em vão procurareis impor á igreja a sua divina doutrina, e ao direito, que nesta se basêa, o limite das prescripções de um estado. . . . Como um rio caudaloso, que, rolando serras d'agua, atravessa regiões submettidas a diferentes soberanos, e a despeito dos obstaculos que encontra, continua magestosamente seo curso, a igreja pode, no exercicio de seos magnificos poderes, arcar com as prescripções dos poderes temporaes, mas nunca se submeterá á ellas, nunca as tomará por limite e regra de sua acção.

Para se conhecer o numero dos beneficios do clero, seria mister poder contar o numero das miserias humanas.

Repartir com o indigente d'aquillo que se tem em abundancia, é mais um prazer, que um sacrificio, é mais o cumprimento de um dever, do que a pratica sublime de uma virtude.

Não é difficil governar um povo religioso: mas seria impossivel governar aquelle que não tivesse religião.

A religião é necessaria ao feliz para não abusar, ao *infeliz* para não desesperar.

Se a moral é uma necessidade da razão, a religião é uma necessidade do coração.

A confiança em Deus inspira ao justo paciência para soffrer, esperança e resignação para morrer.

O homem pio e justo põe somente em Deus a sua fé, e só nelle confia achar o seu refugio.

A oração fortifica a fé, anima a esperança, e conserva a caridade, essas trez virtudes principaes do christão.

O verdadeiro christão perdôa generosamente o seu inimigo.

O temor de Deus é o principio de toda a sabedoria.

O temor do Senhor desvia o peccado.

O ceo e o mar são os dous paineis onde mais se revela a existencia de Deus, a sua grandeza e immensidade; onde mais se admira a sua omnipotencia e se acata a sua magestade infinita.

A lei divina é o pharol por que nos devemos guiar no mar da vida para chegarmos ao porto da salvação.

A virtude sempre teve contradicções, e o illustre nome nunca se alcançou sem trabalhos.

Aquelle que nega a existencia de Deus, é como o filho que nega a existencia de seu pai.

Todo o atheo vai para o inferno, mas no inferno não ha nenhum atheo.

A religião é tão boa companheira na adversidade, como excellente conselheira na ventura.

A vida humana sem religião é viagem sem roteiró, é navegação sem bussola.

O homem mais sabio é necessariamente o mais religioso.

Para quem ama e teme a Deus não ha neste mundo completa desgraça.

O esquecimento de toda a religião conduz ao esquecimento de todos os deveres.

A politica assim como a religião não se abraçam com as perseguições.

A natureza imprimio em cada um o amor de si, a religião o amor dos outros.

A predica christã imita o genio da navegação moderna. Sem importar-se com o vento que sopra, ella adiantou-se atravez do alto mar dos erros e das paixões humanas.

O christianismo não faz unicamente santos para o ceo, elle faz corpos de cidadãos ou de povos recomendaveis pela força e solidez de sua união e pureza em cada um de seus membros.

E' sem duvida um dos mais bellos caracteres da divindade da religião submeter-se ás mais fortes discussões, e não temer as provas mais difficeis e as mais sublimes indagações

Filha da luz increada, a religião de Jesus-Christo desceu doseio do Eterno com todo o brilho e magnificencia da sabedoria divina: producção immortal do Todo-Poderoso ella não teme as indagações da sabedoria humana e as conjurações da impiedade.

Os conflictos apparentes entre os trez elementos da felicidade e da vida moral da humanidade (Religião, Direito, Moral) são ou illusões da optica intellectual, ou ideias falsas e incompletas.

Para as almas não sei se diga demasiadamente positivas, se demasiadamente grosseiras, o celibato do sacerdocio não passa de uma condição, de uma formula social applicada á certa classe de individuos cuja existencia ella modifica vantajosamente por um lado e desfavoravelmente por outro. A philosophia do celibato para os espiritos vulgares acaba aqui. Aos olhos dos que avaliam as cousas e os homens só pela sua utilidade social essa especie de insulação domestica do sacerdote, essa indirecta abjuração dos affectos os mais puros e os mais santos, os da familia, é condemnada por uns como contraria aos interesses das nações, como damnosa em moral e em politica, e defendida por outros como util e moral.

Deus me livre de discutir materia tantas vezes disputada, tantas vezes exaurida, pelos que sabem a sciencia do mundo, e pelos que sabem a sciencia do ceo. Eu por minha parte fraco argumentador só tenho pensado no celibato á luz do sentimento, e sob a influencia da impressão singular que desde verdes annos fiz em mim a ideia da irremediavel solidão d'alma á que a igreja

condemnou os seus ministros, especie de amputação espiritual em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existencia na terra. Supponde todos os contentamentos, todas as consolações que as imagens celestiaes e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não supprem o triste vacuo da soledade do coração.

Dae ás paixões todo o ardor que poderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima energia, e convertei o mundo em paraíso, mas tirae d'elle a mulher, e o muudo será um ermo melancolico, os deleites apenas o preludio do tédio. Muitas vezes, na verdade, ella desce arrastada por nós ao charco immundo da extrema depravação moral, muitissimas mais, nos salva de nós mesmos, e pelo affecto e enthusiasmo nos impelle á tudo quanto ha de bom e generoso

Quem ao menos uma vez não creu na existencia dos anjos, revelada nos profundos vestigios dessa existencia, impressas n'um coração de mulher? E porque não seria ella na escala da criação um anel da cadeia dos entes, presa de um lado á humanidade pela fraqueza e pela morte, e de outro aos espiritos presos pelo amor e pelo mysterio? Porque não seria a mulher um intermedio entre o ceo e a terra? Mas se isto assim é, ao sacerdote não foi dado comprehendel-o, não lhe foi dado julgal-o pelos mil factos que nol-o tem dito á nós, os que não juramos juncto do altar repellir metade da nossa alma, quando a Providencia nol-a fizesse encontrar na vida. Ao sacerdote cumpre acceitar esta por verdadeiro desterro: para elle o mundo deve passar desconsolado e triste como se nos representa ao despoarmol-o d'aquelles por quem e para quem vivemos. A historia das agonias intimas, geradas pela luta dessa *situação excepcional* do clero com as tendencias *naturaes do homem*, seria bem dolorosa e variada, se as pha-

ses do coração tivessem os seus annaes como os tem as gerações e os povos. A obra da logica potente da imaginação, que cria o romance, seria bem grosseira e feia comparada com a terrivel realidade historica de uma alma devorada pela solidão do sacerdocio.

O christianismo se resume n'uma palavra:—Fraternidade. O Evangelho é um protesto escripto por Deus e para os seculos contra as vans distincções que a força e o orgulho radicavam neste mundo de lodo, de oppressão e de sangue!

Quando é moda ser religioso, não falta quem o affecte ser; e quando o ser atheu é moda, não falta quem o não sendo se faça passar por atheu.

Á medida que a religião vae perdendo sua força, vai a das leis desaparecendo, vão-se os povos desmoralizando, vae-se a obediencia relaxando, e a anarquia vem em seguimento arvorar seo estandarte de exterminio e de morte.

E' doce pão do espirito a virtude; mas pão que muitas vezes se compra com lagrimas acerbas.

A sociedade religiosa não a dissolvem a oppressão nem a mentira; ella viveo trez seculos no meio dos tormentos: encontrou tyrannos como Nero, e mentirosos como Deoclecianno e progredio milagrosamente no seio d'essas horriveis perseguições. Mas a sociedade civil não pode viver um só dia sem o respeito á fraquesa, sem a religião dos tratados, sem o cumprimento da palavra dada. Ficai entendendo que quando essas santas cousas são violadas, isso para a Igreja é apenas uma *provação*, para a sociedade civil é a destruição e a ruina *que se aproximam*.

Sem religião e sem justiça não ha liberdade.

Tres verdades formam a base do edificio—verdade religiosa, a verdade philosophica e a verdade politica.

A Religião christã é divina em seos fundamentos e em seos principios: ella tem por base as ideias de Deos, e de ordem que não tem outra origem senão em Deos. Ella é divina em seos dogmas e em seos mysterios: nada mais sublime, mais profundo e mais digno de Deos, e no entretanto mais conforme á natureza das cousas e mais proporcional ás necessidades do homem. Ella é divina em sua moral: esclarece o espirito, cura o coração, abate o orgulho, acaba com todos os vícios, planta todas as virtudes, torna emfim o homem feliz. Ella é divina em seo estabelecimento e em seos progressos: contraria á todos os prejuizos, combatida por toda parte—triumpha em toda parte, sem armas, sem defesa, sem apoio, sem protecção: é soffrendo que ella abate seos inimigos. Ella é divina em suas prophcias: claras, numerosas; circumstanciadas e integralmente verificadas. Ella é divina nos milagres de toda a especie que serviram para fundal-a, sustental-a e propagal-a. Ella é divina em seos effeitos: o demonio vencido, os idolos desprezados, os reis humilhados, as falsas divindade banidas, seos templos destruidos, o universo mudado e tornado em mundo novo. Eis a obra da Religião Catholica. Ella é divina nos conhecimentos que nos dá de Deos, do homem, das misérias humanas e dos meios de livrarmo-nos dellas. Ella é divina em suas ameaças e em seos castigos. Um Deos vingador e implacavel por toda eternidade, eis a pena que ella prepara ao peccador impenitente. Ella é divina em suas promessas e recompensas: a posse de um Deos remunerador cuja *presença será a felicidade das escolhidas, a recompensa magnifica e o preço glorioso que ella promette á seos trabalhos.*

Os poderes do mundo e do inferno ligaram-se contra a Religião Catholica para affogal-a em seo berço.

Antes de Jesus Christo o mundo não apresentava senão o espectáculo do mais inqualificavel despreso dos direitos de Deos e da humanidade. Então o mundo vacillava enfermo sobre os arruinados esteios dos seus tristes principios. O Christianismo appareceu e deo um assento moral ao mundo desorganizado.

As esmolas são lettras saccadas sobre a eternidade. Á sua chegada cada um as achará pagaveis á vista.

Não ha mais clara linguagem nem mais poderosa eloquencia do que a da caridade ainda quando é muda.

A natureza gravou no coração do homem um preceito indistinctivel que lhe diz constantemente que deve amar e venerar aquelles que lhe deram o ser, que se deve mostrar agradecido á aquelles de quem recebeo a nutrição e tantos desvelos para poder chegar ao estado de poder viver por si mesmo. E a Religião, amiga do homem e desvellada pelo bem da sociedade, diz: «Honrarás pae e mae» como se dissesse não basta amar á quem nos deo o ser; porque isso diz a razão natural; porem é mister tributar-lhes honra, respeito, obediencia, submissão, ter d'elles cuidado, fazer-lhes todo bem que precisarem e nós lhe possamos fazer, procurar seus interesses ainda em detrimento dos nossos, defender a sua honra, sustentar seo bom nome, occultar os seus defeitos se por infelicidade lh'os conhecermos. Isto é o que se chama honrar pae e mae, isto é o que o Supremo Legislador nos ordena, e isto é o que estamos obrigado á praticar em consciencia e não só em sua vida mas ainda depois da morte quanto nos cumpre e as circumstancias o premittam.

Os deveres dos filhos para com seos paes devem ser considerados como uma especie de culto: culto, se é permitido explicar-me assim, tributado á Deoses terrestres.

Não ha grandes valles senão onde ha grandes montes: não ha grandes funduras de humildade senão onde ha grandes alturas de virtudes.

O philosophismo do ultimo seculo pretendeo secularisar o matrimonio, e confundir com as convenções puramente humanas um contracto perpetuo e divino, que precedeo á toda lei positiva e foi elevado por Jesus Christo á dignidade de Sacramento. Sem duvida o poder temporal tem o direito de intervir e regular as condições e accessorios d'este contracto em ordem aos effeitos civis, que elle produz, e que tanto influem no estado das familias; mas só a Egreja pode conhecer da sua essencia, ou do vinculo espiritual, e deveres que elle prescreve á consciencia dos esposos. Assim o contracto e o Sacramento formam desde a mais remota antiguidade christã como um composto moral e indivisivel, subordinado á jurisdicção da Egreja, como exigia a segurança e indissolubilidade do laço matrimonial. Quantos males não accarretaria á familia e á sociedade o abandono de um objecto de tanta importancia aos caprichos, vicissitudes e variedades das legislações humanas?

A França, é verdade, admittio no seo codigo essa separação do contracto e do Sacramento, em consequencia da profunda alteração que soffreo o Christianismo n'aquelle paiz; mas a Egreja sempre reprovou essa perigosa innovação contraria á disciplina universalmente seguida entre todas as nações catholicas, e *considera como concubinatos os matrimonios civilmente contrahidos sem as solemnidades que ella requer e*

como illegitimos os filhos procedentes de taes alianças. É n'este mesmo espirito que ella se tem attentamente opposto á tentativa do governo piemontez para adoptar o mesmo principio anti-catholico da separação do contracto e do Sacramento e que os bispos d'aquelle paiz acabam de declarar que não reconhecem como legitimos os matrimonios que não forem contrahidos á fice da Egreja.

A satisfação que se tira da vingança dura instantes, mas a que produz a clemencia nunca finda.

Não ha ninguem que não levante as mãos ao Ceo quando está em perigo!

Os livros irreligiosos são uma calamidade: depois de haverem espalhado a consternação nas presentes gerações, podem ainda acarretar a ruina das vindouras.

Um unico remorso basta para corromper a felicidade mais pura.

Divinisando a auctoridade, o christianismo sanctificou a obediencia, e a auctoridade divinizada e a obediencia sanctificada são a condemnação do orgulho em suas manifestações mais terriveis;—o espirito de tyrannia e o espirito de revolta.

A intelligencia incredula não tem senão a grandeza de um abysmo porque o erro a habita, entretanto que a intelligencia crente tem a santidade de um tabernaculo porque a verdade ali mora. Com a verdade no tabernaculo se acha a vida, com o erro no abismo reina a morte: e é porque, quando uma sociedade abandonando o culto austero da verdade se entrega á idolatria do espirito, não ha mais esperanza: á era das discussões suc-

cede a era das revoluções, detraz dos sophistas apparecem os carrascos.

Pelo catholicismo a ordem entrou no homem e pelo homem nas sociedades humanas. O mundo moral recobrou no dia da redempção as leis que tinha perdido no dia da prevaricação e do peccado. O dogma catholico tornou-se o criterium das sciencias, a moral catholica o criterium dos actos, a caridade catholica o criterium das afeições. A consciencia humana, até então preza da acção corrosiva do erro e do mal, sahio d'esse estado miseravel, vio claro nas trevas interiores como nas exteriores, e achou, á luz dos tres criterios divinos, a felicidade da paz que tinha perdido.

O fanatismo é para a religião o que a hypocrisia é para a virtude.

O atheismo empobrece a humanidade: elle lhe tira os maiores bens: Deos, a alma, a immortalidade.

A religião é o aroma que impede a sciencia de romper-se.

Em qualquer parte onde virdes um altarahi existe civilisação.

A hypocrisia é para a religião o que as más leis são para a justiça.

Efeito admiravel! A religião christã que parece não ter outro objecto senão a felicidade da outra vida, faz a vossa felicidade n'esta.

Aschammas da caridade seccam as lagrimas da dor.

A abnegação de si mesmo é da essencia da religião christã, que não pode coesistir com o egoismo.

O triumpho do máo seria o desespero do homem de bem, se Deos não existisse.

Ha temeridade em querer submeter a religião ao exame da razão.

Sem religião a moral não é senão uma sciencia experimental.

A lisonja deo a primeira idéa de um hospital, reunindo em uma galeria todos os doentes de Rhodes que Tiberio se dispunha a visitar.

A historia do fanatismo é escripta com lagrimas de sangue: cada pagina está de sangue embebida ou queimada pelas chammas das fogueiras.

Quanto sangue fez derramar o fanatismo religioso revoltado contra o fanatismo de irreligião.

Em politica como em Religião os neophitos têm algumas vezes um fervor indiscreto.

A ideia de Deos é o pharol que desvia a não da humanidade dos escolhos, que a fariam sossobrar e desaparecer.

A esperanza é companheira fiel: nasce e morre com o homem.

Ha analogia entra a religião sem culto e a virtude sem pratica.

No seculo passado as instituições civis e politicas intimamente ligadas com as instituições religiosas, offereciam *immensos* obstaculos para o progresso moral e material da sociedade.

A religião sem a moral seria um edificio sem tecto nem base.

A caridade do pobre para com o pobre é grande e santa.

A religião tem por pedestal a humanidade.

As producções mais estranhas dos nossos costumes, os livros sagrados das nações infieis, os Zeud-Avistas dos parsis, os Vedas dos Brahmanes, o Corou dos turcos, os Eddas dos Scandinavos, as maximas de Confucio, os poemas sanskritos, não nos sorprehendem: ahí achamos a cadeia ordinaria das ideias humanas; ha alguma cousa de commum entre elles na forma e na idéa. Só a biblia se não parece com cousa alguma, é um monumento desaggregado dos outros. Explicae-a á um tartaro, á um cafre, á um canadez, dae-a a ler á um bonzo ou á um derviche: o espanto será igual em todos. Ha milagre n'isto! Vinte authores, vivendo em epochas afastadas entre si, trabalharam para os livros santos, e, com quanto empregassem vinte estylos diversos, esses estylos sempre inimitaveis, não se encontram em nenhuma composição. O Novo Testamento, tão diverso do antigo pelo estylo, participa da maravilhosa originalidade d'este.

A religião deve ser e permanecer cousa mui sagrada entre os homens para ser posta, como se tem feito, ao serviço dos interesses materiaes das nações. Esta foi a causa da maior parte das immensas desordens da humanidade. Guardemo-nos de fazel-as renascer sob outra forma, que não fazia talvez, senão substituir os vícios *grossieiros da ignorancia* pelos vícios refinados da civilização.

CHRESTOMATHIA

(SEGUNDA PARTE)



POETA.

Ergue, oh Poeta, a fronte laureada
Por sobre quanto ha grande ahi na terra:
Sem o altivo pensar a vida é nada:
Vida maior o pensamento encerra!

Mundos e mundos se alçarão no espaço
E na mente, oh Poeta, has de ajuntal-os;
Rei do universo, estenderás teu braço,
E um gesto bastará para creal-os.

Ergue, oh Poeta, a fronte laureada
No meio dos teus sonhos peregrinos;
Ergue, oh Poeta, a fronte tão c'roada
De inspirações do céo, raios divinos.

Ouves? ouves na sombra murmurando
Estranha voz de estranha melodia?
Cada som falla n'alma doce e brando,
Furta a Deos cada nota uma harmonia.

Ouvel-a ainda, á pranteiar magoada
 Pela tão meiga amena soledade?
 Ouvel-'ahi, rumorejando irada
 N'aza feroz da negra tempestade?

Ouvel-a pelo humilde cemiterio
 Queixas e ais a misturar co'aragem?
 Ouvel-a pelas horas do mysterio
 Suave á suspirar entre a folhagem?

Ouvel-a, no estrugir d'alta corrente?
 Nos rumores do valle adormecido?
 No correr da fontinha mansamente?
 Ou da noite no placido gemido?

Que voz é essa, oh meu Poeta altivo,
 Tão meiga, tão sentida, tão sonora,
 Que assim te traz continuo tão captivo
 Fallando-te ao ouvido em cada hora?

Que voz é essa que, potente, maga,
 Onde a sanha respira acorda amores?
 Que feras maldições com benções paga?
 Que faz em prantos converter furores?

Poeta, desterrou-te Deos no mundo
 Para só bemdizer sua feitura?
 Deo-te parte de si, pensar profundo,
Para cantar só cantos de ternura?

Não—eterno, e potente, e grande e forte,
 Creador de milagres e portentos,
 O sceptro que avassala vida e morte,
 Deo-t'ó a ti, creador de pensamentos.

Deo-te ingenho—e com esse dom primeiro
 Deo-te c'rôa de flores e de espinhos—
 Poz-te entre o céu e a terra medianeiro
 Para os homens guiar nos bons caminhos.

Poz-te ahi por fiel depositario
 Do brando consolar, doce piedade;
 Poz-te ahi, oh Poeta, solitario
 Para chorar a triste humanidade.

Dóe na terra uma dôr?—vai tu, Poeta,
 Levar-lhe logo o balsamo celeste!
 Uma vida tocou da vida a meta?—
 Vai plantar nesse tumulto um cypreste!

Algun pranto corren?—acolhe-o n'alma!
 Alguma flor murchou? por ella chora!
 Algun ente soffreo?—da-lhe uma palma!
 Algun ai se exhalou?—seu mal minora!

Crava os olhos no Céu, donde te veio
 Essa missão tão nobre, e tão sagrada;
 Deus tens na mente, tens amor no seio;
 Ergue, oh Poeta, a fronte laureada!—

Só tu não dormes n'alma;
Continuo velador,
Só tu com Deus conversas,
Só ta te enches d'amor.

Os cantos do inspirado
Não tem noite, nem dia;
São hymnos inquebráveis
D'infinda melodia

Na terra tem principio,
No céu se vão seguir;
Só pela eternidade
Os podereis medir.

São vagas, altas sempre,
Em pego d'harmonia!
— Os cantos do inspirado
Não tem noite, nem dia.—

J. S. M. Leal Junior.

A TEMPESTADE

(BALLATA)

Minha mãe eu tenho medo,
Muito medo dos trovões !
—Cobra animo, meu filho,
Resa as tuas orações !

Deita-te aqui no meu collo,
Chega-te bem, meo amor ;
Os trovões que estás ouvindo
São castigos do *Senhor*. —

Dize-me agora, e em segredo,
Fizes-te hoje mal á alguém ?
Talvez mentisses, meu filho ?
Quem mente nunca faz bem.

—Hoje não, que não me lembro,
Hontem sim, isso menti :
Minha mãe, será castigo,
Que venha por'mor de mim ?

—A culpa é leve, meu filho,
 Para castigo tão crú;
 Á tua mãe não se mente! . . .
 Diz, que mais fizeste tu?

—Hontem brincando queimeei-me,
 Queimeei-me naquella luz;
 Com a dôr talvez fallasse
 No inimigo da cruz!

Fallar no demo é peccado,
 Isso é, que bem o sei;
 Mas castigo só por isso,
 E tão grande . . . não direi.

Não me lembro de mais nada;
 Só si foi . . . mais isso não,
 Por não ter eu dado a um pobre
 A metade do meu pão! . . .

—Pois o castigo, meu filho,
 É por esmola não dar;
 Deves depressa chamal o,
 Si elle tornar a passar

—Minha mãe, o pobresinho
 É aquelle que ali vem!
 —Vai já buscal-o, meu filho,
Que bastante fome tem.—

Olha agora : vês as nuvens,
 Como ellas fugindo vão ?
 Desde que o pobre chamaste,
 Já se não ouve o trovão.

A caridade meu filho,
 É o preceito de Deus :
 A quem o cumpre devéras
 Ajuda-lhe Deus os seus

— Pois hei-de dar mil esmollas,
 Quando chegar a ser rei ;
 Hei-de cumprir como devo
 Com os preceitos da lei . . .

— És muito criança ainda !!
 Quem dá aquillo que tem,
 Cumpre um santo mandamento,
 Não tem inveja á ninguém.

Olha o Céu como está lindo ! . . .
 Vai pelos campos brincar,
 Que o pobresinho cá fica,
 Hade com nosco jantar

X. Palmeirim.

TRISTESA.

Eu amo a noite com seu manto escuro,
De tristes goivos coroadas a fronte,
Amo a neblina, que pairando, ondêa
Sobre o fastigio de elevado monte.

Amo nas plantas, que na tumba crescem,
De errante brisa o funeral cicio:
Porque minh'alma, como a sombra, é triste,
Porque meu seio é de illusões vasio.

Amo ás deshoras sob um ceo de chumbo,
No cemiterio de sombria serra
O fogo fatuo que a tremer doudeja
Das sepulturas na revolta terra.

Amo ao silencio do heruaçal partido,
De ave nocturna o funerario pio,
Porque minh'alma, como a noite, é triste,
Porque meu seio é de illusões vasio.

Amo do templo, nas soberbas naves,
De tristes psalmos, o troar profundo ;
Amo a torrente que na rocha espuma,
E vae do abysmo repousar no fundo.

Amo a tormenta, o perpassar dos ventos,
A voz da morte no fatal parcel ;
Porque minh'alma só traduz tristesa,
Porque meu seio se abrevou de fel.

Amo o corisco que deixando a nuvem
O cedro parte da montanha, erguido ;
Amo do sino, que por morto sôa,
O triste dobre n'amplidão perdido.

Amo na vida de miseria e lôdo,
Das desventuras o maldicto sêllo ;
Porque minh'alma se manchou de escarneos,
Porque meu seio se cobrio de gêlo.

Amo o furor do vendaval que ruge,
Das azas negras sacudindo o estrago ;
Amo as metralhas, o bulcão de fumo,
Do corvo as tribus em sangrento lago.

Amo do nauta o doloroso grito
Em fragil prancha sobre mar de horrores ;
Porque meu seio se tornou de pedra,
Porque minh'alma descorou de dores.

O céu de anil, a viração fagueira;
O lago azul que os passarinhos beijam;
A pobre choça do pastor no valle;
Chorosas flores que ao sertão vicejam;

A paz, o amor, a quietação e o riso
Á meus olhares não têm mais encanto,
Porque minh'alma se despio de crenças,
E do sarcasmo se embuçou no manto.

F. Varella.

CANTO.

Que vejo? que escuto? que vozes são estas
Que cheias de força só disem «velae?»
Minh'alma se agita, e um canto animado
No peito borbulha, dos labios me sae.

As vozes que escuto são vossas, mancebos,
Que aqui reunidos buscaes o saber;
A patria se alegra de ver tantos filhos
Os dons da sciencia zelosos colher.

O homem qu'estuda prefaz o destino
Que Deos prescreveo-lhe ao dar-lhe a razão;
Somente a sciencia, somente o trabalho,
Seguindo a virtude lhe dá perfeição.

Avante! que a gloria pertence ao primeiro
Que o erro fulmina com os raios da luz:
Embora a verdade lhe cause martirios
Qu'importa?.... já Christo pregou-a da Cruz.

Avante! que o erro por vós fulminado
Se esconda nas trevas á voz da razão;
Fazei qu'uma era de gloria repleta
Surgir possa um dia com vivo clarão.

Em vossos talentos a patria confia,
De vossos esforços depende o futuro;
Fazei de progresso surgir nova idea,
O vil egoismo bani como impuro.

Fazei d'este solo tão rico e fecundo
Brotar mil riquezas, cidades surgir,
E possa esse astro que gira no espaço
Em terra de livres a luz espargir.

Então quando virdes a patria remida,
Marchar confiada na vossa victoria,
Dizei «— Eil-a livre, gigante, illustrada. . . .
Salvamos a patria, é nossa esta gloria!»

Ribeiro da Cunha.

● OPULENTO.

Eil-o que passa nos seus trens faustosos,
Ebrio das pompas que a riqueza dá;
Lança dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda, e nem se avista já!

Insulto, escandalo, á miseria extrema,
Que ás portas bate do infeliz que só
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre de martirio e dó!

Por altas noites, em salões doirados,
Se agitam danças d'um folgar sem fim;
E o rico mostra no esplendor que ostenta
Ornatos propios de um real festim!

.
.

E as noites voam, fugitivas, ledas,
Entre as delicias que a ventura tem;
E os sons festivos, que ao prazer convidam,
Lá vão saudosos murmurando além!

Às mesmas horas, que famílias gemem,
 Vasando o calix d'amargoso fel!
 Á quantos crimes não arrasta a fome
 Com seus tormentos d'um pungir cruel!

A cara esposa, tão ditosa outr'ora,
 Entre os affagos que o amor lhe deo,
 Hoje mendiga, mal resiste á fome,
 Chorando o esposo, que infeliz morreu!

Sob as arcadas de mosteiro antigo,
 Que a lua esmalta com saudosa luz,
 Dous orfãosinbos—sem um tecto ao menos—
 Á sombra dormem do velar da cruz!

Honrado artista, sobre um leito humilde
 Cahe sem alentos—que não pode mais....
 Trabalha sempre, na miseria immerso
 P'ra soffrer penas no porvir fataes!

Velho soldado, que ao bradar da patria
 Vertera o sangue no calor da acção
 Vergonha! opprobrio! maldição eterna!
 Hoje, esquecido, la mendiga o pão!

.

E o rico folga nos saráus luzidos
 Sorrindo á todos, c'um sorrir mordaz. . . .
 E o rico baldo aos sentimentos nobres
 Seu ouro esgota no prazer fallaz!

Só não tem ouro p'ra valer ao pobre. . . .
 Só não tem ouro p'ra calar a dor. . . .
 Só não tem ouro p'ra salvar a virgem
 Dos torpes laços d'um mentido amor!

.

Homens ditosos, que folgaes ao luxo,
 Vergae á dor, á compaixão vergae;
 E os agros prantos de martirio e sangue,
 Nos lassos olhos do infeliz seccae!

Dae-lh'os sobejos dessas mezas lautas,
 Que as mais das vezes arrojaes ao chão!!
 Folgae, embora, mas roubae á fome
 Tantas familias, que mendigam pão!

A. P. Caldas

SCISMAS Á NOITE.

Doce brisa da noite, aura mais frouxa
Que o debil sopro de adormido infante,
Tu és quem sabe a perfumada aragem
Das azas de ouro d'algun genio errante.

Tu és quem sabe a gemedora endecha
De um ente amigo que afastado chora,
E ao som das fibras do psalterio eburneo
Conta-me as dores que padece agora!

Ai! não te arredes, viração tardia,
Zephiro pleno da estival fragrancia!
Sinto á teus beijos resurgir-me n'alma
O drama inteiro da rosada infancia!

Bem como a aurora faz brotar as clicas,
Chama da selva os festivaes cantores,
Assim dos tempos na penumbra elevas
Todos os quadros da estação das flores.

Sim,—vejo ao longe os matagaes extensos,
 O lago azul,—os palmeirae airosos,
 A grei sem conta de ovelhinhas brancas
 Balindo alegres nos sarçaes viçosos.

Diviso a choca paternal no outeiro,
 Alva,—gentil,— dos laranjaes no seio,
 Como a gaivota descuidosa e calma
 Das verdes ondas á boiar no meio.

Sinto o perfume dos roçados frescos,
 Ouço a canção do lenhador sombrio,
 Sigo o barqueiro que tranquillo fende
 A lisa face do profundo rio.

Oh! minhas noites d'illusões celestes!
 Visões brilhantes da primeira idade!
 Como de novo reviveis tão lindas
 Por entre as balsas da nativa herdade!

Como no espaço derramaes, suaves,
 Tão langue aroma—vibração tão grata!
 Como das sombras do passado, mesmo,
 Tantas promessas o porvir desata!

Exalte embora o insensato as trevas,
 Chame o descrido, a solidão e a morte,
 Não quero ainda fénecer, é cedo!
 Creio na sina, tenho fé na sorte!

Creio que as dores que supporto alcancem
Um premio ainda da justiça eterna!
Oh! basta um sonho!... o respirar de um sylpho,
O amor de um'alma compassiva e terna!

Basta uma noite de luar nos campos,
O brando efflúvio dos vergeis do sul,
Dous olhos bellos,—como a crença bellos!
Fitos do espaço no fulgente azul!

Ab! não te affastes, viração amiga!
Alem não passes com teu mollé adejo!
Tens nas delicias que a torrentes vertes,
Toda a doçura de um materno beijo!

Falla-me ainda desses tempos idos,
Rasga-me a tela da sazão que vem,
Foge depois, e mais subtil, mais tenue
Vae meos suspiros repetir além.

Fagundes Varella

O VAGALUME.

Quem és tu pobre vivente
Que vagas triste e sosinho,
Quê tens os raios da estrella,
E as azas do passarinho?

A noite é negra, raivosos
Os ventos correm do sul:
Não temes que elles te apaguem
A tua lanterna azul?

Quando tu passas, o lago
De extranhos fogos explende,
Dobra-se a elicia amorosa,
E a fronte mimosa pende.

As folhas brilham, lustrosas
Como espelhos de esmeralda,
Fulge o iris nas torrentes
Da serraania na fralda.

O grilo salta das sarças;
Pião aves nos palmares;
Começa o baile dos sylphos
No seio dos nenuphars.

A tribu das mariposas,
Das mariposas azues,
Segue teus giros no espaço,
Mimosa gotta de luz!

São ellas flores sem hastea;
Tu és estrella sem céu;
Procurão ellas as chammãs;
Tu amas da sombra o véo!

Quem és tu pobre vivente
Que vagueas tão sosinho,
Que tens os raios da estrella
E as azas do passarinho?

F. Varella.

INFANCIA E VELHICE

O lirio é menos candido, a neve é menos pura
Que uma creança loira no berço adormecida;
Seus lábios entre-abertos parece que respiram
Os languidos aromas e as auras de outra vida.

O anjo tutellar que o sommo lhe protege
Não vê um ponto negro n'aquella alma divina
Nunca sacode as azas para voltar ao céo;
E nem afasta ao vel-a a face peregrina.

No seio da creança não ha serpes occultas,
Nem perfido veneno, nem ferventes lumes,
Tudo é candura, oh Deus! sua alma inda innocente
É como um vaso de oiro repleto de perfumes.

Cedo elle cresce, e os vicios os passos lhe acompanham,
Seu anjo tutellar pranteia ou volta ao céo,
O calix doirado transborda de absynthio,
E a vida corre involta n'um lutulento véo.

Depois elle envelhece, as illusões se esvaem,
A calma vem, e a chamma de seu viver se escoa;
A fronte pende em terra coberta de geadas,
E a mão rugosa e tremula levanta-se e abençôa.

O infante e o ancião são dois sagrados seres,
Um deixa á pouco o Céu, o outro ao Céu se volta,
Um cerra as azas debeis e a divindade adora,
O outro adora a Deus e as azas niveas solta.

Do loiro cherubim na face rosêa e bella
Ainda existe o traço do beijo dos anjinhos;
Na fronte alta e serena do ancião, csintilla
A chamma que do Empyreo aponta-lhe os caminhos.

Nos tempos de desgraça, quando o existir é trevas,
E a duvida se eleva do funebre ataúde,
Nos olhos da creança creiamos na innocencia
E nos cabellos brancos saudemos a virtude!

F. Varella.

A MOCIDADE ACADEMICA.

Sois da patria esperança fagueira,
Branca nuvem de um roseo porvir;
Do futuro levaes a bandeira,
Hasteada na frente a sorrir.

Mocidade, eia ayante, eia avante!
Que o Brasil sobre nós ergue a fé —
Este immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé.

É nas lettras que a patria querida
Hade um dia fulgente se erguer,
Velha Europa curvada e abatida
Lá de longe que inveja hade ter!

Nós iremos marchando adiante
Acenando o futuro com fé —
Este immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé.

Orgulhoso o Bretão lá dos mares
Respeitar-nos então ha de vir,
São direitos sagrados os lares,
Nunca mais ousarão nos ferir.

Aure-verde pendão fulgurante
Hasteae-o, mancebos! —com fé—
Este immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé.

São immensos os rios que temos,
Nossos campos quão vastos que são!
As montanhas tão altas que vemos
De um futuro bem alto serão.

O futurô não vae bem distante,
Já podeis acenal-o com fé—
Este immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé.

Nossos paes nos legaram guerreiros
Honra e gloria, virtude e saber,
Nos só filhos de paes brasileiros
Pela patria devemos morrer.

Mocidade, eia avante, eia avante!
Que o Brasil nos guarda com fé,
Este immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé.

Bittencourt Sampaio.

DEUS

— Deos onde está? Na flôr que desabrocha
No verde campo, no pomar sombrio;
Na voz do mar, nos murmures do rio,
Nas ricas messes, na nudez da rocha.

Onde está Deos? No suspirar das flôres
No loiro fructo que rolou por terra;
No céu, no campo, em tudo quanto encerra
Luz e susurros, harmonias, cores!

Deos onde está? Na tempestade ousada,
Na juba altiva dos leões do oceano;
No leve esquife e no rasgado panno
Que do naufragio sobre os restos uada.

Pergunta à folha e ao raio que a lacera,
Pergunta ao raio e ao cedro que resiste:
Deus onde está?...aonde pára e existe
Quem fez o inverno e fez a primavera?

Onde está Deus? sorrindo-te dos céus:
Sinto-o em mim, se estou ao pé de ti:
Ergues teus olhos...sim...agora eu vi
Rir-me em teus olhos a innocencia—Deus!

C. P. Guimarães.

O POETA DESTERRADO.

O' Lyra Brasileira, que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glorias;
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo:
Nem cantas os trophéos da patria amada
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo; ou temperada agora
Em tom mais brando, váe soar tristonha
Em a canhado estyló. . .

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
Se procurando lenitivo á magoa,
Sob a copada rama solitario,
Enseja amor na lyra.

Um mavioso coração afflicto
 Que abandonado em terra estranha geme,
 A qual recorrerá propicio nume
 Senão á Venus meiga?

Mas a causa, que a alma ora lhe agita,
 É tambem de Narcinda a santa causa:
 Da terna lyra os sons enchem-lhe o peito
 De dôr e de saudade.

Os suspiros que a lyra aos ares manda,
 Ella com seus suspiros acompanha:
 São sorrisos da lua, que embellece,
 Da negra noite o manto.

Não do regato o placido susurro,
 Nem o travesso zephyro, que esperta
 Do lethargo da sombra a flor cheirosa,
 Ao pastor é mais grato!

Fresca e gentil, qual matutina rosa
 Pelas gottas de Maio rociada;
 Assim do teu dilecto olhos e peito
 Arrebatas sorrindo.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
 Se inda se acolhe de Narcinda ao seio;
Pois no meio do sonho dos amores,
Tambem co'a patria sonha.

Para a molleza não nasceo o vate:
 Em seus ditosos dias chammejava
 Sua alma ardente, do heroismo cheia,
 Quando uma patria tinha!

A corda, que ciccia docemente
 Sobre a doiradá lyra malfadada,
 Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
 Vibrar rapida setta:

Os labios, que ora movem molles versos,
 Já levantar souberão da vingança
 Grito tremendo, a despertar a patria
 Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria!
 Da liberdade o brado, que troava
 Pelo inteiro Brasil, hoje emmudece
 Entre grilhões e mortes!

Sobre suas ruinas gemem, chorão,
 Longe da patria os filhos foragidos:
 Accusa-os de traição, porque a amavão,
 Servil infame bando.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate,
 Se aos lares seus não volta: acicalado,
 Subito ferro afogaria o grito,
 Que pela patria erguesse.

Ali da santa liberdade os filhos,
Esses poucos, que restão, fugidios
Vivem inglorios ; pois as honras dão-se
A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vedes
Que o facho horrivel, que allumia a senda
Das falsas honras, accendeis no fogo
Que abrasa o Brasil todo?

Quando mortes fulmina a tyrannia
E calca aos pés o .merito e virtude,
Uma lagrima se quer não vos arranca
A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!
A taça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da Cisplatina plaga.

Suspirai pelo Céu, morrei no inferno
Contentes ; paz e gloria de vós fujão
Como as aguas de Tantalo fugião
No tartaro dos Gregos.

Ah! não digas, ó Zoilo, mal do vate
Se á Paphia deosa algum consolo pede,
Se a aguda dor, que pela patria sente,
Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,
Que um relampago só penetre as trevas,
Que o seu Brazil envolvem, n'esse instante
Em pé se alçará forte!

Então seu coração, no altar sagrado
Da liberdade, deporá ligeiro
A branda lyra; então com nova murta
Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, se nutrido
Entre perigos foi! Se denodado
Dá morte os brados retumbar ouvíra
Com rosto não-mudado!

Que um Trasybulo novo se levante
C'um punhado de Heróes, a tyrannia
No ensanguentado throno já nutante
Cabirá aos pés exangue.

Mas em quanto o Brazil adormecido
Brilhantes dias renovar não sabe,
Repita ao menos o seu nome amado
A lyra dos amores.

Da dôr profunda, que a seu vate opprime,
Extranhos se condôam; e os suspiros
Da lyra, que através dos mares voão,
Façam chorar a patria.

Adeus, ó lyra; basta : já se embrusção
 Cada vez mais os ares :—sombra espessa
 Envolve em torno a placida ramada,
 Em que teu vate geme.

Suspensa fica pois d'alto cachopo :
 Nem mais afflicta mão as cordas fira :
 Ao murmurio da fonte só responde ;
 Os zefiros te movão :

Aos apartados echos da colina
 Muda teus sons ; e do pastor a gaita
 Fremito doce em ti somente excite,
 Ou zunidora abelha!

Adeus, enfim, adeus, lyra piedosa !
 Ah ! quantas vezés o teu pobre vate
 Ameigava contigo a dôr profunda
 Em desveladas noites !

Se tantos males supportou constante,
 A ti o deve, ó Lyra—já não podes
 Ora mais consolar dobradas magoas :
 Adeus, em paz descança !

José Bonifacio.

SEPTICISMO E CRENÇA

Ha momentos que a mente se cansa
N'uma luta que envolve a razão,
Entre um genio que diz «esperança!»
E mais outro que brada «illusão!»

Um nos mostra do abysmo a voragem,
Outro um leito de rosas alem:
N'essa lucta falece a coragem,
Crescem dores, e a duvida vem.

Um promette um futuro risonho,
E aos ouvidos nos diz: «Esperai.»
Outro diz-nos: «A vida é um sonho,
D'este mundo de enganos zombai.»

Um repete: «O phanal é brilhante.»
Brada o outro: «Negreja o bulcão!»
— «É a vida um prazer incessante.»
Não, não é; é continua afflicção!»

N'essa lucta perturba-se a mente,
Ferve o craneo de febre por fim,
Vendo ao perto perigo imminente,
E só longe risonho jardim!

Que o futuro se envolve em mysterio,
Que nos leva a um engano fatal,
E o presente é um crepe funereo,
Que na vida somente é real!

D'esta sorte vacilla a existencia,
Como o lenho perdido no mar:
Ora illude fugaz apparencia,
Ora a crença nos vem a faltar.

Té por fim nossa mente se cansa,
Foge a crença, vacilla a razão:
Vai-se o genio que diz—esperança;
Fica a voz que nos brada—illusão!

Henrique Autran Junior.

MEDITAÇÃO

as obras do Senhor as mais pequenas
então perfeição e o tempo affrontão!
lre tanto dos homens como findão
Tão prestes as grandesas!

Rhodes o colosso habita os mares,
as chinesas muralhas estupendas,
a parte derruidas, já não privão
As invasões do inimigo.

la tu, Coliseu, teu vulto elevas
patria dos heroes, na velha Roma,
stemunha dos martires sem conta
Qu'em teu seio findarão

nbem vós, faustosos monumentos
s Monarchas do Egypto, os altos cumes
la elevais aos Céos, como uma prova
Da soberba dos homens!

Mas onde estão os muros, os palacios
 Dessa orgulhosa Thebas tão famosa?
 Como aquelles de troia, sob a terra
 No pó jazem sumidos.

Como obra dos homens assim findão
 Os imperios potentes; como elles
 Se sepultão tambem no pó das éras
 E seus nomes s'olvidão.

Tyro, Palmyra nos desertos jazem
 Sem um vislumbre só da gloria antiga,
 E as gigantes columnas de Balbeck
 Como espectros se elevão!

Babilonia potente vio seus muros
 Derrubados, por terra! e só lhe resta
 De tanto poderio e tanto fausto
 Os prantos do Propheta.

Carthago, que cobria out'ora os mares
 D'armigeras galés cheias de bravos,
 Vio pranteiar-lhe os destroçados restos
 O foragido Mario!

A misera Solima calcinada
 Chora o sangue do Christo haver bebido,
 E seus filhos errantes pelo mando
 São dos povos hídibrio!

Essa risonha Grecia, mãe das artes,
Curva a cerviz á Roma, e em breve tempo
Esquecida da gloria, mostra misera
Um quadro de vergonhas!

Roma que out'ora dominava o mundo,
Cujas aguias invictas sempre forão,
Vio Alarico devassar seus muros
Impor-lhe vis cadeias.

Assim a mão do tempo, uns após outros,
— Os imperios lançou no pó do olvido,
Uma após outra as gerações passando
Renderão preito á morte.

Escavae das nações o sólo todo,
Inqueri, indagai donde procedem;
Em toda parte encontrareis cadaveres
De homens e de imperios!

Assim a morte é lei da humanidade
Que deve se cumprir! Assim um dia
De tudo quanto existe no universo
Só Deus terá memoria!

CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS.

Como é bello á meia noite
O azul do céu transparente,
Quando a esphera d'alva lua
Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
Toda se cala dormente,
Quando o mar tranquillo e brando
Na areia chora fremente !

Como é bello este silencio
Da terra todo harmonia,
Que aos céos a mente arrebatada
Cheia de meiga poesia !
Como é bella a luz que brilha
Do mar na viva ardentia !
Este pranto como é doce
Que entorna a melancholia !

Esta aragem como é branda,
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas folhas susurrar!
Os sons d'aereo instrumento
Quisera agora escutar!
Quisera magoas pungentes
N'este silencio olvidar!

O azul do céu, nem da lua
A doce luz reflectida,
Nem o mar beijando a praia
Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
Nem quanto embelleza a vida;

Nada é melhor que este pranto
Em silencio gotejado,
Meigo e doce, e pouco e pouco
Do coração despegado;
Não soro de fel, mas santo
Frescor em peito chagado;
Não espremido entre dores,
Mas quasi em prazer coado!

Gonçalves Dias

SEXTILHAS.

Amo o cantor solitário
Que chora no campanario
Do mosteiro abandonado,
E a trepadeira espinhosa
Que se abraça caprichosa
À forca do condemnado.

Amo os nocturnos lampyrios
Que girão, errantes cirios
Sobre o chão dos cemiterios,
E ao clarão de tredas luzes
Fazem destacar as cruzes
De seu fúdo de mysterios.

Amo as timidas aranhas
Que lacerando as entranhas
Fabricão dourados fios,
E com seus leves tecidos,
Dos Tugurios esquecidas
Cobrem os muros sombrios

Amo o lagarto que dorme,
Nojento, languido, informe,
Por entre as hervas rasteiras,
E as rãs que os paues habitão,
E os moluscos que palpitão
Sob as vãs altaneiras.

Amo-os, porque todo o mundo
Lhes vota um odio profundo,
Despreza-os sem compaixão!
Porque todos desconhecem
As dôres que elles padecem
No meio da criação!

F. Varella

LIBERDADE.

Liberdade, nome santo,
Meu primeiro, doce canto,
Minha sacra inspiração,
Nome em gloria, e sangue immerso,
Que eu ouvi inda no berço
Pronunciar com devoção.

Liberdade, echo bem dito,
Doce sonho do proscripto,
Do captivo entre grilhões,
Doce sonho de esperança,
Sonho as vezes de vingança,
Nesta quadra de traições.

Maga estrella d'almo alento
Baptisada em suor sanguento,
Ora envolta em claro véo,
Ora pallida, amarella
Como a lampada, que véla
Juncto a cruz do mausoléu.

Sonho, estrella, nome ou canto,
 Que os mortaes adoram tanto
 Que adorado sempre tem,
 Que adorou já Roma e Grecia,
 Que prégon Bruto e Lucrecia
 E o senhor nato em Bethlem.

Liberdade virgem linda,
 —Virgem sim, que ousado ainda
 O mortal te não gozou;
 — Eu te adoro, ó liberdade,
 Como Deus ama a verdade,
 Como Christo a Deus amou.

Eu te adoro, virgem bella,
 Como a noite adora a estrella,
 Como o afflicto as solidões,
 Como Newton o infinito,
 — Como á patria ama o proscripto,
 Como á patria amou Camões;

Como a mãe adora o filho,
 Como a flôr da aurora o brilho,
 Como a luz d'aurora a flôr,
 Como o arabe o deserto,
 — O pirata o mar incerto,
 De que é rei, de que é senhor.

Adorei-te, ó liberdade,
Quando em fragil, tenra idade,
—Deus e mãe—balbuciei,
Quando a mãe—Deus—me dizia,
Quando infante eu não sabia
Vã sciencia que hoje sei.

Quando vi a vez primeira,
Vir bater, bater na beira
Livre a onda, livre o mar;
Quando rir farto e contente
Vi o rico, e o indigente
Pedir pão e soluçar

Quando apóz calmoso dia
Ja só sciencia eu via,
Sonhos vãos, doces visões:
Quando negra estava a noite,
Quando o vento era um açoite,
Dando voz ás solidões.

Quando a meiga donzella,
Mais que o sól, que a aurora bella,
Quando a vez primeira amei,
Quando tive um vão desejo,
Quando quiz furtar-lhe um beijo,
Quando ingrata lhe chamei.

Quando vi seu riso brando,
 Suas lagrimas, e quando
 Pranto e risos lhe volvi:
 Quando em tardes d'almo estio
 Fui sentar-me ao pé do rio
 No paiz onde eu nasci.

No mumurio da corrente,
 No raiar do sol ardente,
 Nos vãos sonhos que eu sonhei,
 No fragôr da tempestade,
 Sempre, sempre, ó liberdade,
 Sempre, sempre, te adorei.

Nos sorrisos da donzella,
 No fulgir de pura estrella,
 Nos rocios da manhã,
 No tugurio que defeca,
 No cair da folha sêcca,
 No pairar da sombra vã.

No som do ermo campanario,
 Que fluctua ao sôpro vario
 Da ligeira viração,
 No resar das preces santas,
 No tufão que açoita as plantas,
 No som rouco do trovão.

Liberdade, a lucta immensa
Que revolve mundo e crença
Na tua santa, eterna lei,
Quando a terra, o ceu divino,
Soltem juntos o teu hymno,
O teu hymno eu cantarei.

O clamor da humanidade
Diz bem alto—Liberdade,
Como a brisa, o vento, a flôr;
Minha voz não é tão forte,
Mas serci até á morte,
Liberdade o teu cantor

A. de Serpa-

A UMA ESPERANÇA. (INSECTO)

Esperança melindrosa,
Pressurosa
Que novas me vens trazer?
Acaso quiz o destino
Tão ferino
Minorar o meu soffrer?

Pode acaso uma doçura,
Qu ventura
Inda ter meu coração!
Ou viverei sempre em dores,
Como as flores
Entre espinhos na soidão?

Falla, esp'rança, me responde,
Dize aonde
O prazer posso encontrar:
Deixa a minha solidão,
Não te asiles em meu seio,
Que eu não creio.
Em teus presagios mais não.

Henrique Autran Junior.

NO MAR

Vagava a lua
Pallida e nua
 Por sobre o mar;
Doce era a brisa,
Que aromatisa,
 Passando, o lar.

No céu fulgiam,
De amor tremiam
 Estrellas mil,
E com disfarce
Vinhão banhar-se
 No mar de anil

Junto da praia,
Onde desmaia
 A lua cheia,
Rompe-se a vaga
Que o chão alaga,
 Beijando a areia.

Por sobre os mares,
Cortando os ares,
Morrem os sons
Da doce flauta,
Que tira o nauta
Com meigos tons.

Sobre uma rocha,
Onde des'brocha
A vaga em flor,
Carpia bella,
Gentil donzella
Sua magoa e dor.

Saem-lhe os cantos
Cheios de prantos,
Cheios de dó:
E ella persiste
Na rocha triste
Cantando só.

Brinca-lhe o vento
Placido e lento
Pelos cabellos,
Que são doirados,
Tão annellados
Soltos e bellos;

Pelo seu rosto
—Grato composto
De encantos cem—
Prantos sentidos,
Mal comprimidos,
Baillando vem.

E sobre a vaga,
Que ao pé divaga,
Depois tombando
Em bellas perolas,
Nas aguas cerulas,
Vão-se mudando.

Nuvem sombria,
Pesada e fria
Circunda a lua;
Ao vento leste
Da moça a veste
Vôa e fluctua.

E ella, e ella
Carpia bella
Chorando só:
Saem-lhé os cantos
Cheios de prantos,
Cheios de dó!

«Neste rochedo,
Á furto, á medo
Venho chorar,
Que a desventura
Pesada e dura
Fez-me vergar!

«Choro o passado
Terno, e engraçado
Em que eu sorria;
E que o destino
Murchou, maligno,
N'um fatal dia!

«Choro a innocencia
— Limpida essencia
De mim—creança! —
Choro na vida
Sempre perdida
Minha esperanza!

«Sonhos doirados
Tão bem fadados
Que então sonhava;
Gratas venturas,
Risos, ternuras
Que eu já lograva.

«Doces amores,
Meigos primores,
Prazer divino...
Tudo é mudado!
Tudo é murchado!
Pelo destino!

«Mentio-me a sorte!
Só vejo a morte
Por toda a parte!
Mas quem levou-me...
Oh! quem mandou-me,
Ingrato, amar-te?

«Depois de amado
Teres gozado
Dos meus carinhos,
Trocaste as flores
Dos meus amores
Em crús espinhos!

«E não contente
Inda indiff'rente
Me abandonaste...
O nó desato
Da vida! Ingrato!
Tú nunca amaste!

Neste rochêdo
Á furto, á medo,
Soltei meus ais;
Ninguem meus cantos
Cheios de prantos
Ouvirá mais! —

E assim dizendo
Com gesto horrendo
Lançou-se ao mar.
Viram-se apenas
Formas amenas
N'água boiar.

Todas as routes
Aos crús açoutes
Do vento irado,
Sobre o rochêdo,
Placido e quêdo
Vê-se sentado,

Um vulto triste,
Que alli persiste
Sempre a chorar;
E quando a aurora
Tudo colora,
Lança-se ao mar.

J. C. Vilella.

O MENDIGO

1.

O sol passa nos céos:— sob o carvalho,
Por cujos troncos se pendura a vide,
Cego ancião,
Mirrhada dextra supplice estendendo
Ao passageiro, que o despreza, implora
Do opprobrio o pão.

Ninguém o escuta, o dia foge, e a noite
Envolve a luz no manto impenetravel:
E elle chorou —
E em seus andrajos para choça alpestre,
Sem se queixar de Deos, tardios passos
Encaminhou:

Mas antes que chegasse ao pobre alvergue,
Do presbiterio o sino harmonioso
Soar ouvia,
Que, despedindo em roda os sons pausados,
Convidava os fleis á erguer as preces
Da Ave-Maria.

À cruz do adro relvoso as mãos mirrhadas
O velho ergueo, e ao céu inuteis olhos,

É uma oração—

A oração do infeliz—que Deos só ouve
Quando o desdenha o mundo e ludibria
Sua afflicção.

Para o velho a existencia é solitaria,
Bem como a fonte, que esgotou o estio,

Onde os pastores

Se vinham saciar, e o manso gado;
Onde cantavam penas e pezares
Dos seus amores.

A lampada na igreja triste e muda
Bruxuleava seu clarão, pendendo

Ante o altar mór:

Como o templo, é do velho o porvir
Cheio de sustos,—muda como o templo
É sua dor.

Resou, resou—e os olhos se enxugaram—
O orar fervente as lagrimas enxuga,

Qual prado o leste:

Deos o inspirou—'sperança é filha sua,
Doce esperança que aos mortaes só deixa
Sob o cypreste:

Voltou á choça, e a macilenta fome,
 Sem gemer, supportou sobre o seu leito
 Que é quasi a terra,
 E confiado em Deos entre as angustias
 Do mal—menos crueis que as do remorso
 Os olhos cerra.

II.

Restruge o mar cavado—o vento zune
 Pelos mastros da náó—colhido o panno
 Das vergas pende;
 Brinco das vagas o baixel arfando
 Fluctua incerto, e dos bulções, guiado
 Os mares fende.

Envolto no gibão amplo e felpudo,
 Rude piloto ao leme trabalhoso
 Véla encostado;
 Que si não mentem calculos, o porto
 Proximo está, dos lassos navegantes
 Tão anciado.

III.

O vento vai quebrando—no ar vagueam
 Grossos montões de acastelladas nuvens;
 Diurno alvôr
 Traça no céo d'orienté um risco immenso,
 Que reflecte no mar, que verte ao longe
 Cerulea côr.

Surge o sol radioso e inunda as vagas,
 Que se acalmam—nivelam-se; o horizonte
 Mais amplo é já:
 Incha a aragem ligeira a larga véla,
 E do cesto o gageiro clama: —terra!—
 Eil-a acolá!—

Como deslisa o gozo nos semblantes
 Por entre as rugas do terror passado!
 Como é formosa
 Essa pallida praia—e esses rochedos
 E lá no extremo os pincaros da serra
 Erma e saudosa!

De indicas mercês, de ouro carregada
 Aprôa á terra, com celeuma alegre,
 A não pujante:
 E pelo verde mar do porto amigo
 Abrindo a esteira restitue á patria
 O navegante.

IV.

É meia noite:—os gallos pelà aldeia
 Dizem que um dia mais desceu ao nada
 E que outro vem,
 Para dar luz a dores e alegrias,
 E depois nos abysmos do passado
 Cahir tambem.

E o mendigo da aldeia, o velho cego,
 Sobre o duro grabato, em choça humilde,
 Achou a paz.

Em sonhos via um filho; a longes terras
 A miseria o levou: mudada sorte
 Feliz o traz.

Quantas vezes presaga a mente do homem
 Véla como um propheta, em quanto o somno
 Seus membros prende;
 E como em trevas de amargosos dias
 No porvir uma luz, prevista em sonhos,
 Grata se accende!

V.

Nos gonzos ferrugentos range a porta
 Do tugurio do pobre adormecido—
 E descuidado;
 Que do mendigo o umbral patente é sempre,
 Nem concede estar, como o do rico,
 Aferrolhado.

O bom do velho ao sobresalto acorda,
 E as lagrimas de alguém banham-lhe as faces,
 E o pranto é mudo;
 Mas breve um grito—e o soluçar—e os beijos,
 E o sonho que passou—e a voz do sangue
 Lhe dizem tudo.

Não mais sob o carvalho ao velho honrado
Esmoladora mão o peregrino

Estenderá;

Meigos lhe sorrirão estremos dias,

E sua cinza filial gemido

Consolará!—

Alexandre Herculano.

ROSA NO MAR

Por uma praia arenosa,
Vagarosa,
Divagava uma Donzella;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante
Vem n'um instante,
Que n'outro instante se alisa;
Mais veloz que a sua idéa
Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
Arfa o seio,
Pranto e riso se mistura;
Doce rir dos céos encanto,
Doce pranto,
Doce pranto que não dura.

N'esse logar solitario,
 Seu fadario,
 De ver o mar se recreia;
 De o ver, á tarde, dormente,
 Docemente
 Suspirar na branca areia.

Agora qual sempre usára
 Divagava
 Em seu pensar embebida;
 Tinha no seio uma rosa
 Mui formosa,
 De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
 Quando a rosa
 Do seio no chão lhe cáe:
 Vem um'onda bonançosa,
 Qu'impiedosa
 A flor comsigo retrahê.

A meiga flor sobre nada;
 De agastada,
 A virge' a não quer deixar!
 Boia a flor; a virgem bella,
 Váe traz ella,
 Rente, rente, á beira-mar.

Vem a onda bonançosa,
 Vem a rosa;
 Foge a onda, a flor também;
 Se a onda foge, a donzella
 Vão sobre ella;
 Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
 De enfadada
 Não quer deixar de insistir;
 Das vagas menos se espanta,
 Nem com tanta
 Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapella
 A virgem bella
 Recolhe e leva consigo;
 Tão fallaz em calmaia,
 Como a fria
 Polidez de um falso amigo.

Nas agoas alguns instantes,
 Fluctuantes
 Nadarão brancos vestidos:
 Logo o mar todo bonança,
 A praia cança
 Com monotonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
la a noite em mais de meia :
Toda a praia perlustrarão,
Só acharão
Rubra flor em branca areia.

A. G. Dias.

O CANTO DO GUERREIRO

I.

Aqui na floresta
Dos ventos balida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos
Que estimam a vida,
Sem guerra e lidar.
Ouvi-me, guerreiros,
Ouvi meu cantar.

II.

Valente na guerra
Quem ha como eu sou?
Quem vibra o tacápe
Com mais valentia;
Quem golpes daria
Fataes como eu dou?
Guerreiros, ouvi-me,
Quem ha como eu sou?

III.

Quem guia nos ares
A frecha emplumada,
Ferindo uma prêsa
Com tanta certeza
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
Guerreiros, ouvi-me,
Ouvi meu cantar.

IV.

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia;
Quem golpes daria
Fataes como eu dou?
Guerreiros, ouvi-me,
Quem ha como eu sou?

V.

Na caça ou na lide
Quem ha que me affronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,

E a ave medrosa
Se esconde no céo.
Quem ha mais valente
Mais dextro que eu?

VI.

Si as mattas estrujo
Co'os sons do boré,
Mil arcos se encurvam,
Mil settas la vôam,
Mil gritos rebôam,
Mil homens de pé,
Eis surgem, respondem
Aos sons do boré!
Quem ha mais valente
Mais forte quem é?

VII.

Lá vem pelas mattas,
Não fazem ruido:
O vento gemendo,
E as mattas tremendo,
E o triste carpido
D'uma ave a cantar;
São elles guerreiros,
Que eu faço avançar....

VIII.

E o piaga se ruge
No seu maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados,
O campo juncado
De mortos é já,
Mil homens viveram,
Mil homens são lá

IX.

E então si de novo
Eu toco o boré,
Qual fonte que salta
De Rocha empinada,
Que vae marulhosa,
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é;
Taes elles se escôam
Aos sons do boré.
Guerreiros, dizei-me,
Tão forte quem é?

Gonçalves Dias.

LUIZ DE CAMÕES.

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno:
Mas, tu me dá que cumpra, ó grão rainha!
Das musas, co'o que quero á nação minha!

~~Canção~~ — Lus. C. 10 EST. IX

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!
Quem mais do qu'elle dissera .
D'esse fero Adamastor!
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante,
Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor!

No peito coberto d'aço,
Lhe batia um coração,
Que nem os cantos do Tasso
Sonharam maior paixão!
Era cantor e soldado;
Era um vate enamorado,
Foi um poeta inspirado
Como os d'hoje já não são!

Bem nos cantos se lhe marca
 O signal do seu penar;
 Nascêra como Petrarca,
 Já fadado para amar!
 Vêde bem o sentimento,
 Com que dá soltas ao vento
 Queixas mil de seu tormento,
 Tristezas do seu trovar!

A sorte fê-lo poeta
 Das cinzas da pobre Ignez:
 O mundo fê-lo propheta
 Do destino portuguez!
 Poeta da desventura,
 Previu a sorte futura,
 Escreveu com mão segura
 A prophesia, que fez!!

Deos que deu aos portuguezes,
 D'além-mar as regiões,
 Que nos livrou dos revezes,
 Deu-nos o rei das canções;
 Fomos o povo escolhido;
 O nosso nome temido,
 Hoje só é conhecido...
 Pelos cantos de Camões.

Foi-se-lhe a vida em desgosto
 Ao que a patria assim cantou.

Mais poeta que Ariosto,
Que bellezas nos legou!!
Pungido de acerbos dōres,
Pelo Tejo, seus amores,
Foi o rei dos trovadores...
Foi o cisne que expirou!

Como Ovidio, desterrado
Lá na gruta de Macáu,
Só teve o pranto enxugado
Pela mão do pobre Jáó,
D'escravo, tornou-se amigo,
E no peito só consigo
Supportou cruel castigo,
Mas nunca se mostrou máu!

Debruçados sobre os cantos,
Da nossa fama padrão,
Bem juntos verteram prantos
Sobre a nossa escravidão!
Mas Camões... á vil tutela
D'essas hostes de Castella,
Não pode chorar sobre ella,
Morrera-lhe o coração!!

Que poeta! que soldado!
Que trovador tão leal,
De todos abandonado
Só achou... um hospital!!

Mas a fama portugueza
Neste sec'lo de torpeza
Só tem por toda a grandeza
A Camões por pedestal !!

Alli vivem as victorias,
Já do povo, já do rei,
Alli vingam as memorias
Alcançadas pela lei;
E' pharol de nossa fama.
Alli vive o Castro, e o Gama;
Em versos alli proclama
Triumphos da nossa grey!

A Camões por monumento,
Só resta um livro, não mais:
D'aquelle genio portento
Não temos outros signaes:
Mas que importa se a memoria
Do cantor da nossa gloria
Alcançou maior victoria
Nos seus cantos colossaes!..

L. A. Palmeirim.

ADAMASTOR

.....
Porem já cinco sóes eram passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noute estando descuidados,
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como si desse em vão n'algum rochedo.
Oh Potestade, eu disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta;
Que mór cousa parece que tormenta?

Não acabava, quando uma figura,
 Se nos mostra no ar, robusta e valida,
 De disforme e grandissima estatura;
 O rosto carregado, a barba esqualida,
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
 Cheios de terra e crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que um dos sete milagres foi do mundo:
 C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceo sahir do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes e o cabello
 A mim, e a todos, só de ouvil-o e vel-o

E disse: oh gente ousada mais que quantas
 No mundo commetteram grandes cousas,
 Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas,
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho,
 Nunca arados d'estranho ou proprio lenho;

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do humido elemento,

A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento;
 Ouve os damnos de mim, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento,
 Por todo largo mar, e pela terra,
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe que quantas naus esta viagem
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem,
 Com ventos e tormentas desmedidas:
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insofridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno que o perigo.

Aqui espero tomar, sinão m'engano,
 De quem me descobrio summa vingança;
 E não se acabará só nisto o damno
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas naus vereis cad'anno
 (Si é verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda a sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

E do primeiro illustre que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:

Aqui porá da Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos tropheos;
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quilôa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama,
 Liberal cavalleiro enamorado,
 E comsigo trará a formosa dama,
 Que amor por gran-mercê lhe terá dado:
 Triste ventura e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e irado
 Os deixará d'um cru naufragio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos charos
 Em tanto amor gerados e nascidos;
 erão os Cafres asperos e avaros
 Tirar á linda dama os seus vestidos:
 Os crystallinos membros e preclaros
 Á calma, ao frio, ao ar verão despídos,
 Depois de ter pisado longamente
 C'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na fervida e implacavel espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem

Com lagrimas de dor, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão...

Mais ia por'diante o monstro horrendo.
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem és tu, que esse estupendo
 Corpo, certo me tem maravilhado?
 A boca e os olhos negros retorcendo,
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pesada e amára,
 Como quem da pergunta se pesára: —

«Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
 A quem chamais vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Strabo,
 Plinio, e quantos passaram, foi notorio:
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o pólo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

.....

Assim contava, e c' um medonho choro
 Subito d'ante os olhos se apartou;
 Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
 Bramido, muito longe o mar souu.

Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que movesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

(*Camões, Lusíadas.*)

Á MOCIDADE.

.....
.....
E vós da patria minha, oh mocidade,
De quem os feitos celebrar desejo...

Mas porque um suspiro inopinado

O canto me entrecorta?

Porque se apagam de meu genio as azas,

Que estendidas nos ares flammejavam,

E esmorecidas cahem, qual ferida

Pela setta do indio

Soberba arára, no celeste vôo,

Em vortices, gemendo, baixa á terra?

Oh mocidade, ouvi, não meus accentos

Mas a voz da verdade,

Que em minh'alma troveja,

E me treme dos ossos a medula.

Vós sois como uma flor não bafejada

Pelo sopro vital da primavera,

Que mal nascida,—languida se inclina.

As lagrimas do misero captivo

Cahiram sobre vós, quando embalaram

Vosso berço seus braços:

Sangue do captiveiro alimentou-vos;

O vicio delle herdastes;

Senhores vos julgais, e sois escravos.

Entre feras nutrido, é fera o homem;

Doctrinado entre servos,

Afeito ao mando, a liberdade odeia,

E o peito se endurece.

E vós cuidais ser livres?!

Por vós, por vós só fallo, oh mocidade!

Ah não me destesteis, mau grado vosso

O mal herdastes,—mas o mal tem cura.

Ah quando bons costumes,

Pura moral, amor nobre e celeste,

Vos tomarão no berço?

Ah quando, ah quando a sã philosophia,

Sobre vós seus fulgores espargindo,

Desthonorará tunida indolencia,

Que em vossos climas se espreguiça, e o infesta,

E as portas á sciencia, e ás artes fecha?

O torvo egoismo, que p'ra si só olha,

E tudo em si concentra,

E os laços quebra que os humanos ligam

Em fraternal amplexo,

Quando, de vós fugindo, aos vossos olhos

Deixará que paixões, que alma ennobrecem
Sublimes resplandecem?

Alerta, oh mocidade!
A'patria por vós chama;
E o bem da humanidade
Vosso esforço reclama.

Alerta, erguei a fronte,
Medi vosso terreno,
E o valle, e o prado, e o monte
Se dobre ao vosso aceno.

Não diga o estrangeiro
Que vê tantas bellezas,
Que o povo brasileiro
É pobre entre riquezas.

Bani tanta vaidade;
Sciencia, industria, e artes,
São só da liberdade
Os firmes baluartes.

Erguei-vos, e sem susto
Luctai com o erro futil;
Amai tudo que é justo,
Santo, sublime, e util.

Alerta, oh mocidade!

A patria por vós chama;
E o bem da humanidade
Vosso esforço reclama. —

(Magalhães.)

NAPOLÉÃO EM WATERLOO.

Eis-aqui o lugar, onde eclipsou-se
O meteóro fatal ás régias fronte!
E nessa hora, em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dous ástros ao occaso caminhavam;
Tocadô ao seu zenith haviam ambos;
Ambos iguaes no brilho, ambos na quéda,
Tão grandes, como em hora\$ de triumpho!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela á humanidade!
Um oceano de pó, de fogo, e fumo,
Aqui varreo o Exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio
Ale seus tectos inundou Pompéa!

O pastor, que apascenta seu rebanho,
O córvo, que sanguineo pasto busca,

Sobre o leão de granito esvoaçando,
 O echo da floresta, e o peregrino
 Que indagador visita estes lugares:
 Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam. ...

Aqui morreram de Marengo os Bravos!
 Entretanto esse Heróe de mil batalhas,
 Que o destino dos reis nas mãos continha,
 Esse Heróe que co'a ponta de seu gladio
 No mappa das nações traçava as raías,
 Entre seus marechaes ordens dictava!
 O halito inflammado de seu peito
 Suffocava as phalanges inimigas,
 E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui'stava o genio das victorias
 Medindo o campo com seus olhos de aguia!
 O infernal retim-tim do embate d'armas,
 Os trovões dos canhões que ribombavam,
 O sibillo das balas que gemiam,
 O horror, a confusão, gritos, suspiros,
 Eram como um'orchestra a seus ouvidos!
 Nada o turbava! Abóbadas de balas,
 Pelo inimigo aos centos disparadas,
 A seus pés se curvavam respeitosas,
 Quaes submissos leões, e nem ousando
 Tocal-o ao seu ginete os pés lambiam!...

Oh porque não venceo? Facil lhe fôra:

Foi destino, ou traição?—A aguia sublime,
 Que devassava o céu com vôo altivo —
 Desde as margens do Sena até o Nylo,
 Assombrando as nações co'as largas azas,
 Porque se nivelou aqui co'os homens?

Oh porque não venceu? O Anjo da Glória
 O hymno da victoria ouviu tres vezes,
 E tres vezes bradou: —É cedo ainda!
 A espada lhe gemia na bainha,
 E inquieto relinchava o audaz ginete,
 Que sohia escutar o horror da guerra,
 E o fumo respirar de mil bombardas;
 Na pugna os esquadrões se encarniçavam,
 Roncavam pelos ares os pelouros,
 Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam,
 Encruzadas espadas, e as baionetas,
 E as lanças faiscavam retinindo:
 Elle só impassivel como a rocha,
 Qual de ferro fundido estatua equestre,
 Que invisivel poder magico anima.
 Via seus batalhões cahir feridos,
 Como muros de bronze, por cem raios;
 E no céu seu destino decifrava.
 Pela ultima vez co'a espada em punho
 Rutilante na pugna se arremessa;
 Seu braço é tempestade, a espada é raio...
 Mas invencivel não lhe toca o peito;
É a mão do Senhor a barrreira ingente:—

« Basta, Guerreiro! tua gloria é minha;
 Tua força em mim'stá; tens completado
 Tua augusta missão:—és homem:—Pará!

Eram poucos, é certo; mas que importa?
 Que importa que Grouchy surdo ás trombetas,
 Surdo aos trovões da guerra que bradavam:
 —Grouchy, Grouchy—a nós, eia, ligeiro;
 O teu Imperador aqui te aguarda;
 Ah não deixes teus bravos companheiros
 Contra a enchente lutar, que mal vencida
 Uma após outra em turbilhões se eleva,
 Como vagas do oceano encapellado,
 Que furibundas se alçam, luctam, batem,
 Contra o penedo, e como em pó recuam,
 E de novo no pleito se arremessam.
 Eram poucos, é certo; e contra os poucos
 Armadas as nações aqui pugnavam!
 Mas esses poucos vencedores foram
 Em Jena, em Montmirail, em Austerlitz.
 Ante elles o Thabor, e os Alpes, curvos
 Viram passar as aguias vencedoras!
 E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Euphrates,
 Em balde á sua marcha se oppozeram.

Eram os poucos que, jamais vencidos,
 Os seus dias contavam por batalhas,
 E de câas se cobriram nos combates;
 O sol do Egypto ardente assoberbaram,

A peste em Jaffa, a sede nos desertos,
A fome, e os gelos dos Siberios campos:
Poucos, que se não rendem; — mas que morrem!

Oh que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra elles pleiteiára,
Si Deus, que os via, não dissesse—Basta.—
Dia fatal de opprobrio aos vencedores!
Vergonha eterna á geração que insulta
O leão que magnanimo se entrega!—
Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte;
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram;
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo.

Que grande idéa occupa, e turbilhona
N'aquella alma tão grande como o mundo?

—Elle vê esses reis, que elle tirára
Da linha de seus bravos, lhe trahirem.
Ao longe mil pygmeus elle divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedonio outr'ora o Imperio
Entre si repartiram seus escravos.
Então um riso d'ira, e de despeito,
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito inda innocente de seu filho
 Sôa em seu coração! e de seus olhos
 A lagrima primeira se deslisa;
 E de tantas corôas que ajuntára,
 Para dotar seu filho, só lhe resta
 Esse nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah, tudo elle perdeu! A esposa, o filho,
 A patria, o mundo, e seus fieis soldados.
 Mas firme era a su'alma como o marmore,
 Onde o raio batia, e recuava!
 Jamais, jamais mortal subio tão alto!
 —Elle foi o primeiro sobre a terra:
 Só elle brilha sobranceiro á tudo;
 Como sobre a columna de Vendôme
 Sua estatua de bronze ao céo se eleva.
 —Acima d'elle, Deus—Deus tão somente!—

Da liberdade elle era o mensageiro.
 Sua espada, cometa dos tyrannos,
 Foi o sol que guiou a humanidade,
 Nós o bem lhe devemos que gozamos;
 E a geração fuctura, agradecida,
 —NAPOLÉÃO—dirá, cheia de assombro!—

(Magalhães).

● SECULO

Não tem o mundo completa
A obra da Redempção,
E é falsa a tocada méta
Da gloria e da perfeição:
Ha muitos rotos andrajos
Que ainda servem de trajos
Á intelligencia e ao saber,
E ha muita purpura que veste
A corrupção que estremece
Cambaleando a morrer.

Sempre o talento p'ra gloria
Sobe nos braços da Cruz!
Ha sombras densas na historia
Se ha reverbérios de luz.
É certo—a Pindaro um dia
Alexandre que vencia
A regia mão estendeu.
Mas... depois, ebrio de orgias,

Rio-se o mundo ás agonias
Do genio de Gallileu.

Vêde... As ondas ruidosas
De desvairada razão,
Querem fazer descuidosas
Um sceptro rolar por chão;
E que o Papa,—pés descalços—
Em silencio, atados braços,
Vá mendigar o seu pão,
De quem co'a amarga ironia
Quizer corromper-lhe um dia
A justiça, e o coração.

Vêde... a *força* em vil colonia
Um forte reino mudar;
Serve o pendão da *Polonia*
De tapetes ao *Czar*!
E vem o corvo da *França*
Firmado ao canhão e á lança
Nos *Mimbres* esvoaçar,
E no cadáver de um povo,
Dos *Azteques* o renovo,
Putrido sangue sugar.

E o *Brasil*,—moço, descrente—,
Ao que passa estende a mão,
Beim como o Job indigente
Mendiga um pouco de pão!

É-lhe um canto o seu passado
 —Terno, saudoso e magoad—
 Que n'um paramo expirou;
 O seu presente... um sarcasmo...
 Que a estatua do entusiasmo
 Ha muito nò pó tombou.

Mas... somos *David*! Que caia.
 Aos golpes da nossa mão,
 O *Golias* que desmaia
 Da tremenda corrupção...
 O povo encará o presente,
 Ri-se, coitado, descrente,
 Chora por nossos avós...
 Sejamos-lhe o *Palinuro*,
 Que um esplendido futuro
 Seja-lhe aberto por nós.

A sciencia... é o palladio
 Das modernas gerações...
 Que durma p'ra sempre o gladio
 Junto ao leito dos canhões...
 Quando Christo —ainda menino—
 Lá no delubro divino
 A verdade investigou,
 Dos antigos lidadores
 Cilícios —trocou por flores—
 E o saber santificou.

Dorme no seio das ondas
 O germen das tempestades,
 E no regaço dos povos
 Os triumphos das idades...
 Venha a luz... espanque os erros,
 Venha o Sansão... quebre os ferros
 Que nos lança a corrupção;
 Depois... das eras passadas
 Serão logo sepultadas
 Mesmo as glorias de Catão.

Levantem-se os cadafalsos
 Erguidos pela oppressão,
 E soergam-se esses falsos
 Apostolos só da razão...
 Como de Nero e Trajano
 Sorrio-se o genero humano
 Triumpharemos tambem...
 Mirem *Eisleben* os prophetas
 Dessas turbas indiscretas...
 Nós... fitaremos *Belem*.

Não importa qué o demonio
 Da materia e do torpor
 Zombe das nossas esp'ranças
 — Nossos vãos de condor —
 E essa a Siló moderna...
 Que saia della a luzerna
 Que cegue os reptis no pó...

Somos do povo os atletas...
Que ao som das novas trombetas
Caia a nova *Jerichó*.

Muita vez o genio, a gloria
Do seu *Nebo* avista alem,
E o mundo—bacchante incasta—
Da-lhe um riso de desdem...
Não importa... morre o povo,
Somos virente renovo,
De nós elle espera a luz...
Da morte gelam-lhe os frios...
Ressuscitemos-lhe os brios
Co'a crença, co'a fé, com a Cruz.

A. Milton.

EM TODA A PARTE.

Quando alta noite as florestas
Ao soprar das ventanias
Tenebrosas agonias
Trahem nas vozes funestas;
Quando as torrentes bravejão,
Quando os coriscos rastejão
Na espuma dos esgarceos,
Então á passos incertos
Procuro os amplos desertos
Para escutar-te, meu Deus!
Quando na face dos mares
Espelha-se o rei dos astros,
Cobrando de ardentes rastros
Os ceruleos alcaçares;
E a luz domina os espaços
Partindo da nevoa os laços,
Rasgando da sombra os véos,
Então resoluto, ufano,
Corro ás praias do oceano
Para mirar-te, meu Deus!

Quando ás bafagens do estio
Tremem os pomós dourados,
Sobre os galhos pendurados
Do pomar fresco e sombrio;
Quando á flôr d'agua os peixinhos
Saltitão, e os passarinhos
Se crusão no azul dos céos,
Então procuro as sovanas,
Me atiro entre as verdes cannas
Para sentir-te, meu Deus!
Quando a tristeza desdobra
Seo manto escuro em minh'alma,
E vejo que nem a calma
Desfructo, que aos outros sobra;
E do passado no templo,
Lettra por lettra contemplo
A nenia aos sonhos meos,
Então me afúndo na essencia
De minha propria existencia
Para entender-te, meo Deos!

- F. Varella -

DESENGANO.

Oh! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança,
Eu bem sei que são mentiras,
Que se dissipão, criança!

Assim como a luz profliga
As sombras da immensidade,
O tempo desfaz em cinzas
Os sonhos da mocidade.

Tudo descora e se apaga,
E' esta do mundo a lei,
Desde a choça do mendigo
Até os paços do rei!

A poesia é um sopro,
A sciencia uma illusão,
Ambas tactêão nas trevas
A luz procurando em vão.

Caminhão doudas, sem rumo,
Na senda que á dôr conduz,
E vão cahir soluçando
Aos pés de sangrenta cruz.

Oh! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança,
Eu bem sei que são mentiras,
Que se dissipão, criança!

Que me importa um nome impresso
No templo da humanidade,
E as corôas de poeta,
E o sello da eternidade?

Se para escrever os cantos
Que a multidão admira,
E' mister quebrar as pennas
De minh'alma que suspira!

So nos desertos da vida,
Romeiro da maldicção,
Tenho de andar sem descanso
Como o Hebréo da tradicção!...

Buscar das selvas o abrigo,
A sombra que a paz aninha,
E ouvir a selva bradar-me:
Ergue-te, doudo, e caminha!

Caminha! --dizer-me o monte
Caminha! —dizer-me o prado.
Oh! mais não posso! —Caminha!
Responder-me o descampado!

Ah! não me falles da gloria,
Não me falles da esperança,
Eu bem sei que são mentiras,
Que se dissipão criança!

F. Varella.

PARÁ.

I.

Quem me dera das florestas
Da minha terra de amores,
Respirar as lindas flores,
E escutar o sabiá!
Quem me dera ouvir das brisas
As suspirosas endeixas,
E as brandas chorosas queixas
Das aves do meu Pará!

É bem gentil minha terra
Com seus rios caudalosos,
Com seus bosques tão frondosos
Com seu puro céu de anil!
E' fresca rosa entre-aberta,
E' virgem bella encantada,
A princeza recatada
Do grande e rico Brasil.

O rei dos rios do mundo,
Dos altos Andes nascido,
Ficou de amores perdido
Ao vel-a tão bella assím.
E o louco, feliz amante,
Fez de seu collo, seu leito,
Pousou a fronte em seu peito
E jurou-lhe amor sem fim.

O mar immenso, indomavel
De seus amores cioso,
Como senhor orgulhoso
Seus gosos quiz partilhar;
Porém, o rio gigante
Lhe disse: «No seio della,
Da minha amada tão bella,
Nunca ousarás repousar.

«Tens por armas as borrascas,
As terriveis tempestades,
E julgas, todo vaidades,
Me encontrar imbelle a sós;
Mas tenho filhos potentes
Javarés, Tefés, Xingús,
Trombetas, Negros, Purús,
Madeiras e Tapajós.

«Podes vir que as furias tuas,
Que aos covardes causam medo,

Ensinarei o segredo,
Que faz o forte fugir.
Hei de viver no seu collo,
Sempre e sempre descuidoso
Em doce abraço amoroso
Ledo e risonho a dormir.

«Porque, embora os outros todos
Curvem-se a ti como escravos,
Meus filhos, fortes e bravos
Não me verão lutar só.
E sempre acharás alerta
Em perpetuas sentinellas
As minhas filhas mais bellas
Caviana e Marajó.

«Digam covardes que és forte,
Chamem-te embora de Atlante,
Que importa o seres gigante
Si eu tambem gigante sou?
Seja embora eterna a luta
Que eu tenha de ter contigo,
Tu não gozarás comigo
Deste regaço em que estou!»

II.

E o sol, que sem rumo vagava no espaço
Por ser testemunha de tanto valor,

No centro dos astros que formam-lhe a côrte
Parou sobre a linha chamada equador.

E vio que dos monstros a lucta inaudita,
O urso do tempo sem tregoa tornou;
Eterna a victória do rio invencível
A sofregos astros no céu proclamou.

III.

E' por ti, por ti somente,
Por teus encantos divinos,
Que os astros cantam mil hymnos
De victoria ao vencedor;
Pois o indigena gigante
Fôra por certo vencido,
Se não tivesse bebido
Coragem no teu amor.

E como não, si és tão bella,
Si tens na fronte esculpida
A benção dos céos descida
Em jorros de eterna luz?
Si do correr de teus rios
E' mais cadente o concerto
Que o trinar lá no deserto
Do rouxinol que seduz?

IV.

Minha patria, que infinda saudade
Sinto n'alma ao lembrar-me de ti!
No teu seio é mais doce o desgosto
Que os prazeres gozados aqui!
Muito mais qu' os prazeres malditos
Que eu encontro neste antro d'horror,
São tormentos qu'exhaurem minh'alma,
São pungentes escarneos á dor.

Aqui tudo tem laivos de morte,
Tudo é riste, mirrado e senil;
Não ha rios regando florestas,
Nem ha céu do mais limpido anil:
Ha montanhas de dorso escaldado
Ou vestidas de tosco burel,
Tendo areias nas bases por leito,
Negras nuvens no céu por docel.

Lá, no entanto, ao sorrir magestoso
Dessas mattas de infindo verdor,
Ao correr destes rios sem conta,
Quanta vida não vae, quanto amor!!...
Foi ahi que eu ameí a existencia;
Foi ahi que o porvir que chegou
Presenti perfumoso das crenças
Que indizível soffrer enfesou.

Dos teus rios pelas margens,
Dos teus bosques na espessura,
Não é mentira a ventura
Nem são esperanças miragens:
Tudo é grande, tudo é bello.

Tudo inspira doce anhelos,
Tudo diz: amor, poesia! . . .
E nessa harmonia immensa
O coração sente a crença
E no prazer se inebria.

Pelos pendores suaves
Dos teus formosos outeiros,
Os favonios são fagueiros
Como os gorgeios das aves.
E quer nos bosques frondosos,
Quer nos rios magestosos,
Quer do dia no fulgor,
Ou quer da noite no manto
Sempre a alma têm um canto
Para entoar ao Senhor.

Quão doce é lá quando escura
Já vai ficando a floresta,
Ouvir ao findar a sésa
O cantar da saracura! . . .

E quando, qual virgem bella,
Dormindo em lousa singela
Surge a lua triste e só
Com que magica tristeza
Se derramam na devesa
Os gritos do noitibó!

Ou quando pôr sobre as aguas
Da corrente adormecida,
Enche o silencio de vida
Um canto cheio de magoas;
As notas d'essa harmonia
Que conduz a brisa fria,
Perfumosa de humiry,
Parecem canções de fadas
Da noite em louvor cantadas
Nas ramas do burity.

VI.

Tu és, o minha patria, a mais formosa
Das mais formosas filhas do Occidente;
Das graças tuas tornão-se invejosas
As altivas rainhas do Oriente;
Ao ver-te córa a branca tuberosa,
Perde o perfume a flor mais recendente;
Fará por teu amor eternas guerras
Opoly'nimo, rei que cerca as terras.

Princeza de gigantes namorada,
Que não perde o pudor da infancia rude,
Pelas chuvas do céu vivificada,
Da belleza gozando a plenitude;
Sempre ingenua, singela e descuidada
Vais vivendo em perpetua juventude,
Sem o saberes, dando mil venturas
Ao sol que o mel te sorve ás faces puras.

E eu sou teu filho!.. oh sou, patria querida,
Diz-m'o no peito a languida saudade,
Que me adormece no pungir da vida
O profundo amargor da soledade.
Diz-m'o n'esta alma pela dor batida
Um não sei que d'estranha flicidade;
Um como sonho de esperança infinda
Que não pode morrer, que existe ainda!...

E vós, que viveis só por adoral-a,
Amazonas valente e poderoso,
E mar, que, em vão, deixar queres de amal-a,
Se um dia forasteiro audacioso
Tentar ao jugo seu escravisal-a,
Juntai vosso poder maravilhoso,
A terra inteira transformai por ella:
Não morra escrava, quem nasceo tão bella.

Julio Cezar.

A AGRICULTURA.

Tantos bens ao mortal reparte o campo !
Nos socios que lhe deo, lhe deo sustento
O soberano Autor dos céos e terra;
Oh cultura do campo, oh necessario,
Suavissimo mister aos homens dado,
Até quando a innocencia o imperio tinha
Da terra, não do crime alvergue impuro,
Mas da virtude e paz palacio e throno!
Da natureza toda, o estudo, a força
Se emprega em fecundar, servir a terra:
Despede o claro sol sobre ella os raios;
As fluctuantes nuvens lhe derramam
O bemfazejo humor; liquidas agoas
Lhe gyram como sangue as largas veias;
Pelos ares diáphanos brincando
Se agita o vento, que a refresca e nutre.
E sómente o mortal soberbo, e duro
Do sublime dever se affronta, e córa,
A que, innocente, a voz da Providencia,
Já destinado o tinha, e julga officio
Apoquentado e vil d'almas humildes

A terra dividir com liso arado:
 E julga só de gloria emprego digno,
 Alastrar de cadaveres a terra!
 Cyro sustenta na invencivel dextra
 O proficuo alvião. Da antiga Roma,
 Do antigo mundo os arbitros invictos,
 Curios, Fabricios, Scipiões, e Fabios,
 Da frente augusta os louros desatando,
 Da charrua o timão com elle enfeitam.
 Debaixo de seus pés se alegra a terra,
 Que o ferro triumphal lhe rasgue o seio;
 Dos abysmos medonhos, que a fortuna
 Ao solio preparou, fugindo um Cezar,
 Em pequeno jardim s'esconde, e vive;
 A consular secure, eburneo throno,
 Pelo humilde enxadão trocou gostoso.
 Oh, tres vezes feliz, quem foge e deixa
 Das cortes a impostura, o reboliço,
 Que solitário, incognito, não cura
 Das façanhas dos Reis; que só dest'arte
 Aos eclipses politicos se esquivá!
 Divina agricultura, eu palpo, eu vejo
 Teus dons celestiaes, e os teus presentes.
 Ingenuos são da ingenua natureza.
 Si ha dias puros, os mortaes te devem;
 Tu só nos dás riquezas sem remorsos,
 Sem ancias o prazer; tuas conquistas
 São conquistas de paz, virtude as doura;
 Nem são das armas ao furor devidas,

Nem se compram com lagrimas e sangue.
Feliz quem póde em solitario asylo
Esquecer-se do mundo e dos ingratos,
Dormir tranquillo á sombra do arvoredó,
E tranquillo acordar. Quem ama o canipo,
Quem ama a agricultura, ama a virtude.

José Agostinho de Macedo.

DESCRIÇÃO DO AMAZONAS.

Balisa natural ao Norte avulta
O das agoas gigante caudaloso,
Que pela terra alarga-se vastissimo;
Do Oceano rival, ou rei dos rios,
Se é que o nome de rei o não abate!
Pois mais que rei supera em pompa, e brilho.
No solio, á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos grandes ha rios no mundo!
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado,
Mil feudatarios rios vem pagar-lhe
Tributo perennal de suas agoas:
Resupino gigante se afigura,
Que estende os membros p'ra abarcar a terra;
Pujante assim no Atlantico se entraucha,
Ante si repellido o argenteo salso,
Como se elle na terra não coubera,
Ou como de inundál-a receoso,
Se mais longo, e mais lento a discorresse.

O Amazonas c' Oceano furioso
 Luta renhida trava interminavel,
 Para roubar-lhe o leito, e ronca, espuma,
 Qual no lago co'a cauda atada a um ramo
 Feroz sucuriúba horrida ronca,
 Quando sente mover-se em cima a lontra,
 E inchando as fauces, a cabeça eleva,
 Os queixos escancára, e a lingua sólta
 Para de uma só vez tragar o amphibio.
 Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas
 Para sorvel-o a larga foz medonha,
 Leguas abre setenta, a ingente lingua
 Estando de cem vezes nove milhas,
 Como uma longa espada, que se embebe
 Através do Atlantico iracundo,
 Que gemendo recúa no arremêso,
 E em montes, alquebrado, o dorso enruga:
 Armas, que arroja ao mar, são grossos troncos
 Arrancados na furia; são pedaços
 De esbroadas montanhas, que ellé mina:
 Seus gritos são trovões tão horrorosos,
 Que parece que ali baqueia o mundo;
 Aquosa, espessa nuvem se levanta,
 Como uma chuva contra o céu erguida,
 Reflectindo do sol c'loridos raios.
 Tal o conquistador que co' os despojos
 Dos reis desthronisados se opulenta,
 Ou co' os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro dos combates,

Envolto n'uma nuvem de poeira,
Na frente vae levando debandada
Ingente alluvião de imigas hostes,
E ante as portas de bronze do cast llo
Nova alterca victoria porfiosa.

G. Magalhães.

ABERTURA DO AMAZONAS.

(7 DE SETEMBRO.)

Epocha nova o pensamento inspira,
Em cada pagina a vereis radiante;
Nos marmores, nas télas e na lyra
De Christo a dextra repetio--avante!

MEDES LEAL.

O mundo marcha! a humanidade avança
Na florea senda que ao porvir conduz,
E ao som da orchestra que o trabalho lança
Por toda a parte se irradia a luz!

Rasgão-se as trevas! embebendo o espaço
Vôa silvando do progresso o plaustro;
Os povos liga em fraterno abraço,
Após deixando da opulencia o rastro!

Pulem-se os usos! se afervorão crenças
 Nesta cruzada que rompendo vem;
 Florestas invias, solidões immensas
 Da industria humana mil vestígios tem!

No dórso altivo de alterosas vagas
 Zombando ás iras do veloz tufão,
 Artes, sciencias em longinquas plagas
 Novâs conquistas demandando vão!

Palmas de gloria no lidar insano
 Enflora o homem na real cerviz;
 E em seus concertos o fremente oceano
 D'um pólo á outro seu poder rediz!

Agua altaneira, no sublime adejo
 Busca o ingenho região ignota,
 E todo acceso no febril desejo
 Tenta arrojado do infinito a rota!

Ora do abismo devassando o fundo
 Inquire a terra dos mysterios seus,
 Ora procura, Prometeu segundo,
 Na téla a chamma arrebatâr de Deos!

Marmores, télas, ou cinzel, ou lyra
 Da mente os lampos divinaes traduz!
 A' luz, á luz a humanidade aspira,
 Por toda a parte se diffunde a luz!

II.

Entanto, envolta em seu manto
D'espessos matos sombrios,
Jazia a terra d'encanto,
A filha do rei-dos rios!
Num leito de cordilheiras,
Ao roncar das cachoeiras
Pezado somno á dormir,
O sulco não divisava
Que a mão de Deos lhe traçava
No horisonte do porvir!

E emquanto, esquivava, calcava
Ouro, diamantes, rubins,
Que a lympba á seus pés rolava
Como fulvidos jasmims;
E a purpura da realeza
Que lhe déra a natureza
Tombar deixava no chão,
Criança doida, innocente,
De quanto valor insciente,
Pediundo—estendia a mão!

E vendo-a meiga banhar-se
Nas ondas do rio-mar,
Dos hombros á desfiar-se
De gemmas fulvo colar;
Bebendo os doces olores.

Contemplando os mil primores,
 Desta filha de Tupan,
 O estrangeiro suspirava
 E nos éstos se abrasava
 De cobiça estulta e van!

Fitando amoroso o lume
 De seus olhos de rubis,
 Sentia inveja e ciúme
 Dos *servicolas tupis*!
 Matava-no em doce enleio
 Mirar-lhe o tumido seio
 De adamantino esplendor;
 Sentia vivos pruridos
 Ao vêr-lhe em côlos brunidos
 De jaspe e marmor o alvor!

Porém a virgem selvagem
 Na sombra o ocio á fruir,
 Ouvia na voz d'aragem
 Peito d'estranhos á rir;
 E quando ao longe echoava
 Do progresso que passava
 Fragorosa e forte voz,
 Ella tranquilla dormia
 Do vento á rude harmonia
 Entre as salsas e os cipós.

Té que afinal voz potente

Quebrando a longa mudez
 De seu dezerto silente,
 Erguel-a desperta fez;
 Das selvas emmaranhadas,
 Das gigantescas arcadas
 De viridantes festões,
 Disse o echo ás cinco zonas:
 —Abra a porta o Amazonas
 Ao commercio das nações!—

E agora que o brilho reflecte na historia
 Da fulgida aurora que vem a romper,
 Reclina-te, ó lyra, nos braços da gloria,
 Saudemos em carmes do sol o nascer!

III.

Salve, aurora ridente e jubilosa
 De SETE DE SETEMBRO, em que fulgira
 Da liberdade o astro, afugentando
 Do céu da patria os turbidos negrumes
 Do feroz despotismo,—salve, salve!
 Sol do *Ypiranga*, que o Brazil festeja
 Na voz dos bardos, no troar dos bronzes,
 Nos hymnos triumphaes, que modulados
 Por cem mil boccas, nas soidões longinquas
 Do Amazonas ao Prata vão soando;
 Tu que viste dos livres a bandeira
Galharda tremular presagiando

Como um iris de paz dias de gloria;
 Eterno has de fulgir por entre as nevoas
 Da descrença e dos odios fratricidas,
 Vibrando a chamma de encendrado brilho
 Do coração nas aras sacrosantas!
 Teu Nome ha de echoar vivido sempre,
 Grató e solemne á ouvidos brasileiros !

Liberdade e progresso ! ethereos nunes,
 Que á humanidade os passos debeis firmão
 Na penosa ascensão que á Deos a eleva
 Pela mystica escada em sonhos vista
 Do neto d'Abrahão;—astros jocundos
 Que o verbo creador lançou no espaço
 Para brilhar da vida no horizonte,
 A' patria eterna o viajor guiando;
 —Eis o poema altisono, eloquente,
 Mais sublime que a voz de humanos vates,
 Que aos terminos do tempo em aureos carmes,
 Hade erguer-te nas azas da memoria,
 Sol do Ypiranga, ó sol da liberdade !

Como o genio tremendo da procella
 Grava, passando, co'as fulmineas azas
 De seu poder o sêllo immorredouro
 Sobre a fronte granitica das rochas;
 Assim na patria historia cinzelado
 Hade ficar o feito grandioso
 Que ás plagas do Equador abre o periplo

De luz e gloria que o porvir lhes guarda !

IV.

Gigante soberbo que os braços expandes
Os éstos sustando das vagas do mar,
E a ingente cabeça no colo dos Andes
Tranquillo repousas no teu dormitar;

Do imperio brasileiro sanhudo atalaia
Que a sombra não teme de imigo pavez,
E os troncos vetustos rolando na praia
Titão nos semelha na louca altivez;

No fundo lethargo de ha muito resonas
Aos cantos incultos dos incolas teos:
Accorda-te aos hymnos, ó grão Amazonas,
De aurora mais bella que raia nos céos.

Nas plagas fagucirás que arreia a natura
De flores, de fructos, de perolas mil,
Lá onde alimentas perénne verdura
E o céu se recama de limpido anil;

Da industria, das artes, da luz do progresso
Derrame-se jorros do ethereo clarão,
Das brenhas e selvas no mudo recesso
Rebôe do trabalho festiva canção.

Não vês? como um bando de ledas gaivotas
 Singrando-te as aguas mil naves lá vem;
 Da patria ao envite, de praias remotas
 Buscando riquezas, corrêrão d'além.

No panno garboso que as brisas floreão,
 No trom magestoso do bronzeo canhão,
 Nas flammulas varias que aos ventos ondeão,
 Festeja-te o orbe, flumineo sultão !

E o canto dos nautas te embala no'leito
 Que um numem somente podéra cavar,
 E ufano recebes o fervido preito
 Que o mundo das artes te vem tributar.

O Tibre, o Danubio, Tamisa orgulhoso
 Prodigios ostentão que o genio creou,
 Inveção-te as pompas do sólo ubertoso,
 Porvir esplendente que Deus te fadou!

Aos modulos echos de harpejos ethereos
 Que a mente arroubada nos céos julga ouvir,
 O Archânjo terrivel que esguarda os imperios
 Parece teus fados assim proferir.

V.

Exulta, ó filho d'oceano,
 Exulta, ó rei fluvial,

Que banhas o immenso plano
Da linha equinocial;
Lá onde cinge a natura
Manto d'eterna verdura,
Lá onde lymphá murmura
Sobre o topasio e crystal!

Exulta que a luz erguida
Já brilha nos teus sertões,
Commercio é seiva de vida
Que alenta, exalça as nações;
Que o digão—Roma e Veneza,
Do Adriatico a princeza,
Carthago e Tyro—a grandeza
Das Phenicias e Albions!

Nos serros alcantilados
Onde se aninha o condor;
Nos desertos acordados
Por selvatico rumor;
Nesses templos seculares
De florestas e palmares,
Onde os volateis cantares
Quebra da *inubia* o fragor;

Deixará bem fundos traços
Da industria humana o poder,
Quando lá dos regios paços
Favor ás artes descer;

Quando o sólo cultivado,
De pranto escravo regado
Não fôr, e livre o arado
Por mão de livres correr:

Então, nas 'margens virentes,
Da grandesa no arrebol,
Verás as molles ingentes
Tapando-te a luz do sol;
E as gerações, hoje erguidas,
Da velha Europa, abatidas,
Hão de aquecer-se, transidas,
A' luz do novo pharol!

Grániteas rochas talladas
Pela mão dos alvaneis,
Serão de templos arcadas,
Pilastras e capiteis;
Pedras que o musgo cobria,
Colossos de penedia,
Ornados de-laçaria
Serão por magos cinceis !

Em vez das grimpas frondentes
Que as selvas erguem aos céos,
Hão de elevar-se imponentes,

Zimborios e coruchéos;
Em vez do gemer d'aragens,
Entre as franças das ramagens,
Susurro de caramagens,
Voz de humanos escarcéos!

Da verga os troncos titaneos,
Harpas que vibra o tufão,
D'universo coetaneos,
Por terra alfim tombarão;
E em vez de frondes, velames,
Por cipós tendo os massames,
Enxarcias, cabos, estames,
Sobre as aguas boiarão.

Como as candidas nymphéas,
Debruçadas sobre o mar,
Cidades, burgos e aldéas
Hão de te as aguas mirar;
Industria, commercio e arte
Vingarão por toda parte,
E avante o patrio estandarte
Virás nações abrigar!

Exulta, exulta, ó gigante
Filho do sol do equador!

Do progresso a luz brilhante
Já te innunda d'esplendor!
De setembro o fausto dia
Que hoje a fronte te alumia
De glorias te presagia
Futuro deslumbrador!

S. H. M.

AMAZONAS. .

I.

Oh! SETE DE SETEMBRO! dia agosto!
Duas vezes te venera o brasileiro:
—Uma quando abraçou-se a liberdade,
—Outra livre abraçando o mundo inteiro.

Vem o dia surgindo risonho,
Lá das maltas por entre o arvoredo
Como acorda contente d'um sonho,
Meigo infante que pensa a sonhar;
E dos bosques o mesto segredo,
Que Tupan a seus filhos ensina,
Se desfaz em volátil neblina,
Que os raios do sol vem queimar.

Os effluvios do grato sertão,
Mais recrescem—rebentão haunilhas;
E os fructos que brota a estação,
De maduros se fazem rachar.
A corrente do rio nas ilhas,
Bate e corre qual sangue na veia;
E o galerno a soprar se recreia,
Com as aguas, quaes ondas do mar.

E estas aguas tão quedas outr'ora,
Ao correr das subtils montarias,
Se entumecem—se frisão agora,
Qual menina que quer namorar.
E fugindo as ygaras esguias,
Lhe's salpicão d'orvalhos as velas,
Semelhando-se ainda ás donzellas
Que se evadem, se as vão apanhar.

Todo o rio se arreia de flôres:
Basta ilha boiando lá passa;
Milhões d'aves cantando os amores,
Destas aguas, se cruzão no ar.
Pela aninga passeia alva garça;
Abre a petala a violeta da praia;
E no prado a assucena desmaia,
Se do sol o calor lhe vem dar.

Das florestas escuras—cerradas,
De traquás e mil outros cipós,
Sabem notas tão ledas, trinadas,
Tão sentidas que fazem chorar:
E' o hymno sabido da voz
Da saudosa gentil sururina,
Que louvando ao Senhor—em surdina—
Quer as horas do dia contar.

E do fundo das mattas umbrosas,
Tudo ás margens do rio já é,
Té as feras temidas—medrosas,
Este dia vierão saudar.
Boia á flux o feroz jacaré,
Que sahio lá do fundo das aguas;
E deixando seus antros sem magoas,
Vêm os monstros da terra e do mar.

Oh! SETE DE SETEMBRO! dia agosto!
Duas vezes te venera o brasileiro:
—Uma quando abraçou-se a liberdade,
—*Outra* livre abraçando o mundo inteiro.

II.

De pé sobre a rocha, coberta de flores,
Os velhos Tuchauas de si tendo ao pé,
Vestidos de pennas das cores mais novas,
O indio—BRAZIL—se ostenta qual é!

Por baixo, na base do monte elevado,
Em jorros serpeja um rio caudal;
Em força e grandeza semelha o oceano —
—Engaste d'esm'ralda n'um fino crystal!

BRAZIL, sobre a rocha, coberto de flôres,
Vestido de pennas, formoso que és!
Sentindo o marulho das agoas que paixão,
De teu AMAZONAS, banhando-te os pés!

Mil tribus errantes te rendem homenagem,
Na voz da infancia e passado senil:
E tu os abraças—ó rei das florestas,
Da America do Sul—potente BRAZIL!

A maça pesada—o valente tacape,
As flêchas, que fremem ao grito de guerra,
Deixarão—só trazem as simples taquaras
Novinhas, cortadas no cimo da serra.

Na guerra Marte—do saber nação!
 E tu dos mares colossal pujança,
 Este mar te offereço—Inglez pendão.

Tu onde as artes, a liberdade, a industria,
 Reinão unidas n'um amplexo forte,
 Eu te venero com respeito santo
 Symbolo da America que nos fica ao Norte.
 Tu que levaste a longiquas plagas,
 Da fé o facho da robusta luz. . .
 Eu te bemdigo, nessas cinco chagas,
 Lizia, que lembrão quem morreu na cruz.

E vós minhas irmans, que alem--no Prata--
 Comigo santa causa deffendeis,
 Entrai galhardamente nestas aguas,
 Que aqui lugar distincto encontrareis.
 Vinde vós nações todas do hemispherio,
 E vós que perto estaes—Perú e o Chil';
 Gozar vinde as riquezas d'este imperio,
 Que eu sou rico de mais, sou o —BRAZIL.

IV.

E os velhos das tribus; tocando os borés,
 Em gritos alegres louvarão Tupan,
 No centro do ocará pulavão contentes,
O gentil curumin, a faceira cuuban.

E as praias se peção das gentes que cheção,
Que alegres abração aquellas de cá;
Ao povo da Europa os filhos da America
Cantarão dançando no seu maracá:

— Viestes! — bem hajas,
Oh filhos das artes!
Disserão os velhos,
Tostados do sol;
Aqui ha mais vida,
Mais força na lida,
Mais alma bebida
No aroma da frol.

— Viestes! Disserão as filhas da selva,
Ao dar-lhes a mão,
Em doces enlaces — com o pejo nas faces,
Com gestos vivaces,
Puchando-as então.

Viestes cançados,
Nas redes de pennas
Podeis-vos deitar,
E á noite na taba,
Bem junto á fogueira,
Nas danças primeiras
Comnosco dançar.

— Ha tudo — nas matas,
 Vereis pelas veias
 Que correm das fontes,
 Os fios de ouros,
 Tão alvos e louros,
 Qual mel, que d'abelha
 Fendido cortiço,
 Nas folhas derrama
 Por cima do monte.

— Ficai—vou trazer-vos os fructos melhores,
 Aqui volto já.
 Me fica a dous passos— não temo o cansaço,
 Trarei no regaço,
 O que houver lá.

Viestes cançados,
 Nas redes de pennas
 Podeis-vos deitar.
 E á noite na taba,
 Bem junto á fogueira,
 Nas danças primeiras
 Comnosco dançar.

— Vereis diamantes,
 Talvez mais brilhantes
 Da luz ao clarão,
 Que em noites chuvosas,

Por bosques espessos,
Os fogos diversos
Que surdem do chão.

—Ficai! —nossos prados têm relvas macias,
De grato frescôr;
E sobre as collinas—cheirosas resinas,
E as bellas campinas,
Ornadas de flôr!

Viestes cançados,
Nas redes de pennas
Podeis-vos deitar.
E á noite na taba,
Bem junto á fogueira,
Nas danças primeiras
Comnosco dançar.

--Hireis ás tapéras
Em busca de caça,
De flecha ou de maça
Correr o jaguar.
Nas baixas sem viço
Que faz o oiteiro,
De pacas, certoiro
Caminho ha de estar.

—Ficai—pelas tardes, nas horas da sésta
 Suspira a trocal.

E os vinhos-cheirosos—bem feitos, gostosos
 De fructos famôsos,
 Vereis quanto val.

Viestes cançados,
 Nas redes de pennas
 Podeis-vos deitar.
 E á noite na taba,
 Bem junto á fogueira
 Nas danças primeiras
 Comnosco dançar.

— Se entre a oitycica,
 A onça-fareja,
 Acúa—esbraveja,
 E o sangue goteja,
 Ferida do arpão;
 Tupan vos prottegé,
 Podeis abraçal-a,
 Podeis suffocal-a,
 Deitando-lhe a mão.

— E sob a palmeira—em noite de lua,
 A' beira da fonte,
 Vereis a cutia—que ha pouco bebia.
Fazer comedia
Na fralda do monte.

Viestes cançados,
Nas redes de pennas
Podeis-vos deitar:
E á noite na taba,
Bem junto á fogueira,
Nas danças primeiras
Comnosco dançar.

—Iremos á pesca
No rio ou no lago,
De flecha ou arpão.
Vereis para as balsas
Os peixes correndo,
Marulho fazendo,
Que muitos lá são.

E os homens cantavão
Aos sons dos borés,
Nas relvas macias
Batendo com os pés.
E as meigas donzellas,
Ligeiras, singelas,
Da dança no ardor,
Com o pejo nas faces,
Com gestos vivaces,
Fallavão de amor.

E os velhos das tribus, tocando os borés,
Ao lado sentados das velhas matronas,

**E os jovens—e as bellas disserão a uma voz:
Oh! salve a abertura do grande Amazonas!**

**Oh! SETE DE SETEMBRO! dia agosto!
Duas vezes te venera o brasileiro:
—Uma quando abraçou-se a liberdade,
—Outra livre abraçando o mundo inteiro.**

A. Rocha Borba.

MONT' ALVERNE

I.

A multidão é muda: o templo immenso
Como o tumulto do mundo exhala apenas
O longo, ardente e tremulo respiro
D'um milhão de fies. Calou-se a orchestra,
Quêda-se o orgão:—a abobada sombria
Da casa do Senhor ampara as preces,
Que sóbem como o incenso e envia-as castas,
Ao seio do Infinito.

Os cirios ardem
E um vco medonho de tristeza e morte
Envolve o altar e o templo... Os olhos fitos
Na vazia tribuna anciosos tentam
Rasgar o espaço que os affasta ainda
Do propheta de Deus!

Emfim! Nas sombras
Uma sombra se eleva; sombra augusta,
Que do burel resurge como a aurora

Nas trevas rebentando; como a idéa,
 Que alenta a vida, que dá vida a um mundo!
 Curvam-se todos, todos tremem, arfam,
 Buscam, esperam. Um pavor ignoto
 Espalha-se na Igreja: o altar, a imagem,
 A cruz n'um mar de auréolas se banham.
 D'onde brota essa aurora? D'um propheta!
 Tanta luz d'onde vem? Do olhar d'um cego!
 — Mont'Alverne na terra e Deus no Eterno!

II.

Cego! Na fronte vasta, altiva e nobre,
 O dedo do Senhor gravára a idéa!
 Se a mão da Providencia a luz nas palpebras
 Apagou d'uma vez, se das pupillas
 A chamma activa se atufou nas sombras,
 É que o fadára Christo, é que o fadára
 A lei potente a divagar na terra
 Sem o pó conhecer! É que elle via,
 Ouvia, amava, os mundos presentira,
 Sem ver aonde os dedos seus tocavam!
 Era alma, era alma só! Luz, genio, estudo!
 Alma sublime, encarcerada, oppressa
 Nos mundanos grilhões! Elle era o raio
 Que as trevas fustigava! Era o estandarte,
 Que á frente sempre das fileiras ia
Mostrar o rumo ao viajor perdido!

Quando da cella ao pulpito corria,
 O templo inteiro palpitava como
 Se o coração da Igreja ás ondas claras
 D'esse novo Jordão sentisse o sangue
 Mais potente correr! e os impios tremulos
 Viam dos labios d'elle envolto em phrases
 Cahir o raio, o raio da verdade,
 Que nas azas do verbo ardente e eterno
 O erro fulminava!

Mont'Alverne!

Sublime cego! Apostolo sublime!
 Sim! não devera o teu olhar perder-se
 Nas misérias humanas! Em tu'alma
 Deus habitava, e o verbo teu banhava-se
 Na voz do Redemptor antes do pulpito
 Voar tremendo abalroando os mundos!

Gloria ha no campo em que as phalanges tombam
 Sob o gladio de Cesar! É sublime
 Prender ao dorso dos corseis pujantes
 O porvir e a victoria! É grande a espada
 Que em Marengo brilhou, e que brilhando
 Em Austerlitz e fulgindo sempre,
 Ebria de gloria mergulhou os copos
 E a lamina quebrada nos abysmos
 Do campo de Waterloo! É nobre, é certo!
 Gloria é lançar ao mundo as folhas fulgidas
 Da fulgida epopéa! É n'um só nome
 Amontoar mil seculos! É n'um sopro

Formar o alento d'um milhão de povos!
 Gloria é rasgar o espaço luminoso,
 Parar na Eternidade e sobre o mundo
 Deixar cahir espheras, astros, raios,
 Como syllabas de luz de polo a polo!
 Recordando o passado —Homero, Klopstok,
 Milton e Dante e Tasso e Eschylo e Sophocles !
 É santo o esforço que produz a penna!
 É grande a idéa que conduz a espada !
 Mas tu, levita! És mais do que um poeta,
 Um philosopho, um genio! és como a sombra,
 A sombra eterna do Senhor dos mundos,
 O phantasma de Christo abrindo os braços
 Ao peccador e ao justo, ao rico e ao pobre,
 Ao pequeno e ao grande, e em voz serena
 Chamando ao seio da oração, do allivio
 Os naufragos da vida! Isto é que é gloriol
 A espada é o coração, o grito a prece,
 O fumo o incenso, o escudo o altar de Christo,
 Do sangue . . o pranto que o peccado lava.

III.

Erguem-se ás vezes da mundana argilla
 Venenos e miasmas como se ergue
 Do chão das campas labareda impura,
 Que açoita os ares e nos ares morre!
 Tal d'entre os impios, vis demolidores
Das doutrinas mais santas! Renegados

Que em balde tentam derrocâr do Golgotha
A cruz da liberdade!—erguem-se brados,
Imprecações malditas! vozes lugubres,
Mortas em vida e de miseria eivadas!

N'essas frageis muralhas o teu verbo
Como gladio de fogo se enterrava
Nos combates da idéa! Santo Apostolo,
Luzeiro da verdade! As mudas folhas
Do Evangelho inda marcam o vestigio
Que tuas mãos deixaram. Na tribuna
Vê-se inda immovel tua sombra immensa!

Anchora etherea que no mar sereno
Das doutrinas de Deos prendeste á margem,
A barca dos Apostolos! Ninguém pôde
Ouvir-te a voz sem procurar nas nuvens
A porta do infinito! Ninguém pôde
Deixar de crer em Deus, quando ensinavas
Lettra por lettra as paginas sublimes
Dos poemas da Egreja! Ao teu aceno
As fronte se dobravam. Grande, altivo,
O teu aspecto, martyr, o teu porte,
Eleva-se aos céos tal como o cedro
A cuja sombra augusta, excelsa e limpida
Vinhão em bandos desgraçados, pobres,
O peccado e a virtude, o mal e a angustia.

Almas feridas, corações exaustos,
 Ganhar nova existencia, ouvir teus hymnos,
 Sorver o aroma que roubaste aos anjos!

O Redemptor de benções coroava
 Tua fronte serena e calma e liza
 Como os espelhos dos tranquillos mares!
 O Senhor dos exercitos se acaso
 Via errabunda a multidão esqualida
 Sem abrigo e sem pão lançando aos ares
 Imprecações e gritos, mergulhava
 A mão no espaço e vinha despertar-te
 No silencio do claustro, aos pés da Biblia.
 « Vai! Tuas vozes, teu amor, teus brados,
 Corram de espaço a espaço, e a turba errante
 Chamem ao templo, aos pés dos meus áltares:
 Falla! »

A tribuna abria-se e um vulto
 Surgia como da mudez das campas
 O espectro do passado. E qual se um manto
 Cingisse inteiro a multidão compacta,
 Vinha o silencio, na mudez dos tumulos,
 Cobrir o templo e os homens.. Mont'Alverne
 Era o enviado ás tribus; era idéa,
 Pensamento de Deos baixado á terra,
 Penetrando n'um claustro e após surgindo
 Das sombras d'um burel.—Propheta d'alma!

Tu foste o livro em cujas folhas puras
 A religião de Christo estampára
 As doutrinas mais santas:—onde o povo
 Vinha contricto decorar as maximas
 Que teu labio ensinava.

Onde teus carmes,
 Philosopho e poeta? Acaso, o mundo
 Perdeu-te? É certo que partiste a fronte
 Contra a pedra dos tumulos? Teu craneo
 A terra occulta? e os vermes no silencio,
 No mysterio e na morte despojaram
 O corpo teu e os ossos nús alvejam
 Quedos e frios na sombria terra?
 É certo, sim. A lei divina, eterna,
 Baixou sobre teu corpo e os restos caros,
 As ruinas d'um santo occultas jazem
 Sob a lapida funerea!

Estrella d'alva/
 Que o norte sempre ás multidões mostraste
 Nas vorazes tormentas! Mensageiro
 Enviado dos céus, — querida,
 De cujas azas bra. — aphanas,
 O orvalho, o aroma, o alisamo cahia!
 Bem como um sonho que se esvae nas lagrimas
 Sumiste-te na bruma, — abalroaste
 A fronte d'oiro no feral sepulcro!

IV.

Era pequeno o espaço em que vagavas/
O oceano ás nuvens salta, as praias rompe
E a terra treme de pavor sentindo
As entranhas feridas. Quem podéra
Sondar o espaço de teu cráneo, as ondas
De teu fundo pensar? O mundo absorto
Ouvindo-te, pasmando, recolhia
No seio exausto a vida, o pensamento
Que em turbilhão lançavas,—evitando
Fitar o oceano em que encontrára as perolas/

Aguaia altaneira! A tempestade ousada
Tentou tolher-te o vôo! Sobre os cimos
Pairaste um'hora,—e após abrindo as azas
Açoitaste a amplidão! Embalde as nevoas
Em columnas se erguiam! sempre altiva
Ias cortando o plaine do infinito!
Quem se arrojára em teu caminho? O oriente
Quando passaste illuminou-se! A terra
De floco em floco evaporou-se ao longe!
Só! ías só! Ninguém seguir-te onzáral
Nem tua sombra!

Ancioso, exausto, morto
Chegaste, enfim! E tu que o mundo inteiro
Arrojaste a teus pés—tu que n'um gesto
As multidões prendias. nuvem d'ouro

Nos céos te evaporaste. . . .

Oh! se isto é morte,
A morte é o sol da campa!—Anjo indizível,
Tu não morreste, não! Homem, cahiste,
Genio, te ergueste,—martyr, ressussitas:
—Morres na campa e vás surgir em Deus!
Archanjo rei! Deu-te o universo um tumulto,
Um epitaphio eterno que atravessa
De polo a polo a terra onde se sabe
Beixar a Cruz e a Biblia,

O sol mergulha

Nas rubras vagas e ergue-se mais fulgido
Quando as trevas espanca, e a tua imagem?
E o nome teu? Succeda o dia ao dia,
A noite á noite, os séculos aos séculos,
Do tempo as rodas rolarão sombrias
Por cima do teu nome,—qual do oceano
No dorso escuro as impotentes frotas!
Pedra por pedra as ambições derrubem
Os altares e o templo.

Em vão! teu nome
Deus estampou n'um beijo sobre a fronte
Do velho Christianismo!

Em vão! teu nome
De edade a edade ondulará solemne
Como a alma d'um seculo:—Immenso, enorme,
Bem como a cruz em cujos braços negros
Tu te cazaste á Eternidade e á Gloria!

L. G. P. Guimarães Junior.

E vi-o, animoso, do povo cercado,
 Cuspindo n'um throno, rasgando um pendão!
 E ardente, e sentido dos regios caprichos,
 Bradando: -«Eia, ás armas! Resurja a nação!

Depois... oh, que dia... q'infausto combate!
 No meio dos campos... a sós... sem ninguém,
 Debalde procura... procura salvar-se!
 Por causa do Chaves, dos Cunhas tambem!

Então, cáe ao golpe de torpe assassino...
 D'infames sicarios da imiga facção!
 Ai, foi um luseiro que breve apagou-se...
 Do norte era um genio; seu nome—Tristão!

III.

Morreu como mart're! Nas lutas da patria
 Gastou sua vida, seu sangue verteu!
 Sonhava-a liberta do jugo nefario, ,
 Sonhava-a ditosa... lutando morreu!

E quando ferido da bala homicida,
 —Brazil, liberdade! — expirando bradou:
 Cumpriu seu destino! Coberto de louros
 Qual astro brilhante no occaso tombou.

E os ares fendendo sua alma divina
Filguciras espera na santa mansão,

E Andrade e Gonçalo, cantor inspirado,
E os outros... os mart'res do patrio torrão.

E os livres choravam ao vê-lo partir-se
Da patria... esse esteio de tanto vigor!
Assim como choro... Lutei a seu lado,
E a frente beijei-lhe... sem vida, sem côr.

Morreu! Mas seu nome luzente de gloria
Jamais esquecido de todos será;
Seus feitos heroicos escriptos ficaram
Nas lendas do povo, nos cantos de cá.

E agora os repito... chorando saudosos...
Vindouros, ouvi-me; contai-os, irmão:
Foi elle um luzeiro que breve apagou-se,
Do norte era um genio; seu nome—Tristão.

O OCEANO

Tu és a idéa mais soberba e vasta
Que do genio de Deos ha rebentado,
Oh! mar nunca vencido! A Eternidade
Revela-se em teus brados furibundos,
Quando alta noite as vagas se abalroão
Coroadas de electricas scentelhas;
A intelligencia soberana e excelsa
Ostenta-se em teu rosto á madrugada,
Quando a essencia da luz profliga as sombras
E o globo inunda de esplendor e glorias....
Guarda o misterio de teu seio augusto!
Não serei eu—miserrimo!—Quem busque
Solevantar-lhe o véo!—Dentro em minh'alma,
Na dôr que me consome te' conceito,
Basta-me ver-te das espadas amplas
Sacudir as armadas dos tyrannos;
Basta-me á noite presentir-te ao longe
Atirando garboso ás nebulosas
Diademas de perolas nevadas;

Basta-me apenas contemplar-te, altivo,
 Cuspindo aos homens que a teus pés rastejam
 A fervida saliva do despreso!

.
 Quantos imperios celebrados, fortes,
 Não florecerão de teu throno ás bases,
 Sublime potestade! e onde estão elles?
 O que é feito da Grecia, Tyro e Roma,
 Carthago a valerosa? As vagas tuas
 Lambião-lhe os muros, quer nos tempos
 De paz e de bonança,—quer na quadra
 Em que chuvas de settas se cruzavão.
 A' face torva das hostis phalanges!
 Tudo alluio-se, transformou-se em cinzas,
 Sumio-se como os traços que o remeiro
 Deixa da Nubia na revolta arêa!
 Só tu, oh! mar sem termos, immutavel
 Como o quadrante lugubre do tempo,
 Ruges, palpitas sem grilhões nem péas!
 Nunca na face d'esse azul sombrio,
 Onde tranquillias, ao soprar das brisas,
 Poesias do Céu, flores do ether,
 As estrellas se mirão namoradas;
 Nunca o fogo e a lava, a guerra e a morte,
 As frotas dos tyrannos hão deixado
 Um vestigio sequer de seus ultrages!
 Tal como a tarde do primeiro dia
 Que o espaço defloram, hoje te ostentas
Na tua magestade horrenda e bella!

.
 Espelho glorioso onde entre fogos
 Se mira omnipotente, nas tormentas,
 A face do Senhor! Monstro atrevido
 Cujas garras de bronze o globo abração,
 Até que um dia—quem o sabe!—exhausto
 Lance o alento final!.... ai! no teu seio
 Talvez tremendo espirito se agite,
 Mixto ignoto de paixões sem freios,
 Cuja expressão vislumbra-te nas faces,
 Ora hediondas de compressos musculos,
 Ora doridos como a virgem morta;
 Na flôr da juventude, ora risonhas
 Como a loura criança que repousa
 Sobre o collo materno adormecida!

.
 Niobe eterna! de teu ventre tumido
 Os gigantes do abysmo apparecerão,
 Em cujo dorso de argentadas conchas
 Os raios das estrellas resvallarão.
 De teu lodo fecundo, inextinguivel,
 Brotarão continentes, cujas grimpas
 Ião bater na abobada cerulea;
 Teus paços de coral e de esmeraldas
 Encerrarão princezas vaporosas,
 Louras ondinas, encantados genios,
 Soberbas divindades! Entretanto
Viste tudo passar! Perdeu-se a Atlantida,
Sumirão-se na sombra os bronzéos deoses,

E nem restou-te aquella que nascida
De teus flocos de espuma, deslumbrára
O Olympo e a terra com seus olhos laugues!

.
Oceano sem fundo! Antros sem nome!
Moradas da poesia e da tristeza!
Emblema do infinito... ai! desde a infancia
Preso na teia de attracção divina,
Eu vos busquei sedento! Sobre as praias
Curvas como os alfanges dos Mouriscos
Eu me perdia nos doirados dias,
Na santa primavera, ouvindo os rinchos
Dos marinhos corseis, molhando as plantas
Na gasa salitrosa que envolvia
A arêa scintillante! Horas e horas
Passava no fastigio dos rochedos,
Fitos os olhos na planície immensa,
Como tentando comprehender a historia
D'esse elemento indomito e terrivel!....
Amo-te ainda, oh! mar! amo-te muito!
Mas não tranquillo humedecendo a prôa
Da gondola lasciva, nem chorandô
Aos olhares da lua! Amo-te ousado,
Violento, estrondoso, repellindo
Os vendavaes que roção-te nas crinas;
Quebrando a asa de fogo que das nuvens
Procura-te domar; batendo a terra
Com teus flancos robustos; levantando
Triumphante e feroz no tredo espaço,

A cabeça vendada de ardentias!
Amo-te assim, oh! mar! porque minh'alma
Ve-te immenso e potente, desdenhoso
As humanas cõbiças derribando!
Amo-te assim; ditoso no teu scio,
Zombo do mundo que meu ser esmaga,
Sou livre como as ondas que me cercão,
E só á tempestade e á Deos me curvo!

F. Varella

RESIGNAÇÃO

De meus dias as horas vão contadas:
Poucas me restam já! sei que vivi
Pela conta das lagrimas choradas,
Que ventura e prazer não conheci.

A morte que vem perto, e lentamente
Me consome e devora sem cessar,
Recebo-a, ao despedir-me, alegremente,
Folga o meu coração, não sei chorar!

Se a providencia quiz, se quiz a sorte
Que penasse no mundo o que eu penei;
Como o cysne expirando encaro a morte,
No derradeiro extremo cantarei.

Minh'alma toda inteira n'este canto
De mesquinhas prisões se vae soltar:
Embebido n'um só affecto santo
Folga o meu coração, não sei chorar!

Como, do templo a lampada que expira,
 Derrama em torno a si mais brilho e luz,
 As cordas que se partem d'uma lyra
 Vão resoar, gemendo, aos pés da Cruz.

Só o homem, vaidoso, a sepultura
 Não sabe sem pavor inda encarar;
 Mas eu na morte, em fim, acho doçura,
 Folga o meu coração--não sei chorar!

O que é a vida p'ra valer que a chorem,
 Se em seguida ao prazer renasce a dôr;
 O que é a vida p'ra valer que a adorem,
 Se no mundo á traição chamam amor!

Trabalhar e soffrer é nossa sina
 Enquanto a morte eterna não chegar;
 Embora longe da mansão divina,
 Folga o meu coração, não sei chorar!

Chore embora quem prêsa a vida sente
 Aos olhos da mulher sua afeição,
 Como a era que abraça docemente,
 As ruínas de um portico pagão;
 A' mim que nada no mundo me tem preso,
 Que as minhas afeições vi desabar,
 A vida e mais as lagrimas desprezo,
 Folga o meu coração, não sei chorar!

*Em tudo semelhante á essas ayes
 Que despresam dos campos o matiz,*

E que só pelos canticos suaves
 As conhecem os seus, no seu paiz:
 A ellas semelhante é o poeta
 Que busca a solidão para cantar:
 E que pode dizer á mente inquieta:
 Folga o meu coração, não sei chorar!

Como o bronze sagrado do mosteiro,
 Que alegria e prazer, que o riso e a dor
 Confunde n'um só canto derradeiro,
 Que manda ao throno excelso do Senhor:
 Depurado de fel, o sentimento
 Que no peito uma vez deixei entrar
 Embora convertido em meo tormento:
 Folga o meu coração, não sei chorar!

L. A. Palmeirim.

F I M .



INDICE

PARTE PRIMEIRA

	<i>Pags.</i>
Prologo.	5
Só o amor de Deos é o verdadeiro amor. .	7
A cubica e a sensualidade são as causas principaes do perdimento do mundo. .	8
Como se deve fazer a prédica. .	9
O que constitue o pregador. .	10
O melhor e maior premio das acções heroicas. .	12
Exemplo de confiança em Deos. .	14
Exemplo de religião e culto. .	16
Exemplo de fé e palavra. .	17
Exemplo de amor filial. .	18
Exemplo de amor da patria. .	20
Exemplo de continencia. .	22
Exemplo de humanidade e clemencia. .	23
Exemplo de abstinencia .	25
Exemplo de amor fraternal. .	27
Exemplo de amor da patria. .	29
Descripção da formosura. .	31
Descripção da alma. .	31
Descripção dos ultimos momentos da vida d'um peccador. .	33
Descripção de um finado. .	34
Descripção da peste. .	35
Descripção do Amazonas. .	37
Descripção dos effeitos da necessidade. .	40
Descripção da fortuna. .	41

	<i>Pags.</i>
O que é homem de bem.	42
Onde se devem collocar os homens.	45
Vantagens da paz.	46
Dos deveres civis do cura.	48
A Religião	58
A Preguiça.	62
A Tempestade.	65
Viveremos nós depois desta vida.	69
A Maledicencia.	72
As ordens religiosas.	74
O Clero.	83
Da necessidade e da existencia da religião em geral.	86
A Moral.	93
* A Morte.	105 +
A Escravidão.	107
Moral publica.	118

PARTE SEGUNDA.

Poeta.	3
A Tempestade.	7
Tristeza.	10
Canto.	13
O Opulento.	15
Scismas á noute.	18
O Vagalume.	21
Infancia e velhice.	23
Á mocidade academica.	25
Deos.	27
O poeta desterrado.	29
Septicismo e crença.	35
Meditação,	37

Pags.

Isolação nas lagrimas.	. 40
Atilhas.	. 42
Verdade.	. 44
Uma esperança.	. 49
Mar.	. 50
Mendigo	. 56
sa no Mar.	. 62
canto do guerreiro.	. 66
iz de Camões.	. 70
amastor	. 74
nocidade.	. 80
poleão em Waterloo.	. 84
Seculo.	. 90
i toda a parte.	. 95
sengano.	. 97
rá	. 100
Agricultura.	. 108
scripção do Amazonas.	. 111
ertura do Amazonas.	. 114
razonas.	. 126
nt'Alverne.	. 139
istão de Alencar.	. 148
Oceano.	. 152
signação	. 157

ERRATAS

PARTE PRIMEIRA.

<i>Pags.</i>	<i>Lins.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
5	10	rasgos do	rasgos dos
8	14	trez	tres
11	13	<i>pœnienti</i>	<i>pœnitentiam</i>
15	6	desboratou	desbaratou
23	6	alegrou ₂	alegrou,
	16	beroica	heroica
24	21	mas	mais
30	7	elle	ella
36	11	teria	tira
40	22	e nem	em
41	5	só	os
	14	a que	o que
44	32	é quem merece	é que merece em
46	11	a qual causa.	a qual cousa
47	7	despois	depois
48	21	abrigado	obrigado
52	13	a expedição	a explicação
53	13	Devem	Deve
29-30		alternadamente e dothrono:	alternadamente e throno:
54	2-3	A religião, poreo no extremo	A religião govern eterno
55	15	do seu paiz.	de seus pais.
	26	nos	vos
	28	offrecer-vo-la	offerece-la
57	1	póde	póde
	2	nosso	negro
	4	dás meninas	dos meninos

